



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem

SARAH POLI BARBOSA

Análise do /s/ em coda na fala de migrantes
alagoanos e paraibanos em Campinas

Campinas
2022

Sarah Poli Barbosa

ANÁLISE DO /s/ EM CODA NA FALA DE MIGRANTES
ALAGOANOS E PARAIBANOS EM CAMPINAS

Monografia apresentada ao Instituto de
Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciada em
Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Livia Oushiro

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA MONOGRAFIA DEFENDIDA POR
SARAH POLI BARBOSA E ORIENTADA PELA
PROF^a. DR^a. LIVIA OUSHIRO.

CAMPINAS
2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Tiago Pereira Nocera - CRB 8/10468

B234a Barbosa, Sarah Poli, 1998-
Análise do /s/ em coda na fala de migrantes alagoanos e paraibanos em
Campinas / Sarah Poli Barbosa. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Livia Oushiro.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Sociolinguística. 2. Contato linguístico. 3. Língua portuguesa - Dialectos. 4.
Migrantes internos. I. Oushiro, Livia, 1980-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Analysis of coda /s/ in the speech of Alagoan and Paraiban migrants
in Campinas

Palavras-chave em inglês:

Sociolinguistics

Languages in contact

Portuguese language - Dialects

Internal migrants

Titulação: Licenciado

Banca examinadora:

Livia Oushiro [Orientador]

Anna Christina Bentes

Marcelo Alexandre Lopes de Melo

Data de entrega do trabalho definitivo: 07-12-2022



A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Monografia, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 07 de dezembro de 2022, considerou a candidata Sarah Poli Barbosa aprovada com nota máxima.

Prof^ª. Dr^a. Livia Oushiro
Presidente da Comissão Julgadora

Prof^ª. Dr^a. Anna Christina Bentes
IEL/UNICAMP

Prof. Dr. Marcelo Alexandre Lopes de Melo
Faculdade de Letras/UFRJ

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria de Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem.

*Ao meu pai, Marcos Barbosa (in memoriam),
que dedicou toda sua vida a fornecer a
melhor educação possível para mim.*

Resumo

Esta pesquisa analisa quatro variantes de /s/ em coda – alveolar [s], palatal [ʃ]/[ʒ], aspirada [h] e zero fonético $\emptyset$ –, como em *mesmo* e *mas*, na fala de 22 migrantes alagoanos e 18 migrantes paraibanos residentes na Região Metropolitana de Campinas, estratificados em Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência. A análise é feita à luz dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]) e da literatura sobre acomodação dialetal e /s/ em coda. A variável é analisada a partir de três processos fonético/fonológicos: Palatalização (palatal vs. alveolar), Apagamento (zero fonético vs. alveolar/palatal/aspirada) e Aspiração (aspirada vs. alveolar/palatal). O principal objetivo foi o de contribuir para as generalizações do *Projeto Processos de Acomodação Dialetal* (Oushiro, no prelo-b), contrapondo novos resultados aos prévios, nos quais se haviam verificado: a correlação de variáveis fonéticas, mas não de variáveis morfossintáticas, com a Idade de Migração do migrante; a correlação de variáveis salientes, como /r/ em coda, com o Tempo de Residência; e correlação de variáveis diferenciadoras do *continuum* urbano-rural com o Gênero dos falantes. A partir das entrevistas sociolinguísticas, as ocorrências de /s/ em coda foram codificadas e analisadas na plataforma R (Core, 2019-2022), em testes de qui-quadrado e modelos de regressão logística. Dentre as ocorrências das quatro variantes, observaram-se as distribuições de 76% de alveolar, 11,6% de palatal, 10,1% de zero fonético e 2,3% de aspirada. Para a Palatalização, observou-se correlação com as variáveis Posição na Palavra, Tempo de Residência e Idade de Migração (palatal favorecida por posição medial, menor tempo em Campinas, falantes que migraram mais velhos). O Processo de Apagamento, por sua vez, demonstrou correlação com as variáveis Posição, Contexto Fonológico Seguinte, Gênero, e Idade de Migração (zero fonético favorecido em posição final, contexto seguinte sonoro, e por falantes homens e que migraram mais tarde). Por fim, a Aspiração não demonstrou correlação com nenhuma das variáveis incluídas no modelo de regressão logística. Assim, a Palatalização e o Apagamento, como esperado para variáveis fonéticas, apresentam correlação com Idade de Migração. A Palatalização, considerando um maior grau de saliência para a variante palatal, também apresenta correlação com o Tempo de Residência. O Apagamento, como variável diferenciadora do *continuum* rural-urbano, também apresenta correlação com Gênero. Por outro lado, para o processo de Aspiração, observou-se um comportamento inesperado, tendo em vista que não houve correlação com nenhuma das variáveis linguísticas e nem com as variáveis estratificadoras da amostra. Pode-se concluir que as generalizações propostas pelo Projeto Acomodação são mantidas, de modo geral. Desse modo, este estudo contribui com o mapeamento e para maiores generalizações sobre processos de mudança que ocorrem na fala de migrantes internos em situação de contato dialetal.

Palavras-chave: Sociolinguística; acomodação dialetal; contato dialetal; migrantes; português paulista; /s/ em coda.

Abstract

This paper analyzes four variants of coda /s/ – alveolar [s], palatal [ʃ]/[ʒ], aspirated [h] and phonetic zero $\emptyset$ –, such as in *mesmo* (‘same/even’) and *mas* (‘but’), in the speech of 22 Alagoan migrants and 18 Paraiban migrants residing in the Campinas Metropolitan Area, stratified according to Gender, Age of Arrival, and Length of Residence. This analysis is carried out under the assumptions of Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]) and the literature on dialectal accommodation and coda /s/. The variable is analyzed under three phonetic/phonological processes that encompasses it: Palatalization (palatal vs. alveolar), Deletion (phonetic zero vs. alveolar/palatal/aspirated) and Aspiration (aspirated vs. alveolar/palatal). The main goal of this paper is to contribute with the generalizations of *Projeto Processos de Acomodação Dialeto* (Oushiro, no prelo-b), comparing new results to the previous ones, in which the following had been found: the correlation of phonetic variables, but not of morphosyntactic ones, with the migrant’s Age of Arrival; the correlation of salient variables, such as coda /r/, with Length of Residence; and the correlation of differentiating variables of the urban-rural continuum with speakers’ Gender. In order to do so, based on sociolinguistic interviews transcribed on ELAN (“ELAN”, 2022), tokens of coda /s/ were coded and later analyzed in R (Core, 2019-2022) via chi-square tests and logistic regression models. Among the occurrences of the four variants, the distribution observed was 76% alveolar, 11,6% palatal, 10,1% phonetic zero and 2,3% aspirated. For Palatalization, correlations were observed with the variables Position in the Word, Length of Residence and Age of Arrival (the palatal is favored in medial position, shorter time living in Campinas, by speakers who migrated at an older age). The Deletion Process, in turn, exhibited correlations with the variables Position in the Word, Following Phonological Context, Gender, and Age of Arrival (the phonetic zero is favored in final position, following voiced segment, and by male speakers who migrated later). Finally, Aspiration showed no correlations with any of the variables included in the logistic regression model. Thus, Palatalization and Deletion, as expected for the phonetic variables, showed correlation with Age of Arrival. Palatalization, considering the palatal variant salient, also showed correlation with Length of Residence. Deletion, as a differentiating variable of the urban-rural continuum, also presents a correlation with Gender. On the other hand, Aspiration displayed an unexpected behavior, as there was no correlation with any of the linguistic variables or with the stratifying variables of the sample. It can be concluded that the generalizations proposed by the Projeto Acomodação are generally maintained. Thus, this study contributes to the mapping and to further generalizations about processes of change occurring in the speech of internal migrants in a dialect contact situation.

Keywords: Sociolinguistics; dialect accommodation; dialect contact; migrants; São Paulo Portuguese; coda /s/.

Agradecimentos

Esse trabalho é uma síntese de toda a dedicação que tive nos cinco anos de graduação e que agora chega ao fim para que uma nova fase se inicie. Apesar de todo empenho individual que tive, concluir esse processo não teria sido possível sem pessoas incríveis ao meu lado, orientando-me e me apoiando emocionalmente.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer àqueles que investiram tudo que tinham e tudo o que não tinham na minha formação, mostraram-me o verdadeiro significado da educação e da dedicação para a construção do meu caráter. Agradeço ao meu pai, Marcos Barbosa, por sempre ter sido presente, por ter feito até mesmo o impossível para que minha única preocupação na vida fosse somente a educação e por me motivar sempre a fazer o melhor para ser seu motivo de orgulho, mesmo agora que não pode mais estar presente. Agradeço à minha mãe, Eliana Poli, por todo o carinho e cuidado, por todo o abraço de conforto e por todas as risadas que tirou de mim nos momentos mais difíceis. Agradeço também ao meu irmão, Maycon Barbosa, que me ajudou a lidar com todos os problemas que a vida não nos prepara para lidar e que foi uma das pessoas que mais torceu por mim e pela minha formação nos últimos anos.

Agradeço especialmente à minha orientadora, Livia Oushiro, por todas as oportunidades de aprendizado como aluna e como pesquisadora e por ter acreditado no meu potencial. Todo o cuidado e atenção durante os últimos anos para me ensinar e orientar meus projetos me marcaram profundamente e jamais esquecerei. Sob sua orientação tive contato com conhecimentos e possibilidades que eu não sabia que existiam e que poderiam ser de meu interesse.

Sob sua orientação, pude participar do VARIEM, ao qual sou grata por todo apoio, acadêmico e emocional. Juntos fizemos uma longa jornada de aprendizado, sem o qual não seria possível a elaboração desta pesquisa. Agradeço especialmente à Danielle Bento, por compartilhar momentos semelhantes do processo de pesquisa comigo; ao Gustavo Silveira, ao Gabriel Catani e à Júlia Adams, por me acolherem e acolherem minhas dúvidas, principalmente nos meus anos iniciais no VARIEM, e pelos comentários críticos em relação à minha pesquisa que me impulsionaram a repensar e melhorar o processo; ao Leonardo Ferraz, à Iris Dutra, ao Alexandre Zhu e à Bianca Krauze por estarem presentes nos últimos meses, me dando força e apoiando minhas conquistas; ao Almir de Oliveira, não só pelo apoio emocional e pelas conversas enriquecedoras, mas também pela visão crítica sobre meu trabalho, que foi fundamental para realização da pesquisa, e pela amizade; e também sou profundamente grata aos demais integrantes do VARIEM, Emerson Souza, Natasha Mourão, Joana Figueiredo, Amanda Trubano, Clara Orlandi e Alane Luma pela companhia e pelas reuniões produtivas ao longo dos anos.

Agradeço ao meu namorado, Pedro Guemureman, pelo companheirismo, pela compreensão e por me acalmar em diversos momentos. Também sou grata aos meus amigos Thainá Guinami, Giovani Guinami e Vitor Rodrigues por ouvirem minhas queixas e me auxiliarem durante todos os anos que têm estado em minha vida. Ao meu

amigo Benjamin Pimenta sou grata por estar nessa jornada comigo desde o primeiro ano de graduação e, especialmente, por tudo que me ensinou.

Agradeço à professora Anna Bentes e ao professor Marcelo Melo por aceitarem o convite para fazer parte da banca. Os dois são grandes inspirações para mim e é uma honra que possam avaliar minha pesquisa.

Por fim, agradeço ao SAE (Serviço de Apoio ao Estudante) pela Bolsa Auxílio Permanência que foi responsável pelo início da minha pesquisa, além do PIBIC/CNPq que financiou esta pesquisa nos últimos dois anos (Processos: 125525/2020-6; 135877/2021-0).

Sumário

1	Introdução	1
2	Revisão bibliográfica	5
2.1	A variável /s/ em coda	5
2.2	Acomodação Dialetal	13
2.3	Projeto Processos de Acomodação Dialetal	15
3	Materiais e Métodos	21
3.1	O <i>corpus</i> do Projeto Acomodação	21
3.2	Codificação do /s/ em coda	23
3.3	Análises	25
3.4	Hipóteses	27
4	Resultados	32
4.1	Palatalização	33
4.1.1	Síntese dos resultados para Palatalização	39
4.2	Apagamento	40
4.2.1	Síntese dos resultados para Apagamento	46
4.3	Aspiração	47
4.3.1	Síntese dos resultados para Aspiração	53
4.4	Discussão	53
5	Considerações Finais	58
	Referências Bibliográficas	61

Lista de Figuras

3.1	Tela do ELAN e codificação de dados de /s/ em coda.	24
3.2	Topo da planilha de dado com a codificação das variáveis linguísticas.	25
4.1	Distribuição das variantes de /s/ em coda no <i>corpus</i> (N = 6.512).	32
4.2	Distribuição geral das variantes palatal e alveolar (N = 5.704)	33
4.3	Proporção do emprego das variantes Palatal e Alveolar de acordo com Contexto Fonológico Seguinte.	34
4.4	Proporção do emprego das variantes palatal e alveolar de acordo com Tonicidade (topo, esq.), Contexto Fonológico Precedente (topo, dir.), Classe Morfológica (abaixo, esq.) e Gênero (abaixo, dir.).	36
4.5	Proporção do emprego das variantes palatal e alveolar de acordo com Posição de /s/ na palavra	37
4.6	Proporção do emprego da variante palatal de acordo com Idade de Migração (à esq.) e Tempo de Residência (à dir.)	38
4.7	Proporção do emprego da variante zero fonético e das demais variantes (N = 4.234)	40
4.8	Proporção do emprego das variantes zero fonético e das demais variantes de acordo com Tonicidade (top, esq.), Estilo (topo, dir.), Contexto Fonológico Precedente (abaixo, esq.) e Classe Morfológica (abaixo, dir.).	43
4.9	Proporção do emprego da variante zero fonético e das demais variantes de acordo com Posição (à esq.), Contexto Fonológico Seguinte (ao centro) e Gênero (à dir.).	44
4.10	Proporção do emprego da variante zero fonético de acordo com Idade de Migração (à esq.) e Tempo de Residência (à dir.).	45
4.11	Proporção do emprego da variante zero fonético de acordo com Índice Socioeconômico	46
4.12	Proporção do emprego das variantes alveolar, palatal e aspirada sem restrições de falantes e Contexto Fonológico Seguinte (N = 5.852)	48
4.13	Proporção do emprego das variantes alveolar/palatal e aspirada de acordo com Participante (à esq.) e Contexto Fonológico Seguinte (à dir.).	48
4.14	Proporção do emprego das variantes alveolar/palatal e aspirada entre os falantes que tiveram uma ou mais realizações da variante aspirada e com Contexto Fonológico Seguinte sonoro (N = 1.089)	49
4.15	Proporção do emprego das variantes alveolar/palatal e aspirada de acordo com Tonicidade (topo, esq.), Posição (topo, dir.), Classe Morfológica (abaixo, esq.) e Gênero (abaixo, dir.).	51
4.16	Proporção do emprego da variante aspirada para Idade de Migração (à esq.) e Tempo de Residência (à dir.).	52

Lista de Tabelas

2.1	Variáveis analisadas no Projeto Acomodação (Amostra 1).	16
2.2	Resumo das variáveis sociolinguísticas e correlações observadas no Projeto Acomodação.	20
3.1	Participantes da Amostra 2	23
3.2	Variáveis Linguísticas e Sociais codificadas	27
4.1	Variáveis Linguísticas que demonstraram correlação com a Palatalização em análises univariadas	34
4.2	Tendências de emprego da variante palatal em análise de Regressão Logística de efeitos mistos de /s/ em coda (N = 2.263)	35
4.3	Resumo dos resultados das demais análises do Processo de Palatalização. .	38
4.4	Variáveis Linguísticas que demonstraram correlação com o Apagamento em análises univariadas	41
4.5	Tendências de emprego da variante zero fonético em análise de regressão logística de efeitos mistos de /s/ em coda (N = 4.234)	41
4.6	Resumo dos resultados das demais análises do Processo de Apagamento. .	46
4.7	Variáveis Linguísticas que demonstraram correlação com a Aspiração em análises univariadas	49
4.8	Tendências de emprego da variante aspirada em análise de Regressão Logística de efeitos mistos de /s/ em coda (N = 1.089)	50
4.9	Resumo dos resultados das demais análises do Processo de Aspiração. . .	52
4.10	Resultados das variáveis linguísticas analisadas nos três processos fonético/fonológicos do /s/ em coda.	54
4.11	Resultados das variáveis linguísticas analisadas nos três processos fonético/fonológicos do /s/ em coda.	55
5.1	Resumo dos resultados das variáveis analisadas no Projeto Acomodação incluindo os resultados para /s/ em coda.	59

1

Introdução

A maioria dos estudos sociolinguísticos no Brasil tem como objeto de estudo falantes considerados “prototípicos” de determinada localidade, ou seja, indivíduos nascidos e criados no local, muitas vezes com pais nascidos e criados no mesmo lugar. Tais estudos têm permitido desenhar um amplo quadro da variação linguística no português brasileiro e têm contribuído para o desenvolvimento de teorias linguísticas; no entanto, esses estudos deixam de contemplar grande parte da população brasileira, como é o caso de migrantes.

Mais recentemente, diversas pesquisas vêm surgindo com vistas a analisar a fala desses indivíduos que saem de seus estados de origem em busca de novas oportunidades em outros estados, como os estudos de Alves (1979), Chacon (2012), Lima e Lucena (2013) e Possatti e Lucena (2020). Da mesma forma, a fala de migrantes vem sendo sistematicamente analisada pelo Projeto Processos de Acomodação Dialectal (Oushiro, 2016, 2018a, no prelo-b) – doravante Projeto Acomodação – que propõe analisar o papel das variáveis Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência na fala de paraibanos e alagoanos que migraram para o estado de São Paulo.

A presente pesquisa analisa a variável /s/ em coda (como em *mesmo* e *mas*), a partir de suas quatro variantes: alveolar [s], palatal [ʃ] e [ʒ], aspirada [h] e zero fonético $\emptyset$, na fala de 22 migrantes alagoanos e 18 migrantes paraibanos, a partir do *corpus* do Projeto Acomodação. O projeto conta com estudos sistemáticos sobre a fala de migrantes que vieram de Alagoas e da Paraíba e que residem na cidade de São Paulo (Amostra 1) e de Campinas (Amostra 2). A Amostra 1 é estratificada em Gênero (masculino; feminino), Faixa Etária (20-34 anos; 35-59 anos; 60 anos ou mais) e Grau de Escolaridade (Ensino Médio; Ensino Superior); e a Amostra 2 em Gênero (masculino, feminino), Idade de Migração (até 19 anos, 20 anos ou mais) e Tempo de Residência em Campinas (até 9 anos, 10 ou mais). Neste estudo, o /s/ em coda é analisado a partir da Amostra 2.

Nessas amostras, já foram analisadas diversas variáveis sociolinguísticas, a fim de compreender processos de acomodação dialetal. Até o momento, o Projeto Acomodação conta com a análise das variáveis (i, ii) vogais médias pretônicas /e/ e /o/, como em *relógio* e *romã* (Oushiro, 2019b, 2020c); (iii) /r/ em coda, como em *porta* (Oushiro, 2020b); (iv) /t/ e /d/ antes de [i], como em *tia* e *dia* (Oushiro, 2020b); (v) negação sentencial, como

em *não vi/não vi não/vi não* (Oushiro, 2020b); (vi) concordância nominal, como em *os carros/os carro* (Oushiro, 2020b); (vii) artigo definido antes de possessivos, como *a minha mãe/minha mãe* (Guedes, 2019); (viii) pausas preenchidas [ɛh::] e [ah::] (Oushiro, 2022); além de (ix) 17 variáveis prosódicas (Silveira, 2022).

As análises empíricas da distribuição dessas variáveis possibilitaram depreender três padrões no processo de acomodação de migrantes nordestinos no estado de São Paulo: a Idade de Migração se correlaciona com as variáveis fonéticas – como /r/ em coda e /t/ e /d/ antes de [i] –, mas não com as variáveis morfossintáticas – como negação sentencial, concordância nominal e artigo definido antes de possessivos; o Gênero dos falantes se correlaciona com as variáveis que diferenciam os dialetos urbano e rural – como /t/ e /d/ antes de [i] e concordância nominal; além disso, dentre as variáveis analisadas, o /r/ em coda foi a única que demonstrou correlação com o Tempo de Residência, de modo que Oushiro (2020b) levantou hipóteses sobre o papel da saliência (Trudgill, 1986) para o processo da acomodação a médio e longo prazo.

Tendo em mente esses padrões, a presente análise do /s/ em coda se debruçou sobre as ocorrências das variantes alveolar, palatal, aspirada e zero fonético na Amostra 2 do Projeto Acomodação, a fim de verificar se as correlações observadas para as demais variáveis também ocorrem nos dados de /s/ em coda. Mais especificamente, as quatro variantes foram divididas em três processos fonético/fonológicos que envolvem o /s/ em coda e que determinaram três envelopes de variação: (i) a Palatalização, em que se contrastou a variante palatal com a variante alveolar; (ii) o Apagamento, em que se contrastou a variante zero fonético com as variantes alveolar/palatal/aspirada; e (iii) a Aspiração, em que se contrastou a variante aspirada com as variantes alveolar/palatal.

Para analisar os três processos e seus condicionamentos linguísticos foram levantados estudos que já vinham analisando o /s/ em coda não só nas comunidades de origem (Aragão, 2020; Cardoso et al., 2018; Hora & Pedrosa, 2008; Santos & Oliveira, 2017), mas também em outras localidades brasileiras – Rio de Janeiro (Brandão, 2008; Gryner & Macedo, 2000; Guy, 1981; Melo, 2017; Scherre & Macedo, 2000), Florianópolis (Brescancini, 1996) e Belém (Carvalho, 2000). Para além dos falantes prototípicos que são analisados nesses estudos, Chacon (2012), Lima e Lucena (2013) e Possatti e Lucena (2020) se propõem a analisar a variável a partir do contexto de acomodação dialetal na fala de migrantes, elucidando questões a respeito de como a variável se comporta, além das restrições linguísticas, em relação às variáveis que envolvem o processo de contato com outro dialeto.

Para análise da variável, propôs-se então analisar as variáveis linguísticas que haviam sido elucidadas como condicionadoras do uso das variantes de /s/ em coda nesses estudos anteriores, a fim de investigar qual é o comportamento delas quando em situação de contato dialetal. Desse modo, dentre as variáveis linguísticas analisadas para a realização do /s/ em coda estão a Tonicidade da Sílabas e a Posição do /s/ na Palavra, os Contextos Fo-

nológicos Seguinte e Precedente e Classe Morfológica, além do Estilo da fala no momento de ocorrência da variante.

Para as variáveis sociais, por outro lado, estabeleceram-se hipóteses a partir dos resultados obtidos para as demais variáveis analisadas no *corpus* e as generalizações que foram propostas, considerando-se que as variantes alveolar, palatal, aspirada e zero fonético têm diferentes frequências nas comunidades de origem e anfitriã, além de diferentes indicialidades: enquanto as variantes alveolar e o zero fonético também ocorrem frequentemente em Campinas, as variantes palatal e aspirada são bem menos frequentes, e presumivelmente mais salientes; por outro lado, enquanto as variantes palatal e aspirada podem se associar a um falar “nordestino”/“não paulista”, o zero fonético pode se associar a um falar “rural”/“não urbano”. Nesse sentido, foram levantadas hipóteses específicas para cada processo fonético/fonológico – Palatalização, Apagamento, Aspiração – quanto a correlações com as variáveis Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência. Para além das variáveis estratificadoras da amostra, a análise de outros dados sociodemográficos dos migrantes, disponíveis no *corpus* do Projeto Acomodação – Índice Socioeconômico, Índice de Nordestinidade, Índice de Paulistidade, Índice de Rede do Nordeste e Índice de Hábitos (ver Capítulo 3) –, é feita de modo exploratório, com o objetivo de apontar para novas hipóteses que poderão ser aprofundadas em estudos futuros.

Desse modo, a análise de uma nova variável, como o /s/ em coda, agrega novos resultados ao Projeto Acomodação, possibilitando a comparação do comportamento entre as variáveis analisadas e a observação do comportamento das variáveis estratificadoras da amostra na situação de contato inter-dialetal. Para isso, no Capítulo 2 são resenhadas as pesquisas envolvendo o /s/ em coda em diversas regiões do país, além das pesquisas sobre acomodação dialetal no Brasil, com destaque para os resultados obtidos até o momento no Projeto Acomodação. No Capítulo 3 são descritos os procedimentos metodológicos para a coleta de dados pelo Projeto Acomodação, para a transcrição das gravações no ELAN, para a codificação dos dados e para a análise na plataforma R, além das hipóteses estabelecidas para cada variável. No Capítulo 4 são descritos os resultados das análises qualitativa e quantitativa, incluindo também a discussão dos dados. Por fim, no Capítulo 5 são feitas as considerações finais a cerca dos resultados aqui obtidos.

Para a Palatalização, os resultados mostraram correlação com as variáveis Posição na Palavra, Tempo de Residência e Idade de Migração (palatal favorecida por posição medial, menor tempo em Campinas, falantes que migraram mais velhos). Para o Processo de Apagamento, observou-se correlação com as variáveis Posição, Contexto Fonológico Seguinte, Gênero, e Idade de Migração (zero fonético favorecido em posição final, contexto seguinte sonoro, e por falantes homens e que migraram mais tarde). Por fim, a Aspiração não demonstrou correlação com nenhuma das variáveis incluídas no modelo de regressão logística.

Desse modo, de acordo com a expectativa de que variáveis fonéticas se correlacionam com a Idade de Migração, os processos de Palatalização e de Apagamento se conformaram à hipótese. Sobre a expectativa de que variantes mais salientes se correlacionam com o Tempo de Residência, a Palatalização exibiu a correlação esperada. A correlação entre Gênero e variáveis cujas variantes marcam o *continuum* rural-urbano se mostrou, nos presentes dados, no processo de Apagamento. Por outro lado, a correlação esperada entre Aspiração e as variáveis Idade de Migração e Tempo de Residência não foi observada.

Os resultados deste estudo, assim, contribuem com o mapeamento e para maiores generalizações sobre processos de mudança que ocorrem na fala de migrantes internos em situação de contato dialetal.

2

Revisão bibliográfica

Nesta pesquisa, analisam-se quatro variantes de /s/ em coda (alveolar [s]; palatal [ʃ] e [ʒ]; aspirada [h] e o zero fonético $\emptyset$), em palavras como *mas*, *gosto* e *mesmo*, à luz de estudos já realizados no Brasil sobre a variável e sobre contato dialetal, a fim de investigar o comportamento da variável no contexto da fala de migrantes.

Para isso, descrevem-se na Seção 2.1 os resultados obtidos em estudos de /s/ em coda na sociolinguística brasileira, a partir dos dados observados em diversas regiões do país, e em especial nos dados do ALiB (Cardoso et al., 2018) e de estudos sobre a variável na Paraíba e em Alagoas. Na Seção 2.2 são descritos estudos de contato dialetal já realizados no Brasil e, por último, na Seção 2.3, apresentam-se o Projeto Acomodação e os estudos advindos dele.

2.1 A variável /s/ em coda

A variável /s/ em coda é amplamente estudada na sociolinguística brasileira em pesquisas que analisam falantes não migrantes – normalmente falantes prototípicos (nascidos e criados em determinada localidade, muitas vezes com pais que nasceram e foram criados ali) que são o objeto de estudo da área. Os primeiros estudos da variável tinham um recorte mais amplo das ocorrências das variantes, como é o caso do estudo de Guy (1981), que analisa a realização ou não (apagamento) dessa variável no falar carioca na virada da década de 1970 para 1980.

Guy (1981) analisa a variação linguística a partir das variáveis concordância nominal (como *os carros/os carro*), desnasalização (como *homem/home*), concordância verbal (como *eles recebem/eles recebe*) e a realização ou não do /s/ em coda (como *mesmo/-memo*), na fala de 20 cariocas entre 15 e 54 anos, estratificados em Gênero (masculino; feminino), que participavam dos estágios iniciais do MOBREAL e tinham baixo, ou nenhum, nível de escolarização. Para analisar o /s/ em coda, o autor considerou somente os casos em que o apagamento não se encontrava em um morfema de plural. Dentre as variáveis linguísticas analisadas, Guy (1981) destacou o favorecimento do apagamento em

sílabas átonas (como *menos*) que, por serem menos perceptíveis, facilitariam o processo de apagamento em relação a sílabas tônicas (como *doméstica*). Além de Tonicidade, o autor destaca a importância do contexto seguinte sonoro (como *mesmo*) e do estilo *casual* no favorecimento do uso da variante zero fonético. Quanto às variáveis sociais, Guy (1981) analisa a Faixa Etária e o Gênero dos falantes, apontando correlação apenas com o segundo, uma vez que os homens favorecem o apagamento em relação às mulheres.

Assim como Guy (1981), Scherre e Macedo (2000) analisam a fala de cariocas para observar o comportamento da variável /s/ em coda, mas a partir de quatro variantes: alveolar, palatal, aspirada e zero fonético. Em seu estudo, Scherre e Macedo (2000) analisaram a fala de 64 falantes estratificados em Anos de Escolarização (1-4 anos; 5-8 anos; 9-11 anos), Sexo (masculino; feminino) e Faixa Etária (7-14 anos; 15-25 anos; 26-49 anos; 50-71 anos), em que observaram uma distribuição de 61% de palatal, 22% de alveolar, 9% de zero fonético e 7% de aspirada. O objetivo das autoras era sistematizar as restrições fonético/fonológicas e lexicais das quatro variantes de /s/ em coda e não apenas de sua realização ou apagamento, como feito por Guy (1981). Scherre e Macedo (2000) destacaram a influência do contexto fonológico seguinte na realização das variantes em relação ao grau de sonoridade: quanto maior o grau, menor o uso da variante palatal (35%), maior o uso das variantes aspirada (34%) e do apagamento (26%) – assim como observado por Guy (1981).

Outra variável analisada por Scherre e Macedo (2000) foi o Contexto Fonológico Precedente para o qual apontam que os traços [+alto, +anterior] favorecem o uso da variante palatal (86%) e desfavorecem o uso das variantes aspirada (5%) e zero fonético (4%), não sendo relevante para a realização da variante alveolar. A influência da Tonicidade do segmento em que se encontra o /s/ em coda é atestada pelas autoras somente em meio de palavras e para as variantes aspirada e zero fonético, que são favorecidas em sílabas tônicas – diferentemente do que se observa no estudo de Guy (1981) em relação ao zero fonético. Além dessas variáveis, a classe gramatical das palavras é observada por Scherre e Macedo (2000) como relevante para as variantes aspirada, palatal e zero fonético, sendo a palatal favorecida por classes gramaticais que não tendem a ser influenciadas pelos processos de enfraquecimento do /s/, como em substantivos próprios (como *Alagoas*) e comuns (como *asfalto*), numerais (como *seis*) e verbos (como *gostar*).

Assim como os estudos de Guy (1981) e Scherre e Macedo (2000) que investigam o falar no estado do Rio de Janeiro, Gryner e Macedo (2000) analisam os condicionamentos das quatro variantes de /s/ em coda, mas em área de contado dialetal e que tem prevalência da variante alveolar, diferentemente das comunidades analisadas por Guy (1981) e Scherre e Macedo (2000) – na década de 1970. Para as análises, as autoras entrevistaram 23 falantes, homens ou mulheres, entre 13 e 70 anos e de três níveis diferentes de escolaridade (primária, secundária e universitária). Os falantes se dividiam entre três cidades – Cordeiro, Cantagalo, Duas Barras e São Sebastião do Alto – que se encontram entre

limites de estados (RJ-MG). Para as análises, as autoras desconsideraram os casos em que /s/ era morfema de plural, assim como Guy (1981), e analisaram condicionamentos linguísticos para os usos das quatro variantes de /s/ em coda e também os condicionamentos sociais, observando uma distribuição de 54,3% de alveolar, 30,8% de palatal, 7,9% de apagamento e 6,9% de aspirada. Diferentemente dos estudos de Guy (1981) e Scherre e Macedo (2000), Gryner e Macedo (2000) observaram uma amostra que continha uma diferença socioeconômica clara entre os participantes, considerando seus níveis de escolarização, podendo observar que a substituição da variante alveolar se dá pela pressão dos contextos motivadores que, no caso da palatal, partiria dos informantes de nível universitário, os quais têm maior contato com o Rio de Janeiro – região mais prestigiada. Em contrapartida, o apagamento e a aspiração se relacionam com participantes menos favorecidos socio-economicamente.

Da mesma forma que Gryner e Macedo (2000) articulam as ideias de maior contato com uma região mais prestigiada e sua influência no uso das variantes, Brandão (2008) analisa o /s/ pós-vocálico na fala de fluminenses distribuídos entre regiões litorâneas e interioranas mais ou menos rurais nos anos 2000. A análise parte de um *corpus* com 78 falantes estratificados em Área Geográfica (litorânea mais rural, litorânea menos rural, interiorana mais rural e interiorana menos rural), Faixa Etária (18-35 anos, 36-55 anos e 56 anos em diante) e Nível de Instrução (analfabetos/escolarizados até a 4ª série do Ensino Fundamental). A autora indica a distribuição de 56% de alveolar, 18% de palatal, 23 % de zero fonético e 3% de aspirada nas ocorrências de /s/ em coda. Dentre os condicionamentos observados por Brandão (2008), destaca-se o favorecimento da palatalização quando /s/ é seguido por coronais ([t] e [d]) (como *gostar*, *Nordeste*), além de haver maior tendência de palatalização nas comunidades com maior índice de urbanização e na faixa etária de 8 a 35 anos. Em comparação com os estudos de Gryner e Macedo (2000) e Scherre e Macedo (2000), a pesquisa de Brandão (2008) apresenta uma taxa elevada de apagamento, levando a considerar a influência do nível de instrução e a presença de falantes das áreas rurais, entretanto ressalta-se que a inclusão das realizações de /s/ em coda em morfemas de plural no estudo de Brandão (2008) sobrepõem as variáveis Apagamento e Concordância Nominal –, que é característica das diferenças entre o *continuum* rural-urbano.

Observa-se que a variável /s/ em coda é amplamente estudada no falar do estado do Rio de Janeiro, mas a variação também ocorre em diversas outras regiões do Brasil, embora não necessariamente com as mesmas restrições fonético/fonológicas que apresenta nos diferentes falares fluminenses. Os estudos de Guy (1981) e Scherre e Macedo (2000) mostram a variante palatal como a mais frequente, entretanto em diversas outras regiões, como no Sul, no Norte e no Nordeste, a variante não é realizada na mesma proporção e pode não ter as mesmas avaliações entre os falantes.

Os estudos de Brescancini (1996), Carvalho (2000) e Hora e Pedrosa (2008), entre outros, ajudam a entender como a variável se comporta em diferentes regiões do país. Ao analisar o /s/ em coda no estado de Florianópolis na década de 1990, Brescancini (1996) observa seus aspectos linguísticos e sociais, a partir da fala de 32 falantes estratificados em Sexo (masculino; feminino), Idade (15-30; mais de 30 anos), Escolaridade (0-4 anos; 5-8 anos; 9 ou mais anos) e Região (Florianópolis; Freguesia do Ribeirão da Ilha; Sertão do Ribeirão da Ilha). A autora analisa, portanto, a fala de informantes de três regiões de influência açoriana, observando uma distribuição de 61% de palatal, 32% de alveolar, 8% de apagamento e 1% de aspiração. O estudo de Brescancini (1996) foca no processo de palatalização, mas vale destacar a baixa frequência por ela observada para o apagamento – se comparada ao do estudo de Brandão (2008), que apresentou altas taxas da variante em contextos rurais e urbanos – aproximando-se dos demais estudos que focaram em regiões mais urbanizadas.

Dentre as variáveis linguísticas analisadas por Brescancini (1996), a palatalização é favorecida em sílabas fortes (pré-tonica com 90% e tônica com 75%; como *bosque*), em posição medial (com 85%; como *desistir*), quando precedido por vogal dorsal (com 77%; como *algumas*). Quanto às variáveis sociais, diferentemente dos estudos no Rio de Janeiro, infere-se que a variante palatal é menos prestigiada por ser mais frequente em falantes menos escolarizados (0-4 anos; 78%) do que nos mais escolarizados (5-8 anos e 9 anos ou mais; 72%), além de ser mais favorecida por mulheres (78%) do que por homens (70%), por elas tenderem a manter hábitos mais conservadores em relação à influência açoriana.

Ao comparar os estudos de Brescancini (1996) com os realizados por Brandão (2008), Gryner e Macedo (2000) e Scherre e Macedo (2000), observa-se que em diferentes localidades a frequência das variantes não é a mesma, sendo a palatal mais frequente no Rio de Janeiro do que em lugares como Florianópolis, por exemplo.

Outro estudo que contribui para o panorama geral das realizações de /s/ em coda é o de Carvalho (2000), que analisa a variável em suas quatro variantes – palatal (69%), alveolar (23%), zero fonético (5%) e aspirada (3%) – a partir da fala de 42 belenenses estratificados em Escolaridade (não escolarizado; primeiro grau completo/incompleto; segundo grau completo/incompleto), Faixa Etária (15-25 anos; 26-46 anos; mais de 46 anos), Classe Social (baixa; média) e Sexo (masculino; feminino). Em relação às variáveis analisadas, a autora aponta que Tonicidade, Contexto Fônico Posterior, Faixa Etária, Sexo e Classe Social são significativas para o /s/ em coda, de modo que as sílabas tônicas são favorecedoras da variante alveolar (26%) e glotal (4%) e as sílabas átonas favorecem a palatal (77%) e o zero fonético (3%); além disso, a palatal é favorecida quando o contexto seguinte é uma pausa (94%). Quanto às variáveis sociais, a autora mostra que a Faixa Etária entre 15 e 25 anos favorece a alveolar (19%) e o apagamento é mais favorecido na terceira faixa (+46 anos); para Sexo, as mulheres tendem ao uso da variante de prestígio (73% dos dados de palatais). Percebe-se então que a região apresenta proporções seme-

lhantes as do Estado do Rio de Janeiro com a palatal sendo a variante mais frequente, diferenciando-se dos resultados obtidos por Brescancini (1996).

A maioria dos trabalhos até então apresentaram a distribuição geral das variantes do /s/ em coda, mas focando em descrever processos mais frequentes na fala, como o de palatalização, sendo a aspiração pouco analisada pela sua baixa frequência. Voltando para os estudos realizados no Rio de Janeiro, a variante aspirada especificamente foi analisada por Melo (2017) na fala de adolescentes cariocas que cometeram atos infracionais e que cumpriam medida socioeducativa à época das gravações comparada à fala de adolescentes não infratores de mesma classe social. Melo (2017) analisa três diferentes amostras gravadas dentre os anos 2000 e 2011: CENSO 2000, que conta com 8 falantes balanceados por Faixa Etária (7-14 anos; 15-25 anos; 26-49 anos; acima de 50 anos), Sexo (masculino; feminino) e Escolaridade (1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental; Ensino Médio); EJLA, composta por 14 falantes, homens, que cumpriam medida socioeducativa e residiam comunidades pobres (favelas); e Fiocruz, que conta com 24 falantes de 17 a 20 anos que estavam cursando o Ensino Médio em escolas públicas e também residam em favela. O objetivo era entender a direcionalidade da mudança sonora com foco na variante aspirada. Melo (2017) observou uma distribuição de 74% de palatal, 19% de alveolar, 5% de aspirada e 3% de apagamento na amostra CENSO; 53% de palatal, 12% de alveolar, 30% de aspirada e 4% de apagamento para a amostra EJLA; e 77% de palatal, 15% de alveolar, 6% de aspirada e 2% de apagamento na amostra Fiocruz.

O estudo de Melo (2017) aponta uma alta taxa de aspiração na fala dos jovens que cumpriam medidas socioeducativas, que não foi observada por Brandão (2008), Gryner e Macedo (2000) e Scherre e Macedo (2000) em seus estudos sobre a variável. Diferentemente dos estudos em questão, Melo (2017) aborda a realização da variante aspirada a partir de questões socioeconômicas, principalmente em relação ao papel de instituições sociais, como a escola, na influência do uso da variante. O autor observa que quanto menor o acesso à escola, mais frequentes são as realizações da variante. Além disso, discute o papel dos itens lexicais *mas*, *mais*, *mesmo*, *nós*, *eles* e *às vezes* para a realização da aspiração de /s/, sendo variante mais comum na amostra EJLA, principalmente no item *às vezes* em que a variante glotal no primeiro /s/ em coda é quase que categórica, destacando que o mesmo não acontece para as demais amostras (CENSO e Fiocruz).

Além dos estudos no Sul, Sudeste e Norte do Brasil, é importante destacar como a variável se comporta nas localidades de interesse para esta pesquisa, ou seja, localidades em que os falantes do Projeto Acomodação nasceram e viveram antes da migração. Tendo em vista as diferenças de frequência da variante palatal entre as regiões estudadas por Brescancini (1996), em Florianópolis, e por Carvalho (2000), Gryner e Macedo (2000) e Scherre e Macedo (2000), além dos diferentes resultados para as regiões mais rurais ou urbanizadas, como no estudo de Brandão (2008), é de interesse entender o comportamento

dessas variantes nos locais de origens dos falantes aqui analisados para entender como o processo de acomodação ocorre em sua fala.

Os estudos realizados com base nos dados do Atlas Linguístico Brasileiro – ALiB (Cardoso et al., 2018) – apresentam as distribuições do uso de diversas variáveis linguísticas em 25 capitais brasileiras – exceto Brasília e Palmas que, por serem consideradas cidades novas, ainda estariam em fase de consolidação quanto às normas linguísticas – a partir de configurações de rede de pontos:

que tem como objetivo primordial garantir a recolha dos dados em um feixe de localidades que permitam a apreensão da variação diatópica da língua em uso [...] tem, pois, a finalidade de assegurar a representatividade da documentação da variação espacial da língua, a comparação posterior dos dados e a sua respectiva distribuição num determinado espaço geográfico por meio de cartas linguísticas. (Cardoso et al., 2018, 48)

O Atlas fornece resultados sobre as variantes alveolar e palatal, tendo em vista esses parâmetros, nas 25 capitais analisadas em um total de 1.100 falantes gravados entre os anos 2001 e 2013 – estratificados em Sexo (masculino; feminino), Faixa Etária (18-30 anos; 50-60 anos), além de Nível de Escolaridade (fundamental; universitário) nas capitais. Quanto a condicionamentos internos, os dados de /s/ em coda foram coletados considerando a Consoante Subsequente e a Posição na Palavra (contexto interno ou externo na palavra). Para a análise, foram considerados vocábulos específicos coletados a partir de dois questionários (Questionário Fonético-Fonológico e Questionário Semântico Lexical). Em relação à distribuição total dos dados, os resultados na carta F05C1 do projeto ALiB (Cardoso et al., 2018, 111) apontaram maiores taxas de ocorrência da variante palatal em posição medial (faixa de 26–50%) em relação à palatal em contexto final (1–25%) tanto em João Pessoa quanto em Maceió. Em São Paulo, a carta mostra baixa taxa de ocorrência da palatal em contexto medial (1-25%) e ausência em contexto final. Diferentemente dos estudos de Brescancini (1996), Carvalho (2000) e Scherre e Macedo (2000) em que a variante palatal era a mais frequente, na Paraíba e em Alagoas a variante mais frequente é a alveolar, apresentando um comportamento semelhante aos das regiões observadas por Gryner e Macedo (2000), em que há uma menor taxa de palatal em relação à alveolar, mas que ainda apresenta uma taxa consideravelmente alta de palatalização se comparada à do estado de São Paulo.

As cartas seguintes mapearam a distribuição de /s/ em coda por Escolaridade (F05C2G; F05C4E), Faixa Etária (F05C2G; F05C4G) e Sexo (F05C2S; F05C4S), tanto em sílaba interna quanto externa, além de Consoante Subsequente (F05C3) em coda interna. Em São Paulo, em que a palatal só ocorre em posição interna, Escolaridade, Faixa Etária e Sexo não apresentam diferenças entre os níveis, ocorrendo na mesma faixa de proporção (1–25%) para as duas faixas etárias, para homens e mulheres, além dos níveis fundamental e universitário; há diferença apenas na variável Consoante Subsequente, em que as

africadas [tj][tʃ] concentram 76–100% das ocorrências de palatal, enquanto [t] e as outras consoantes concentram 1–25% da mesma variante.

Para João Pessoa (PB) e Maceió (AL), a maioria das categorias sociais têm comportamentos semelhantes. Há diferenças entre as duas capitais apenas em Escolaridade e Sexo, sendo que em João Pessoa se observa palatalização em sílaba interna na faixa de 1-25% na fala de mulheres e 26–55% na fala de homens, enquanto em Maceió a faixa é de 26-55% para ambos; em sílaba externa se mantém uma proporção parecida, mas as mulheres de João Pessoa não produzem palatais nessa posição, enquanto os homens produzem 1–25%; em Maceió, para ambos os sexos, se observa uma distribuição de 1–25% de palatal em sílaba externa.

Em relação à Escolaridade, observa-se que para nível fundamental e universitário há uma distribuição de 26–55% de palatal em sílaba interna em Maceió, havendo diferenciação entre os dois níveis apenas em sílabas externas, em que o nível universitário concentra uma maior taxa de palatal (1-25%) em relação ao nível fundamental, em que não há casos de palatal. Em João Pessoa, o mapeamento mostra que há uma diferença entre os níveis de Escolaridade tanto em sílaba externa quanto em sílaba interna. Em sílaba externa a palatal se concentra em falantes de nível fundamental (1–25%), ao contrário do observado para Maceió, e não ocorre em falantes de nível universitário. Em sílaba interna, observam-se falantes de nível universitário apresentando mais casos de palatal (26–55%) do que falantes de nível fundamental (0-25%).

Além do Atlas Linguístico do Brasil, o falar na Paraíba foi estudado por Hora e Pedrosa (2008) em relação às quatro variantes de /s/ em coda e as demais codas existentes no Português Brasileiro (/l/ e /r/), com foco no contexto medial de ocorrência dessas variáveis embora também se reporte a distribuição para a posição final. O estudo dos autores se baseia nos dados do Projeto Variação Linguística do estado da Paraíba – VALPB (Hora, 1993) – que conta com 60 falantes estratificados em Sexo (masculino; feminino), Faixa Etária (15-25 anos; 26-49 anos; mais de 49 anos) e Anos de Escolarização (não escolarizados; 01-04 anos; 05-08 anos; 09-11 anos; mais de 11 anos), gravados na década de 1990. Hora e Pedrosa (2008) indicam que a distribuição das variantes em contexto medial é de 65% de alveolar, 28% de palatal, 6% de aspiração (que se concentram em itens lexicais específicos: *me[h]mo/de[h]de*) e 1% de zero fonético (também restrito a itens lexicais específicos, como *me∅mo*). Já em posição final, os autores indicam a distribuição de 65% das ocorrências de alveolar, 24% de apagamento (aqui considerando mais itens lexicais do que na análise em posição medial, além da inclusão dos casos de /s/ plural), 6% de glotal (também considerando mais itens lexicais, além dos que foram analisados para a posição medial) e 5% de palatal. A maior frequência da variante palatal em contexto medial é semelhante aos resultados obtidos por Brescancini (1996), e a alta taxa de apagamento em posição final se assemelha aos resultados obtidos por Brandão (2008), considerando que em ambos há uma sobreposição da variável Apagamento com a variável

Concordância Nominal, visto que as realizações de /s/ em coda em morfemas de plural não foram excluídas da análise. Entretanto, Hora e Pedrosa (2008) não fazem uma análise acerca das variáveis sociais que poderiam indicar possíveis influências urbano-rural ou de escolaridade no uso da variável. Além da distribuição geral para as variantes em relação à posição do /s/ no vocábulo, o estudo também destaca que as realizações da variante palatal são restritas ao contexto seguinte de oclusiva dental.

Diferentemente do estudo de Hora e Pedrosa (2008), Aragão (2020) analisa a fala de paraibanos a partir de um recorte de classe específico, investigando a fala de pessoas com nível cultural mais elevado e também na língua regional escrita. A autora realiza um mapeamento do estado, o Atlas Linguístico da Paraíba e, assim como o ALiB (Cardoso et al., 2018), o trabalho de construir um atlas do falar paraibano foi realizado a partir de questionários e conta com análises de diversas variáveis sociolinguísticas (fonéticas e morfossintáticas). Os falantes (3-6 para cada município em um total de 100 municípios) foram estratificados em Sexo (masculino; feminino), Faixa Etária (25-75 anos) e nível cultural (analfabeto; alfabetizado). A autora faz uma breve descrição dos resultados em que aponta que, para o /s/ em coda, o apagamento em posição final é muito frequente, como observado por Hora e Pedrosa (2008), mas não apresenta informações sobre diferenças sociais.

Sobre o falar alagoano, Santos e Oliveira (2017) estudam a variável /s/ em coda em Palmeira dos Índios-AL. Para a análise foram entrevistados 24 alagoanos estratificados por Idade (18-30 anos; 40-55 anos; acima de 55 anos). O foco do estudo é o processo de palatalização da variável, que os autores destacam se correlacionar com as variáveis Sexo, Contexto Seguinte, Vozeamento da Fricativa Alveolar e Posição. Santos e Oliveira (2017) argumentam que o favorecimento da variante palatal por homens (38,6%) do que por mulheres (21%) pode indicar possíveis marcas negativas em relação à variante, tendo em vista que mulheres tendem a ter um comportamento mais conservador em relação às variantes linguísticas. Quanto às variáveis linguísticas, Santos e Oliveira (2017) destacam as consoantes coronais como favorecedoras da palatal (70%) em contraste com labial (21%) e dorsal (3,9%). Além disso, a variante desvozeada é favorecedora da variante palatal (33,7%) em relação à vozeada (18,3%). A posição medial também concentra o maior número de ocorrências (40%) em relação à final (8,5%).

A análise das variantes do /s/ em coda nesses contextos são essenciais para entender o comportamento da variável quanto aos seus condicionamentos linguísticos e sociais, assim como para levantar hipóteses sobre o contexto de acomodação dialetal, tendo em vista as diferenças regionais de prestígio e estigma e os aspectos dos falares urbano e rural.

2.2 Acomodação Dialetoal

Diferente dos estudos de /s/ em coda, os estudos sobre a fala de migrantes e a acomodação dialetoal vêm sendo produzidos de forma sistemática apenas mais recentemente no Brasil. A questão do contato entre dialetos foi abordada por Trudgill (1986) em seu livro *Dialects in Contact*, no qual o autor elucidou a questão da mudança linguística como consequência do contato entre variedades linguísticas estritamente relacionadas. Em sua obra, Trudgill (1986) aborda o papel da saliência para a acomodação a variantes linguísticas que são mais marcadas, no caso de contato dialetoal, entre falantes de uma mesma comunidade de fala, e questiona o papel da saliência quando há falantes de comunidades diferentes. Um dos primeiros trabalhos sobre acomodação dialetoal no Brasil foi realizado por Alves (1979), que analisa a fala de 116 migrantes pernambucanos e baianos entre 18 e 45 anos, sendo a maioria homens, e que migraram para a cidade de São Paulo, preocupando-se em depreender as atitudes linguísticas desses falantes a partir de seus níveis socioculturais. A partir da aplicação de um questionário, os resultados obtidos pela autora apontaram que atitudes positivas em relação ao dialeto paulista em detrimento das variedades nordestinas são mais recorrentes entre falantes de nível sociocultural mais baixo, o que é explicado pela tentativa de distanciamento de uma realidade social da qual não querem mais se aproximar.

Adant (1989), assim como Alves (1979), buscou entender os processos do contato dialetoal na fala de migrantes, mais especificamente de alagoanos que migraram para Brasília, a partir da análise das variáveis /t/ e /d/ antes de [i] e vogais médias pretônicas /e/ e /o/. A autora analisa a fala de 20 migrantes alagoanos (10 em Brasília e 10 em cidades satélites) em comparação à fala de 20 alagoanos não migrantes (10 da capital e 10 do interior; cinco mulheres e cinco homens de cada região). Na análise das duas variáveis sociolinguísticas, Adant (1989) nota que a rede social do falante, a idade e as atitudes linguísticas em relação ao dialeto alagoano são importantes na conservação ou não do dialeto alagoano.

Outros estudos mais recentes se propõem a explicar o processo de acomodação dialetoal para além das atitudes dos falantes, observando variáveis como o tempo de residência do falante em uma nova comunidade linguística. No estudo sobre o falar de paraibanos em Recife, Lima e Lucena (2013) investigam as realizações de /s/ em coda, em contextos diferentes de [t] e [d], na fala de sete migrantes que residem há no mínimo dois anos em Recife, sendo seis deles mulheres e um homem – considerando as diferenças entre as frequências de realização do /s/ em coda em cada região, com a palatal sendo mais frequente em Recife do que em João Pessoa –. Os autores observaram uma distribuição de 26% de palatalização e 73,9% de não palatalização na fala desses migrantes. Os resultados apontaram como estatisticamente significativas as variáveis Contexto Fonológico Seguinte, em que a palatalização é favorecida quando seguida por labial (22,7%); Estilo, em que a

palatal é favorecida no contexto de entrevista (20,9%); Frequências de Visita à Paraíba, em que a palatalização é mais frequente para quem vai para a Paraíba mensalmente (28,7%) ou para quem não vai (39,5%) do que para quem vai quinzenalmente (5,5%); Contato Diuturno com Falantes Recifenses, sendo os falantes que moram com recifenses os que mais favorecem a palatalização (36,6%) em comparação com os que não moram (4,6%); Tempo de Residência, com a palatalização mais favorecida por falantes que migraram há mais de 10 anos (37%) do que pelos falantes que migraram entre 2 e 3 anos (4%). Além de destacar o papel do Tempo de Residência para os falantes no processo de acomodação dialetal, Lima e Lucena (2013) ressaltam a importância da atitude positiva em relação ao dialeto recifense como um fator de maior acomodação dos paraibanos ao novo dialeto.

A palatalização do /s/ em coda é foco de outros estudos sobre acomodação dialetal no Brasil. Assim como Lima e Lucena (2013), Chacon (2012) analisa as ocorrências de /s/ em coda em contextos diferentes de [t] e [d], que são características do condicionamento fonológico para a realização da palatal na Paraíba – e também em Alagoas, como observado por Cardoso et al. (2018) (carta F05C3). No estudo de Chacon (2012), a autora analisa a fala de 10 migrantes paulistas em João Pessoa – em sua maioria filhos de migrantes – estratificados em Faixa Etária (19-25 anos; acima de 30 anos), que apresentaram uma distribuição de 34,8% de palatalização e 65,2% de não palatalização. Do mesmo modo que Adant (1989), Alves (1979) e Lima e Lucena (2013), Chacon (2012) avalia as atitudes linguísticas e a influência para com o processo de acomodação desses falantes. Além disso, a autora também aborda a questão do Tempo de Exposição ao novo dialeto como fundamental para a mudança na fala desses informantes, de modo que tempo de exposição dos paulistas ao dialeto paraibano demonstra ser o mais relevante para o favorecimento da palatalização, com 35,5% de ocorrência da variante palatal para quem vive há mais de 8 anos em João Pessoa em contraste com 19,5% de palatalização para quem vivem entre 3 a 5 anos na cidade e 7,6% para quem ali vive entre 1 e 3 anos.

Possatti e Lucena (2020) também analisam o contato dialetal na cidade de João Pessoa, mais especificamente a fala de seis cariocas – advindos de uma região em que a variante palatal é a mais frequente do que as demais, diferentemente do que se observa em João Pessoa – que migraram para a cidade há pelo menos um ano. O *corpus* contém falantes com diferentes tempos de exposição (1 ano; 2 anos; 4 anos; 7 anos) e contou com uma distribuição de geral de 17,5% de acomodação (não palatalização). Assim como os estudos citados anteriormente, Possatti e Lucena (2020) baseiam suas explicações a partir da atitude dos falantes, tendo em vista que as análises estatísticas não demonstraram relações diretas com as variáveis sociais e linguísticas controladas.

É visível que a questão da atitude linguística está presente na literatura da sociolinguística brasileira que trata da acomodação dialetal, sendo secundária a análise de variáveis que estariam estritamente correlacionadas com o processo de migração, como o Tempo de Exposição ao novo dialeto (Chacon, 2012; Lima & Lucena, 2013), e a Idade de Migra-

ção, que não foi analisada nos estudos em questão. Cabe então ressaltar a importância das análises dessas variáveis em um *corpus* maior e, em relação ao /s/ em coda, que se observem os comportamentos das variantes abordando outros processos que envolvem a variável, além da Palatalização – ou seja, a Aspiração e o Apagamento.

2.3 Projeto Processos de Acomodação Dialeto

Com interesse no desenvolvimento de estudos mais sistemáticos sobre o contato dialeto e a partir de um *corpus* mais abrangente, que permita a análise de variáveis com relação direta com o processo migratório, como Tempo de Residência e Idade de Migração, o projeto Processos de Acomodação Dialeto (Oushiro, 2016, 2018a, no prelo-b) aborda a fala de migrantes alagoanos e paraibanos que migraram para o estado de São Paulo, mais especificamente para as cidades de Campinas e São Paulo.

O projeto conta com duas amostras, sendo a primeira (Amostra 1) estratificada quanto ao Gênero (masculino; feminino), Faixa Etária (20-34 anos; 35-59 anos; 60 anos ou mais) e Grau de Escolaridade (Ensino Médio; Ensino Superior) de falantes que residem na Região Metropolitana de São Paulo. Já a segunda (Amostra 2) foi estratificada em Gênero (masculino; feminino), Idade de Migração (até 9 anos; 10 anos ou mais) e Tempo de Residência (até 20 anos; 20 ou mais) de falantes que residem na Região Metropolitana de Campinas.

O projeto surgiu a partir de questionamento a respeito da composição do falar paulista e busca investigar grande parte da população que não estava sendo contemplada nos estudos de falantes prototípicos. No projeto enviado à FAPESP para realização da pesquisa, Oushiro (2016) cita os dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2011) que mostram que 46% da população ativa economicamente na Região Metropolitana de São Paulo não nasceram no estado, sendo que a maioria dos migrantes (65%) eram advindos do Norte e do Nordeste. Tendo em mente que a cidade tem grande diversidade de dialetos em contato, o Projeto Acomodação se propôs a investigar mudanças que ocorrem na fala de migrantes, a começar por alagoanos e paraibanos.

A Amostra 1 é composta de 12 paraibanos e 24 alagoanos residentes da Região Metropolitana de São Paulo, cuja fala havia sido coletada para outros projetos específicos (ver Oushiro (no prelo-a)). O ponto de partida para análise de diversas variáveis em um único *corpus* se deu na medida que estudos prévios sobre a acomodação dialeto investigavam apenas uma variável. Oushiro (2016), contudo, observa que a acomodação a determinado traço não implica necessariamente em um processo global de acomodação, levando-a a investigar diversas variáveis. A escolha dessas variáveis foi feita de modo que contemplassem variáveis de diferentes níveis de análise linguística – fonéticas e morfofossintáticas –, e com diferentes indexicalidades – diferenciadoras do falar urbano-rural e falares regionais

(Sudeste e Nordeste). A Tabela 2.1 mostra como a composição da amostra foi elaborada, para que cada perfil correspondesse a pelo menos uma variável.

Tabela 2.1: Variáveis analisadas no Projeto Acomodação (Amostra 1).

	Fonéticas	Morfossintáticas
Rural-Urbano	/t/ e /d/ antes de [i]	concordância nominal
Sudeste-Nordeste	/r/ em coda vogais médias pretônicas /e/ e /o/	negação sentencial

Na Amostra 1, foram analisadas as variáveis (i,ii) vogais médias pretônicas /e/ e /o/, como em *relógio* e *romã* (Oushiro, 2019a, 2019b, 2020a, 2020c); (iii) /r/ em coda, como em *porta* (Oushiro, 2020a, 2020c); (iv) palatalização de /t/ e /d/ antes de [i], como em *tia* e *dia* (Oushiro, 2020a, 2020c); (v) concordância nominal, como em *os carros/os carro* (Oushiro, 2020a, 2020c); e (vi) negação sentencial, como em *não vi/não vi não/vi não* (Oushiro, 2020a, 2020c). Além dessas variáveis, a Amostra 1 também foi objeto de análise do estudo de Guedes (2019) sobre o artigo definido antes de possessivos, como em *a minha mãe/minha mãe*, que será resenhado mais adiante.

As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ foram analisadas por Oushiro (2019b) considerando os 32 migrantes que compõem a Amostra 1, além de sete falantes nativos da cidade de São Paulo. A partir das medidas de F1 e F2 (Hz), a autora comparou as diferenças nas alturas entre as vogais realizadas pelos migrantes e pelos paulistanos. Para a variável, Oushiro (2019b) aponta que a correlação se dá apenas com Idade de Migração, sendo que quanto mais novo o falante migrou, mais próximo está das variantes da comunidade anfitriã, destacando a falta de correlação entre as alturas das vogais e o Gênero e o Tempo de Residência.

Os resultados obtidos até então para as vogais médias pretônicas foram retomados por Oushiro (2020c), juntamente com as análises para as demais variáveis que foram propostas para investigação no Projeto Acomodação. Os resultados mostraram que nenhuma das variáveis se correlaciona com o Gênero do falante. Em relação à Faixa Etária, há correlação com as variáveis /t/ e /d/ antes de [i], negação sentencial e concordância nominal, com desfavorecimento das variantes paulistas/urbanas (/t, d/ africados, negação simples e concordância padrão) por falantes mais velhos. Em relação à variável Escolaridade, há correlação com negação sentencial e concordância nominal, sendo as formas padrão favorecidas por falantes mais escolarizados, como esperado. Essas variáveis morfossintáticas também são as únicas a demonstrar correlação com o Motivo de Migração do falante, que indica atuação de Classe Social, já que são os falantes que migraram para trabalhar ou acompanhar o marido que favorecem as variantes não padrão, em relação a falantes que migraram para estudar. Também foram analisadas as variáveis Idade de Migração e Tempo de Residência e, para a primeira, apenas as variáveis morfossintáticas

não apresentaram correlação; já para a segunda, /r/ em coda e negação sentencial foram as únicas que demonstraram correlação.

Com foco no papel da variável Gênero para entender o comportamento de cada variável linguística analisada no *corpus* até então, Oushiro (2020a) reporta os resultados obtidos para as variáveis vogais médias pretônicas, /r/ em coda silábica, /t/ e /d/ antes de [i], negação sentencial e concordância nominal em relação ao gênero do falante. A questão surge tendo em vista a divisão entre diferenciadores regionais (Norte e Sul) e diferenciadores do *continuum* rural-urbano que essas variáveis representam. Oushiro (2020a) demonstra que, em modelos de efeitos mistos, as variáveis não demonstram correlação com o gênero do falante, havendo correlação somente quando Gênero e Escolaridade são colocadas com interação nos modelos de efeitos mistos. Nesses modelos, as variáveis /t/ e /d/ antes de [i] e Concordância Nominal passam a demonstrar correlação, destacando o fato de que são variáveis que diferenciam os falares urbano e rural (Oushiro, no prelo-b).

Além das variáveis inicialmente selecionadas no Projeto Acomodação, Guedes (2019) e Guirelli (2018) analisaram o artigo definido antes de possessivos na fala dos paraibanos. Guedes (2019) analisou a variável a partir da amostra PBSP (Paraibanos em São Paulo, da Amostra 1), além de uma subamostra do Projeto VALPB (Hora, 1993), composta de 12 paraibanos não migrantes e de uma subamostra do Projeto SP2010 Mendes e Oushiro (2012), composta de 12 paulistanos. Ao comparar as três amostras, a autora buscava observar se haveria maior uso do artigo definido antes de possessivo na fala de migrantes do que na fala dos paraibanos que não migraram, já que a variante é mais comum na cidade de São Paulo, o que de fato foi observado por Guedes (2019). A autora observou uma maior aproximação da fala de paraibanos com a de paulistanos em relação à proporção geral das variantes e aos padrões abstratos de variação em relação às variáveis linguísticas. Para as variáveis sociais, vale destacar que o *corpus* utilizado pela autora fazia parte de Amostra 1 do Projeto Acomodação, estratificado em Gênero, Faixa Etária e Escolaridade, o que implica que as variáveis Idade de Migração e Tempo de Residência não necessariamente estavam balanceadas, de modo que a autora analisou-as separadamente. Dentre as variáveis Gênero, Nível de Escolaridade, Idade de Migração e Tempo de Residência, Guedes (2019) não encontrou correlação com nenhuma delas. Em vez desses fatores, a autora considera que os laços entre os falantes são mais importantes para a acomodação, com os laços de primeira ordem – vínculos de maior grau de afetividade – entre migrantes e paulistanos favorecendo o aumento de uso do artigo definido antes de possessivo. Assim como Guedes (2019), Guirelli (2018) analisa a fala de migrantes paraibanos em contraste com as amostras VALPB (Hora, 1993) e SP2010 (Mendes & Oushiro, 2012), mas na Amostra 2, PBCP (18 paraibanos em Campinas; amostra será descrita mais à frente). De modo semelhante aos resultados obtidos por Guedes (2019), Guirelli (2018) não encontrou correlações entre o uso do Artigo Definido Antes de Possessivo com

as variáveis Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência, assemelhando-se mais aos padrões da comunidade de origem dos falantes do que dos padrões da fala paulista.

Para essas primeiras análises da Amostra 1, observou-se que Idade de Migração se correlaciona com as variáveis fonéticas – quanto menor é a idade com que o falante migrou, maiores são as taxas das variantes paulistas/urbanas –, mas não com as variáveis morfossintáticas. Quanto ao Tempo de Residência, o /r/ em coda foi a única variável que se demonstrou correlacionada. Além disso, observou-se que a variável Gênero se correlaciona somente com as variáveis que são diferenciadoras do *continuum* rural-urbano, /t/ e /d/ antes de [i] e Concordância Nominal e na fala de migrantes menos escolarizados, não se correlacionando com variáveis que são diferenciadoras das regiões Nordeste e sudeste (ver Tabela 2.1). Entretanto, como as variáveis Idade de Migração e Tempo de Residência não eram ortogonais entre si na Amostra 1, já que os falantes que migraram mais cedo eram também os que estavam há mais tempo em São Paulo, a elaboração e a coleta de uma segunda amostra tiveram o objetivo específico de testar tais hipóteses explicitamente, em um corpus especialmente construído para isso.

A Amostra 2 conta com entrevistas sociolinguísticas de 22 migrantes alagoanos e 18 migrantes paraibanos que residem na Região Metropolitana de Campinas – agora estratificados em Gênero (masculino; feminino), Idade de Migração (até 19 anos; 20 ou mais) e Tempo de Residência (até 9 anos; 10 anos ou mais). O Projeto Acomodação já conta com as análises observadas para a Amostra 1, que foram reanalisadas na Amostra 2, além do estudo de novas variáveis.

Nessa nova amostra, Oushiro (2020b) reanalisa as variáveis /r/ em coda, /t/ e /d/ antes de [i], negação sentencial e concordância nominal, a fim de verificar se as generalizações depreendidas dos resultados obtidos ao analisar a Amostra 1 se manteriam as mesmas. Além da Amostra 2, a autora analisou as amostras PORTAL (Oliveira, 2011), VALPB (Hora, 1993) e SP2010 (Mendes & Oushiro, 2012) como grupos-controle. Para /r/ em coda, Oushiro (2020b) observou que há correlação tanto com Idade de Migração quanto com Tempo de Residência, assim como observado na Amostra 1 (Oushiro, 2020c). As variáveis /t/ e /d/ antes de [i] e concordância nominal se correlacionam com o Gênero do falante, e apenas o /t/ e /d/ antes de [i] se correlaciona também com Idade de Migração. Negação sentencial foi a única que não demonstrou correlação com nenhuma das variáveis estratificadoras da amostra. Com os resultados obtidos para as quatro variáveis, Oushiro (2020b) observou os mesmos resultados da Amostra 1, o que conduziu à proposta de generalização de que Idade de Migração se correlaciona com variáveis fonéticas e que Gênero se correlaciona com as variáveis que caracterizam o contínuo rural-urbano. Tempo de Residência, por sua vez, correlaciona-se somente com /r/ em coda, resultado para o

qual Oushiro (2020b) sugere estar possivelmente relacionado ao grau de saliência¹ dessa variável no português brasileiro.

Além dessas variáveis, outras foram estudadas a partir da Amostra 2. Em seu estudo sobre variação prosódica, Silveira (2022) analisou a fala dos 22 alagoanos residentes da Região Metropolitana de Campinas (ALCP), contrastando com a fala de nove campineiros não migrantes balanceados por Gênero (masculino; feminino) e Idade (20-34 anos; 35-59 anos; 60 anos ou mais). O autor analisou 17 variáveis prosódicas, a fim de investigar o comportamento desse tipo de variável em situação de contato dialetal (se semelhante ao das demais variáveis fonéticas). Dentre as variáveis analisadas, Silveira (2022) apontou que há diferenças entre o falar dos migrantes e dos campineiros em apenas duas variáveis rítmicas (VarcoV e VarcoC) e seis entoacionais (desvio padrão de f0 e de picos de f0, média e desvio padrão das taxas de mudança positivas e negativas de f0). As correlações com Idade de Migração ficaram restritas aos seis parâmetros entoacionais na fala de homens apenas. Também vale destacar a falta de correlação com Tempo de Residência, assim como as demais variáveis, exceto /r/ em coda.

A partir de uma visão mais panorâmica, Oushiro (no prelo-a) apresenta um estado-da-arte dos estudos sobre contato dialetal em comunidades lusófonas. Considerando a revisão de um conjunto abrangente de trabalhos, a autora discute, dentre outros pontos, a proposta de Lucena (2017) sobre o papel da variável atitude dos falantes como o principal fator para acomodação dialetal, mesmo que o autor tenha verificado, a priori, correlações com Tempo de Residência. Sobre esse ponto, Oushiro (no prelo-a) avalia que

It is indeed plausible that length of residence and attitudes are not independent predictors: the longer a person stays at the new community, the more they will develop positive attitudes to it; and the more positive attitudes towards the community, the more likely it is that they will stay. (Oushiro, no prelo-a, 10)

De fato, separar o efeito de diferentes variáveis previsoras no processo de acomodação dialetal tem sido um dos grandes desafios dos estudos sobre contato entre línguas mutuamente inteligíveis. Descrever e avaliar o efeito de múltiplas variáveis previsoras só pode ser feito devidamente com amostras mais robustas e nas quais diversos fatores são controlados – como é o caso da Amostra 2 do Projeto Acomodação.

Desse modo, com base nas duas amostras, o Projeto Acomodação já conta com diversos resultados. A Tabela 2.2 resume os resultados obtidos para Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência para cada uma das variáveis analisadas.

¹O grau de saliência foi interpretado nos estudos do Projeto Acomodação e nesta análise a partir do grau de consciência do falante quanto às variantes, investigado a partir de perguntas metalinguísticas no decorrer da entrevista (ver Anexo, p. 71), e das associações que os falantes fazem com determinadas variáveis tendo em vista seus aspectos geográficos.

Tabela 2.2: Resumo das variáveis sociolinguísticas e correlações observadas no Projeto Acomodação.

Variáveis	Gênero	Idade de Migração	Tempo de Residência
Vogais pretônicas /e/ /o/		✓	
/r/ em coda		✓	✓
/t/ /d/ antes de [i]	✓	✓	
Prosódicas		✓*	
Concordância nominal	✓		
Negação sentencial			
Artigo definido			

*Seis parâmetros entoacionais na fala de homens.

A Tabela 2.2 mostra que o Gênero dos falantes se mostrou correlacionado apenas com as variáveis /t/ e /d/ antes de [i] e concordância nominal, que têm em comum o fato de diferenciarem dialetos no *continuum* rural-urbano (mas não diferenciarem dialetos do Nordeste e do Sudeste). A Idade de Migração tem se mostrado correlacionada sistematicamente com variáveis fonéticas – com comportamento mais complexo no caso de variáveis prosódicas – e não com variáveis morfossintáticas. Por sua vez, o Tempo de Residência, em um corpus que também controla devidamente a Idade de Migração, não tem demonstrado tantas correlações quanto os estudos prévios previam. A correlação de Tempo de Residência apenas com a variável /r/ em coda permite supor que seu efeito esteja relacionado à saliência desse traço linguístico em relação aos demais, sendo considerado um verdadeiro *shibboleth* do português brasileiro.

Tendo em vista o panorama geral dos resultados do projeto e as generalizações propostas, analisa-se aqui o /s/ em coda na fala dos migrantes que compõem a Amostra 2, a fim de investigar se o /s/ em coda segue as generalizações propostas e como se dá o comportamento não só do processo de Palatalização, mas também de Aspiração e Apagamento, que ainda foram pouco estudados nas descrições da variável, e especialmente no contexto de contato dialetal.

3

Materiais e Métodos

Neste capítulo são descritos os procedimentos metodológicos utilizados, tanto para a construção do *corpus* do Projeto Acomodação, quanto para a codificação e análise da variável /s/ em coda a partir de suas quatro variantes: alveolar [s], palatal [ʃ] e [ʒ], aspirada [h] e zero fonético $\emptyset$ (ver Ex. (1)).

- (1) a. a infância de hoje é mai[s] fácil né tudo é mais... (JeffersonL)
- b. mulheres se formam tem filho mai[ʃ] tarde... (RosemaraA)
- c. e resolvi ficar um ano lá mai[h] minha esposa (JonasP)
- d. porque eu era a mai/ a mai $\emptyset$ velha mas era pequena (AdrieleS)

A Seção 3.1, descreve quais são as duas amostras que compõem o Projeto Acomodação, suas estratificações, o roteiro de entrevista, as variáveis analisadas até o momento e a generalização a que se chegou. A Seção 3.2 descreve os procedimentos usados na codificação do /s/ em coda nas entrevistas e os procedimentos utilizados para a construção da planilha de dados. A Seção 3.3 descreve as hipóteses de cada variável para as ocorrências de /s/ em coda, além dos procedimentos de análise das variantes a partir de testes estatísticos. Por fim, a Seção 3.4 descreve as hipóteses elaboradas para cada processo fonético/fonológico que marcam as variantes do /s/ em coda.

3.1 O *corpus* do Projeto Acomodação

Como visto na Seção 2.3, o projeto Processos de Acomodação Dialectal (Oushiro, 2016, 2018a, no prelo-b) tem analisado a fala de migrantes alagoanos e paraibanos que migraram para o estado de São Paulo, mais especificamente para as cidades de São Paulo e Campinas. A presente análise se desenvolve na Amostra 2, composta de gravações de entrevistas sociolinguísticas com 22 alagoanos e 18 paraibanos, estratificados de acordo com seu Gênero (masculino; feminino), Idade de Migração (até 19 anos; 20 anos ou mais) e Tempo de Residência em Campinas (até 9 anos; 10 anos ou mais).

Além da preocupação com a ortogonalidade entre essas variáveis, buscou-se evitar o efeito confundidor de escolaridade/classe social, concentrando a nova amostra em falantes menos escolarizados advindos de zonas rurais. Todos os falantes deveriam ter entre 20 e 50 anos, em fase de inserção no mercado de trabalho (ou seja, não há adolescentes ou falantes aposentados).

O roteiro de entrevistas sociolinguísticas (Labov, 2008 [1972]) da Amostra 2 tinha como objetivo obter amostras de fala menos monitoradas que possibilitassem a obtenção de informações sobre as condições sociais dos falantes e também suas percepções sociolinguísticas. A coleta foi realizada na Região Metropolitana de Campinas (Oushiro, 2018a), com cuidados desde o contato inicial até a implementação do roteiro de gravação, para que fossem semelhantes para todos os falantes.

O processo anterior à entrevista compreende a escolha do falante, em que se especificou que o entrevistador não fosse próximo do convívio diário deles (como amigo, parente, colega de trabalho). O primeiro contato deveria ser feito com a devida apresentação do entrevistador como aluno universitário que está fazendo um estudo “sobre as mudanças na vida de pessoas que não são de Campinas”. A escolha do local e horário de entrevista ficava a critério do participante. Além disso, após as gravações, pedia-se que o participante preenchesse um questionário socioeconômico caso se sentisse confortável para isso. As gravações têm cada qual aproximadamente 60 minutos de duração. A distribuição desses falantes quanto à estratificação da amostra está disposta na Tabela 3.1.

O roteiro completo pode ser visualizado no Anexo (p. 64). Em sua estrutura ele conta com duas partes: a primeira em que são feitas perguntas sobre o bairro em que moram, a infância, família, trabalho/ocupação e lazer, elaboradas de modo que estimulassem um tempo maior da fala desses participantes; já a segunda parte é composta por perguntas sobre a cidade de Campinas, sobre a percepção, avaliação e produção linguística desses falantes, além de uma lista de leitura de palavras, um questionário socioeconômico e um questionário de identidade, que deram base a algumas das variáveis analisadas aqui, para além das variáveis estratificadoras da amostra.

A variável Índice Socioeconômico foi elaborada a partir de questionário próprio, a partir de critérios semelhantes aos estipulados por Oushiro (2015). Além dessa, foram codificadas variáveis ligadas à identificação do falante como nordestino (Nordestinidade) e como paulista (Paulistidade). Ambas foram compostas a partir de perguntas em que os falantes atribuíam notas a si mesmos: “Numa escala de 0 a 10, o quanto você se considera nordestino?”; “Numa escala de 0 a 10, o quanto você já se considera paulista?”.

Os demais índices – Índice de Rede do Nordeste e Índice de Hábitos – foram codificados a partir de perguntas ao final da entrevista com respostas fechadas (como “A maioria dos seus amigos hoje também é de Nordeste?”, sendo as respostas possíveis: “nenhum amigo é”, “poucos são”, “metade é” ou “a maioria é”). Com esses índices, buscava-se observar

Tabela 3.1: Participantes da Amostra 2

Idade de Migração	Feminino		Masculino	
	Tempo de Residência			
	9-	10+	9-	10+
19-	MarleneN	AdrieleS	DanielS	JeffersonL
	ValentinaM	LuciaI	WellingtonF	JoaquimS
		EdileneB	FabianoJ	WalterN
		GiovanaC	JonasP	
		MilenaP		
		MarisaR		
		AmandaP		
		PenelopeM		
		RitaS		
	20+	JosileideS	IsabelaS	JosueA
LucimaraF		MoniqueR	ArthurG	ClaudineiP
VeronicaS		MarilidaS	RicardoR	MatheusA
YasminS		RoselinaM		
JoelmaM		MelanieG		
LucianaB				
MarianaS				
RosemaraA				

se a manutenção de contato com outros nordestinos e de hábitos culturais nordestinos implicariam em menor acomodação ao dialeto da comunidade anfitriã.

3.2 Codificação do /s/ em coda

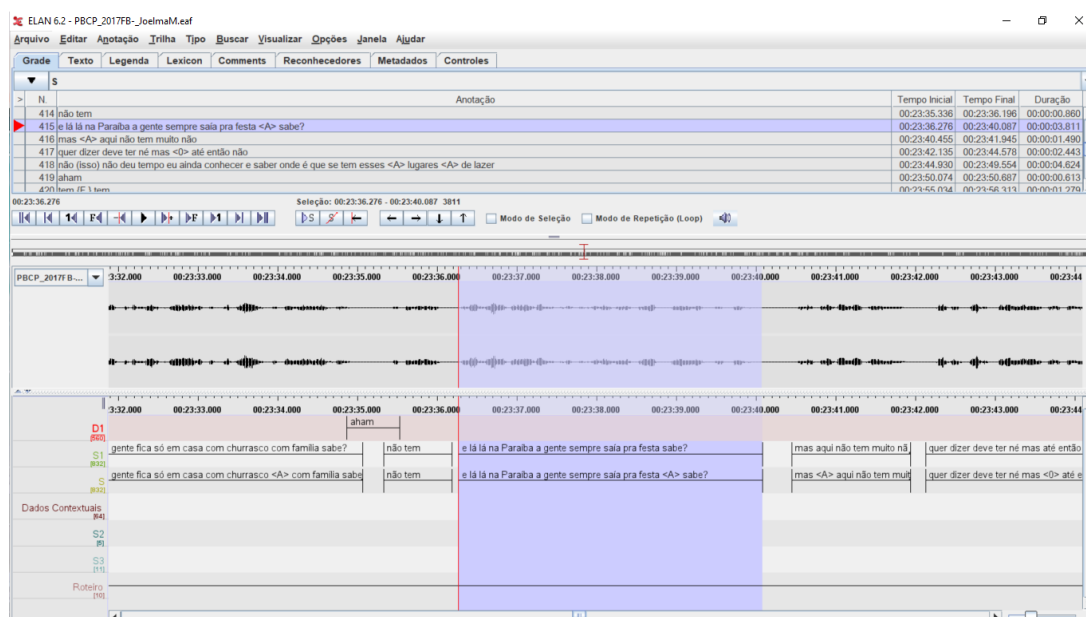
Com a Amostra 2 já coletada e transcrita no “ELAN” (2022) – plataforma que permite a anotação de dados alinhada ao arquivo de mídia –, codificaram-se de oitiva as ocorrências de /s/ em coda de acordo com suas quatro variantes. Devido à alta frequência da variável, como costuma acontecer com variáveis de natureza fonética, decidiu-se codificar os dados de cerca de 20 minutos de cada entrevista. Foram descartados os 20 minutos iniciais, a fim de diminuir possíveis efeitos de monitoramento da fala.

Para a codificação da variável, foi utilizado o mecanismo de busca do ELAN, que através de expressões regulares (como $s[bcd\text{fgjlmnpqrtvx}]$, $z[bcd\text{fgjlmnpqrtvx}]$ para posição medial e $[aeiou]s$, $[aeiou]z$ para posição final) permitia encontrar as ocorrências de /s/ em coda na trilha de transcrição correspondente à fala do participante, considerando que as transcrições seguem a ortografia padrão do Português Brasileiro, conforme as normas de transcrição do Projeto Acomodação. Com o mecanismo de busca indicando o momento exato da realização de cada ocorrência, escutou-se uma a uma para determinar

qual variante estava sendo usada. Para as codificações das variantes do /s/ em coda, usaram-se etiquetas que correspondessem às variantes (<A> para alveolar, <P> para palatal, <0> para zero fonético e <H> para a aspiração), de modo que, ao exportar os arquivos das entrevistas para uma planilha, essas indicações da variante utilizada já fossem automaticamente codificadas.

A Figura 3.1 apresenta a transcrição e codificação de uma das entrevistas do Projeto Acomodação, em que é possível observar as trilhas de anotações da fala do entrevistador (D1) e do entrevistado (S1), além das trilhas Dados Contextuais e Roteiro (que setoriza as entrevistas em infância, lazer, trabalho/ocupação etc., de acordo com o roteiro de entrevista; ver Anexo p.64). Na trilha “S” estão as mesmas anotações de fala do entrevistado, mas com adição das etiquetas da variante de /s/ em coda utilizada em cada instância. Fala de terceiros que pudessem ocorrer durante a entrevista (S2, S3 etc.) também foram transcritas, mas não codificadas.

Figura 3.1: Tela do ELAN e codificação de dados de /s/ em coda.



O ELAN também permite exportar a transcrição de um conjunto de transcrições – neste caso, 40 arquivos de entrevistas – para uma única planilha. A partir desse arquivo, aplicou o script dmsocio (**dmsocio**), para extração automática de 6.512 ocorrências de /s/ em coda para uma planilha de análise.

Com essas informações já estruturadas na planilha, outras variáveis também foram codificadas de modo automático por meio de script. Para otimização de algumas dessas codificações, foi utilizado o transcritor fonológico automático silac (Oushiro, 2018b), que faz a silabificação, acentuação e transcrição fonológica de textos em ortografia padrão do Português Brasileiro. A transcrição fonológica possibilitou automatizar a codificação de outras variáveis, como Contexto Fonológico Seguinte, Contexto Fonológico Precedente

e Tonicidade. Também foram codificadas automaticamente as variáveis Posição de /s/ na palavra e Estilo, sendo necessária a codificação manual apenas da variável Classe Morfológica (Ver Figura 3.2).

Figura 3.2: Topo da planilha de dado com a codificação das variáveis linguísticas.

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26
1	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
2	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
3	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
4	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
5	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
6	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
7	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
8	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
9	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
10	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
11	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
12	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
13	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
14	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
15	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
16	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
17	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
18	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
19	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
20	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
21	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
22	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
23	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
24	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
25	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
26	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
27	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
28	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
29	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
30	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
31	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
32	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
33	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
34	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
35	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
36	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
37	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
38	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
39	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y
40	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y

As variáveis sociais foram incluídas posteriormente, unindo a planilha de dados de /s/ em coda com a planilha de informações dos falantes, que foi elaborada a partir do questionário realizado após a entrevista. A planilha completa conta, portanto, com as ocorrências de /s/ em coda e as variáveis linguísticas e sociais que são analisadas neste estudo.

3.3 Análises

Com a codificação dessas informações em uma planilha, os dados foram analisados em testes de qui-quadrado e modelos de regressão logística de efeitos mistos através da plataforma R (Core, 2019-2022). Buscando viabilizar as análises estatísticas de uma variável não binária, as variantes de /s/ em coda foram divididas em três processos fonético-fonológicos: (i) a Palatalização (variante palatal em contraste com a variante alveolar); (ii) o Apagamento (realização alveolar, palatal e aspirada em contraste com a não realização/zero fonético); e (iii) a Aspiração (variante aspirada em contraste com as variantes alveolar e palatal).

Para cada processo fonético/fonológico foram realizadas análises univariadas que depois resultaram em análises multivariadas. Para analisar as variáveis, optou-se por alguns procedimentos quanto à codificação de variáveis linguísticas, visando principalmente diminuir a falta de ortogonalidade entre as variáveis nos modelos de regressão logística. Desse modo, para as variáveis que tinham muitas variantes, como Contexto Fonológico Seguinte e Precedente, buscou-se amalgamar esses segmentos.

Para a variável Contexto Fonológico Seguinte, analisaram-se dois tipos de classificações: Ponto de C (pausa, dorsal/labial e coronal) e Sonoridade (pausa, sonora e surda)

(Silva, 2021 [1998]). Nas análises univariadas exploratórias, observou-se que o comportamento para os três processos fonético/fonológicos era diferente em relação aos dois tipos de classificação. No processo de Palatalização, observou-se que as ocorrências de palatal estavam praticamente restritas quando o contexto fonológico seguinte era uma consoante coronal ([d], [l], [n], [t]; como em *acostumar*), sendo 31,9% dos casos, em contraste com 2% de palatal quando seguida por pausas e 0,7% quando seguida por uma consoante dorsal ([g], [h] e [k]; como em *biscoito*) ou labial ([b], [p], [f], [v] e [m]; como em *mesmo*)¹.

O Processo de Aspiração também demonstrou restrição quanto ao contexto de ocorrência mas, neste caso, restringiu-se quanto à sonoridade do segmento seguinte. A variante aspirada praticamente não ocorria quando seguida por pausas (0,5%) ou por consoantes surdas ([f], [h], [k], [p] e [t]; como em *plástico*) (0,2%), sendo a maioria das ocorrências de variante aspirada seguida por consoante sonora ([b], [d], [g], [l], [m], [n] e [v]; como em *infelizmente*).

Para o Processo de Apagamento não houve nenhum tipo de restrição quando ao contexto fonológico seguinte, entretanto se preferiu analisar a variável a partir da classificação por Sonoridade, que apresentou um Índice C maior em relação ao uso do zero fonético.

O Contexto Fonológico Precedente também teve suas variantes amalgamadas, de modo que para os três processos se considerou – a partir do maior Índice C – a classificação por abertura da vogal (Silva, 2021 [1998]): vogal fechada ([i], [j], [i] e [w]; como em *alguns*), meio fechada ([e] e [o]; como em *lugares*), meio aberta ([ɔ] e [ɛ]; como em *através*) e aberta ([a]; como em *afastaram*).

Em relação à Classe Morfológica, percebeu-se que as variantes para as variáveis específicas estavam divididas quanto às classes gramaticais (Artigo, Conjunção, Numeral e Pronome) e lexicais (Adjetivo, Advérbio, Substantivo e Verbo), de modo que se amalgamaram as variantes nessas categorias. A Tabela 3.2 resume as variáveis analisadas nos três processos de /s/ em coda, com as devidas amalgamações realizadas.

¹As variantes dorsal e labial haviam sido codificadas separadamente, mas por terem baixas taxas ocorrência de palatal foram amalgamadas em um único nível.

Tabela 3.2: Variáveis Linguísticas e Sociais codificadas

Variável	Variantes
Tonicidade	Átona Tônica
Posição	Final Medial
Estilo	Conversa Leitura de Palavras
Contexto Fonológico Precedente	Aberta Meio Aberta Meio Fechada Fechada
Contexto Fonológico Seguinte	Pausa Surdo Sonoro
Classe Morfológica	Lexical Gramatical
Gênero	Masculino Feminino
Tempo de Residência	Variável Contínua
Idade de Migração	Variável Contínua
Índice Socioeconômico	Variável Contínua
Paulistidade	Variável Contínua
Nordestinidade	Variável Contínua
Índice de Rede do Nordeste	Variável Contínua
Índice de Hábitos	Variável Contínua
Item Lexical	Efeito Aleatório
Participante	Efeito Aleatório

As hipóteses estabelecidas para cada variável são descritas na seção seguinte.

3.4 Hipóteses

Cada processo fonético/fonológico levou a estabelecer diferentes hipóteses sobre as variáveis linguísticas e sociais codificadas com base nos estudos anteriores de /s/ em coda e de acomodação dialetal (ver Capítulo 2).

Para o Processo de Palatalização, em relação à variável Tonicidade, esperava-se que a palatal fosse favorecida em sílabas tônicas e a alveolar favorecida em sílabas átonas, como

observado no estudo de Brescancini (1996). Quanto à Posição, esperava-se que a palatal fosse favorecida em contexto medial e a alveolar favorecida em contexto final, tendo em vista os estudos de Brescancini (1996), Chacon (2012) e Scherre e Macedo (2000).

Quanto ao Estilo, esperava-se que a palatal fosse favorecida no contexto de conversa, tendo em vista que esse é um contexto de menor monitoramento da fala e portanto mais propenso à realização da variante menos prestigiada, no caso a não paulista, implicando no favorecimento da alveolar no contexto de lista de leitura de palavras, devido ao seu maior grau de monitoramento.

Para o Contexto Fonológico Seguinte se esperava que as realizações de palatais estivessem restritas ao contexto coronal, como observado por Hora (1993), o que de fato ocorreu na fala dos migrantes, como descrito na Seção 3.3, de modo que se restringiram as análises às ocorrências de alveolar e palatal nesse contexto. O Contexto Fonológico Precedente também foi analisado, de modo que se espera que a variante palatal fosse favorecida por vogais fechadas, tendo em vista os estudos de Brescancini (1996). Para a Classe Morfológica, também analisada pela autora, esperava-se observar favorecimento da variante palatal em classes lexicais.

Quanto ao Gênero (variável estratificadora da amostra), não se esperava encontrar correlação para o processo de Palatalização, tendo em vista os resultados anteriores do Projeto Acomodação que apontaram que a variável só se correlacionou com variáveis que eram diferenciadoras dos falares urbano e rural, o que não é o caso das variantes analisadas no processo de Palatalização.

Além da falta de correlação com Gênero, esperava-se que as demais variáveis estratificadoras da amostra, Idade de Migração e Tempo de Residência, demonstrassem correlação com o Processo de Palatalização. Para a correlação com ambas as variáveis, esperava-se que a Palatalização tivesse um grau de saliência próximo ao do /r/ em coda, já que essas duas variáveis eram constantemente mencionadas pelos participantes nos momentos da entrevista em que expressavam suas percepções sociolinguísticas (ver roteiro de entrevista no Anexo 64). Desse modo, para o Processo de Palatalização, esperava-se o seguinte para cada variável:

- Idade de Migração: quanto maior a Idade de Migração do falante, maiores as taxas da variante não paulista (palatal);
- Tempo de Residência: quanto menor o Tempo de Residência do falante em Campinas, maiores as taxas da variante não paulista (palatal).

Para as demais variáveis sociais, esperava-se que pudessem apontar outras questões envolvendo o processo de acomodação. Para Índice Socioeconômico, esperava-se que quanto maior fosse o índice, maiores seriam as taxas de realização da variante palatal, tendo em vista o estudo de Alves (1979) em que se observa comportamento semelhante, em que as

classes mais baixas tentariam acomodar mais a sua fala à fala da comunidade anfitriã do que falantes de classes mais altas, buscando amenizar o preconceito.

Para as variáveis Paulistidade e Nordestinidade, esperava-se que o nível de identificação do migrante com a região de origem e a de residência influenciasse o processo de Palatalização. Quanto à Paulistidade, esperava-se que quanto maior a identificação do falante como paulista, menor seria a taxa de palatal. Já para a Nordestinidade, esperava-se que quanto maior fosse a identificação como nordestino, maior seria a taxa de palatal.

Da mesma forma, para os Índices de Rede do Nordeste e de Hábitos, esperava-se correlação, na medida que quanto maiores fossem os índices, maior seria o uso da variante palatal, visto que a manutenção de contato com outros nordestinos e a manutenção de hábitos da região indicariam uma menor taxa de acomodação.

As mesmas variáveis foram observadas para o Processo de Apagamento, de modo que se esperava que a variável tivesse correlação com Tonicidade, com a variante zero fonético sendo favorecida em sílabas átonas, como foi observado por Guy (1981). Posição também era uma variável que se esperava correlação com o Apagamento e, tendo em vista o mapeamento do falar paraibano feito por Aragão (2020) e os estudos de Hora e Pedrosa (2008), esperava-se que ocorresse mais em posição final.

Contexto Fonológico Seguinte também era uma variável que se demonstrava relevante para a realização do apagamento nos estudos de Guy (1981), de modo que aqui se esperavam resultados semelhantes aos obtidos por ele: favorecimento do apagamento quando seguido por consoantes sonoras. Ao contrário, para Contexto Fonológico Precedente não se esperava nenhuma correlação com o apagamento, já que a variável não aparece como significativa em estudos anteriores, como Carvalho (2000), Gryner e Macedo (2000) e Scherre e Macedo (2000).

Em relação ao Apagamento e a possível influência de Classe Morfológica, não se esperava nenhum tipo de correlação, visto que o apagamento vinha sendo estudado a partir de itens lexicais específicos, como no estudo de Scherre e Macedo (2000), sem especificações sobre classes morfológicas e a realização da variável.

Além das variáveis linguísticas, esperava-se que, para as variáveis sociais, o Apagamento seguisse o mesmo padrão observado no Processo de Palatalização, considerando que também fosse saliente. Desse modo, não se esperava correlação com Gênero do falante, mas sim com Idade de Migração e com Tempo de Residência, sendo que para:

- Idade de Migração: quanto mais novo o falante migrou, mais acomodada à variante urbana estaria sua fala (o não apagamento);
- Tempo de Residência: quanto mais longo o tempo de contato com o dialeto paulista, maior seria a tendência ao não apagamento.

Para as demais variáveis sociais que não estratificaram a amostra, poderiam também haver correlações com o Processo de Apagamento. Para Índice Socioeconômico, esperava-

se que quanto menor o índice, maior a taxa de apagamento, considerando que a variante também é característica do falar paulista, principalmente das classes mais baixas.

Em relação às variáveis que indicavam identificação do falante com o Nordeste (Nordestinidade) e com o estado de São Paulo (Paulistidade), esperava-se correlação na direção de que quanto maior fosse a identificação do falante como nordestino, maior o uso do apagamento e quanto maior a identificação do falante como paulista, menor o uso do zero fonético. Para os Índices de Rede e de Hábitos, esperava-se também que quanto maior fosse a manutenção de costumes nordestinos e a manutenção do contato com falantes da mesma região, maior seriam as taxas de apagamento.

O último processo a ser discutido é o Processo de Aspiração, que foi analisado a partir das mesmas variáveis. Para a Tonicidade, esperava-se favorecimento da variante aspirada em sílabas tônicas, como observado por (Melo, 2017; Scherre & Macedo, 2000). Quanto à Posição, baseando-se nos estudos dos mesmo autores, esperava-se que a Aspiração fosse favorecida em posição final.

Em relação ao Contexto Fonológico Seguinte, observou-se que a variante aspirada só acontece quando seguida por consoante sonora, de modo que essa foi a delimitação feita para sua análise (ver Seção 3.3). Diferentemente do Contexto Fonológico Seguinte, não se esperava condicionamento linguístico quanto ao Contexto Fonológico Precedente, uma vez que a variável não foi indicada como significativa para o uso da variante em estudos anteriores (ver Capítulo 2). Além dessas variáveis, observou-se também a Classe Morfológica das palavras, entretanto, assim como para o Processo de Apagamento, os resultados de Scherre e Macedo (2000) não indicavam correlação com classe gramaticais, mas sim com Itens Lexicais específicos, de modo que aqui não se esperava correlação com a variável.

Para as variáveis estratificadoras da amostra, esperava-se um resultado semelhante aos que eram esperados para os dois processos anteriores, imaginando que a variante aspirada fosse a mais saliente dentre as quatro variantes do /s/ em coda pela sua baixa taxa de ocorrência, tanto no falar nordestino quanto no dialeto paulista. Desse modo, esperava-se que o processo não se correlacionasse com Gênero, mas sim com Idade de Migração e Tempo de Residência, sendo que para:

- Idade de Migração: quanto mais novo o falante migrou, mais acomodada à não aspiração sua fala estaria;
- Tempo de Residência: correlação mais forte com a variável aspiração, em comparação com a variável apagamento de /s/, considerando-se o grau de saliência da variante aspirada; a direção esperada da correlação é que quanto mais longo o tempo de contato com o dialeto paulista, maior será o grau de acomodação à não aspiração.

Para as demais variáveis que não estratificaram a amostra, também se esperavam correlações. Em relação ao Índice Socioeconômico, esperava-se que a variante aspirada

fosse desfavorecida quanto maior o índice, tendo como base os estudos de Melo (2017) e a relação da aspiração com os graus de inserção social que os falantes têm. Além disso, como variante mais comum na Paraíba e Alagoas do que em Campinas, ainda que pouco frequente de modo geral, esperava-se que o Processo de Aspiração se correlacionasse com Nordestinidade e Paulistidade, na direção que quanto maior a identificação do falante como nordestino, maior o uso da variante aspirada e que quanto maior a identificação como paulista, menor o uso da mesma variante. Em relação aos Índices de Rede do Nordeste e de Hábitos, esperava-se também que quanto maior a manutenção do contato com nordestinos e a manutenção dos hábitos da região, maior seria o uso da variante.

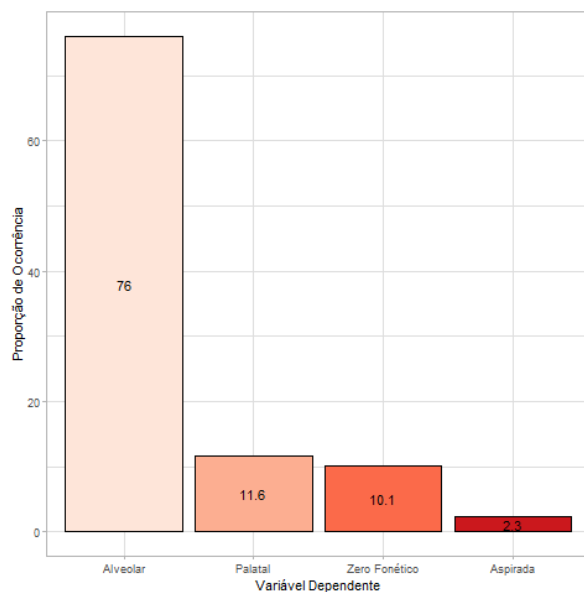
A partir dessas hipóteses, as análises dos três processos serão descritas no Capítulo 4, assim como a discussão dos resultados obtidos em comparação com a literatura de /s/ em coda e os demais resultados do Projeto Acomodação.

4

Resultados

A Figura 4.1 mostra a distribuição dos dados codificados de acordo com as quatro variantes de /s/ em coda: das 6.512 ocorrências, a variante mais frequente foi a alveolar (76%), seguida da variante palatal (11,6%) e do zero fonético (10,1%), e a menos frequente foi a variante aspirada (2,3%).

Figura 4.1: Distribuição das variantes de /s/ em coda no *corpus* (N = 6.512).



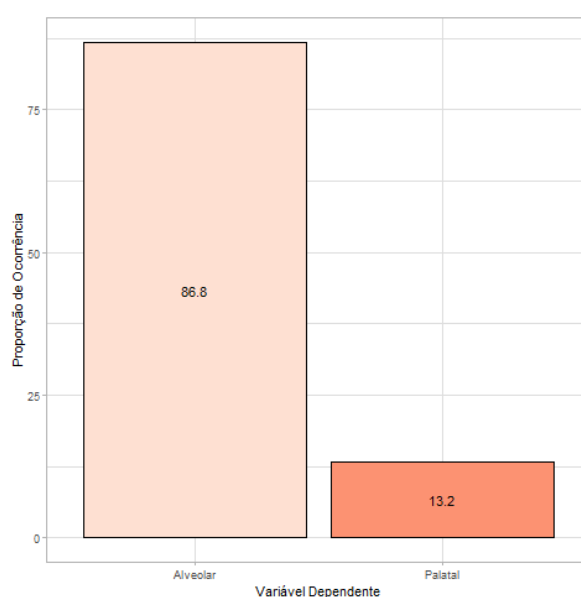
Para a análise, dividiram-se as variantes em três processos fonético/fonológicos (ver Capítulo 3). A Seção 4.1 aborda o Processo de Palatalização do /s/ em coda; a Seção 4.2 aborda o Processo de Apagamento; e a Seção 4.3 aborda o Processo de Aspiração da variável. Nas três seções são descritos os resultados obtidos a partir das análises de Regressão Logística em comparação com estudos anteriores de /s/ em coda e os resultados do Projeto Acomodação.

4.1 Palatalização

O primeiro processo analisado foi a Palatalização do /s/ em coda, contrastando as variantes palatal e alveolar. Com a generalização observada pelo Projeto Acomodação – correlação com Idade de Migração para as variáveis fonéticas e não para as variáveis morfossintáticas – esperava-se que o Processo de Palatalização demonstrasse o mesmo comportamento, com a variante palatal sendo favorecida quanto maior a idade com que o falante migrou. Além disso, esperava-se correlação com o Tempo de Residência, assim como observado para o /r/ em coda (Oushiro, 2020b), considerando a variante palatal saliente, tendo em vista os comentários metalinguísticos feitos pelos falantes nas entrevistas.

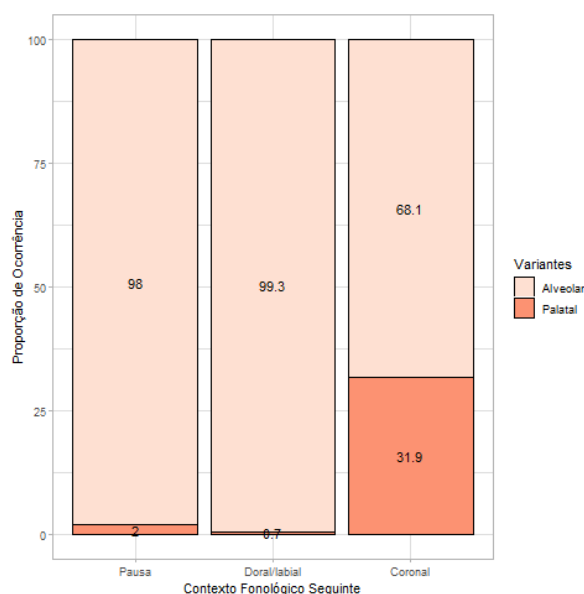
As análises partiram então das ocorrências de alveolares e palatais de /s/ em coda. A Figura 4.2 mostra a distribuição das variantes, em que se observou 86,8% para a alveolar, variante mais frequente, e 13,2% para a variante palatal.

Figura 4.2: Distribuição geral das variantes palatal e alveolar (N = 5.704)



As primeiras análises exploratórias apontaram para restrições de ocorrência da realização da variante palatal quanto ao Contexto Fonológico Seguinte. A Figura 4.3 mostra que a palatal praticamente não ocorre quando o contexto seguinte é de pausa (2%) ou uma consoante dorsal ([g], [h], [k]) ou labial ([b], [p], [f], [v] e [m]) (0,7%). Por outro lado, houve maior número de ocorrências da palatal quando /s/ era seguida por consoantes coronais ([d], [l], [n], [t]) – como em *acostumar*. A partir dessa distribuição, descartaram-se os dados de /s/ em coda nos contextos fonológicos seguintes pausa, dorsal e labial, e mantiveram-se apenas os dados de /s/ em coda seguida de segmentos coronais. Com esse novo envelope de variação, a variante alveolar também foi a mais frequente com 68,1% dos dados, seguida da palatal com 31,9%, em um total de 2.263 dados.

Figura 4.3: Proporção do emprego das variantes Palatal e Alveolar de acordo com Contexto Fonológico Seguinte.



A análise de Regressão Logística incluiu todas as variáveis linguísticas que demonstraram correlação com o Processo de Palatalização em análises univariadas (ver Tabela 4.1), além das três variáveis estratificadoras da amostra (Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência) e duas variáveis como efeito aleatório (Item Lexical e Participante).

Tabela 4.1: Variáveis Linguísticas que demonstraram correlação com a Palatalização em análises univariadas

Variável	Correlação
Tonicidade	[ʃ]/[ʒ] favorecida em sílabas tônicas
Posição	[ʃ]/[ʒ] favorecida em posição medial
Contexto Fonológico Precedente	[ʃ]/[ʒ] favorecida em meio aberta
Classe Morfológica	[ʃ]/[ʒ] favorecida em classes lexicais

Os resultados desse modelo se encontram na Tabela 4.2.

A Tabela 4.2 mostra que não há correlação com as variáveis Tonicidade, Contexto Fonológico Precedente, Classe Morfológica e Gênero. Em Tonicidade, observa-se uma distribuição de 36,2% de palatal em sílabas tônicas – como em *agosto* – e 28,4% da mesma variante em sílabas átonas – como em *drogas* (ver Figura 4.4). A variável não demonstrou correlação significativa para a Palatalização, diferentemente de estudos como o de Brandão (2008) e Brescancini (1996), que observaram o contextoônico como favorecedor do uso da palatal. Entretanto, o resultado se assemelha ao de Lima e Lucena (2013), que também estuda a Palatalização no contexto de acomodação dialetal, e não encontrou correlação com a Tonicidade e o processo de palatalização.

Tabela 4.2: Tendências de emprego da variante palatal em análise de Regressão Logística de efeitos mistos de /s/ em coda (N = 2.263)

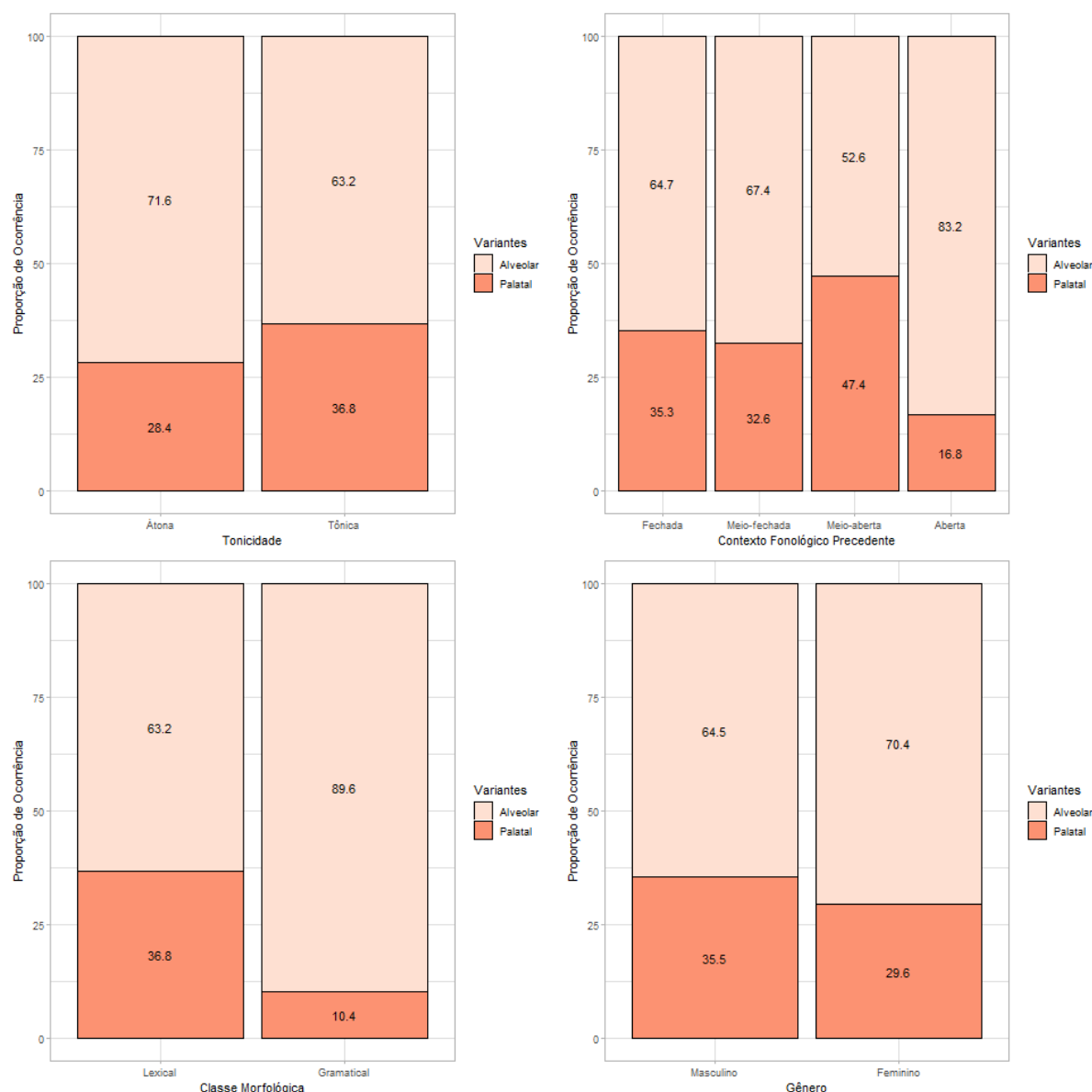
<i>Intercept</i> = -4,048						
Variável	Estimativa	Erro Padrão	Valor-z	<i>p</i>	Apl./N	%
Tonicidade						
Átona (v. referência)					379/1.333	28,4%
Tônica	0,421	0,288	1,461	0,143	342/930	36,2%
Posição						
Final (v. referência)					79/767	10,3%
Medial	2,240	0,314	7,130	<0,001***	642/1.495	42,9%
Contexto Fonológico Precedente						
Fechada (v. referência)					189/529	35,3%
Meio fechada	0,108	0,295	0,367	0,713	367/1.127	32,6%
Meio aberta	-0,168	0,419	-0,403	0,686	101/213	47,4%
Aberta	0,249	0,389	0,641	0,521	66/394	16,8%
Classe Morfológica						
Lexical (v. referência)					677/1.839	36,8%
Gramatical	-0,275	0,381	-0,721	0,470	44/424	10,4%
Gênero						
Masculino (v. referência)					305/859	35,5%
Feminino	0,104	0,410	0,255	0,798	416/1.404	29,6%
Tempo de Residência	-0,047	0,023	-2,036	<0,05*		
Idade de Migração	0,062	0,030	2,049	<0,05*		
Modelo: VD ~ tonicidade + posição.s + CFS_abertura + classe.morfológica + gênero + tempo.sp + idade.migração + (1 participante) + (1 item.Lexical)						

No Contexto Fonológico Precedente, que também não demonstra correlação com a palatalização, observa-se uma taxa de 35,3% da variante palatal quando precedida por vogal fechada – como em *desistiu* – 32,6% quando precedida por vogal meio fechada – como em *estudar* – 47,4% quando precedida por vogal meio aberta – como em *detesto* – e de 16,8% quando precedida por vogal aberta – como em *bastante* (ver Figura 4.4). Os resultados para a variável se assemelham aos de Lima e Lucena (2013), que também não observaram correlação com a Palatalização, e diferem dos resultados de Brescancini (1996), nos quais a palatal foi favorecida por vogais altas.

Para Classe Morfológica, a falta de correlação com a Palatalização também é observada, apresentando uma distribuição de 36,8% de palatal em classes lexicais (adjetivo, advérbio, substantivo e verbo) – como em *livros* – e 10,4% em classes gramaticais (artigo, conjunção, numeral e pronome) – como em *nós* (ver Figura 4.4). Sobre a variável, o estudo de Brescancini (1996) apresenta diferenças, já que a autora aponta correlação com a Palatalização, destacando que a palatal tem uma maior taxa de ocorrência em classes lexicais.

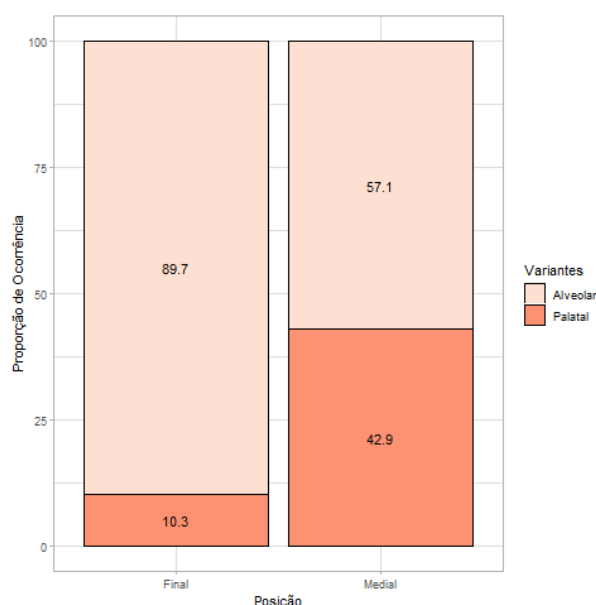
Gênero também é uma variável que não demonstra correlação com a Palatalização, com uma distribuição de 35,5% de palatal na fala de homens e de 29,6% na fala de mulheres (ver Figura 4.4). Diferentemente dos resultados para o Processo de Palatalização na fala dos migrantes, os estudos de Brandão (2008) e Brescancini (1996) analisaram a variável e encontraram diferença significativa entre homens e mulheres no uso da variante palatal, sendo as mulheres as maiores favorecedoras da variante. Entretanto, é necessário considerar que a variante tem diferentes status nas diferentes comunidades de fala que esses estudos analisaram – sendo variante inovadora e prestigiada no estudo de Brandão (2008) sobre o falar fluminense e conservadora e desprestigiada no estudo de Brescancini (1996) sobre o falar de Santa Catarina.

Figura 4.4: Proporção do emprego das variantes palatal e alveolar de acordo com Tonicidade (topo, esq.), Contexto Fonológico Precedente (topo, dir.), Classe Morfológica (abaixo, esq.) e Gênero (abaixo, dir.).



Por outro lado, o Processo de Palatalização se correlaciona com a Posição do /s/ em coda na palavra, com a Idade de Migração e com o Tempo de Residência. Para a Posição, há distribuição de 10,3% de palatal em posição final – como em *faz* – e 42,9% em posição medial – como em *investir* – de modo que a palatalização é favorecida quando o /s/ em coda se encontra em meio de palavra (*logodds*: 2,240; ver Figura 4.5). Os resultados se assemelham aos obtidos por Brandão (2008) e Brescancini (1996), com a palatal favorecida em posição medial, mas diferem dos resultados do estudo de Lima e Lucena (2013), já que a variável não é selecionada para a fala de migrantes paraibanos em Recife.

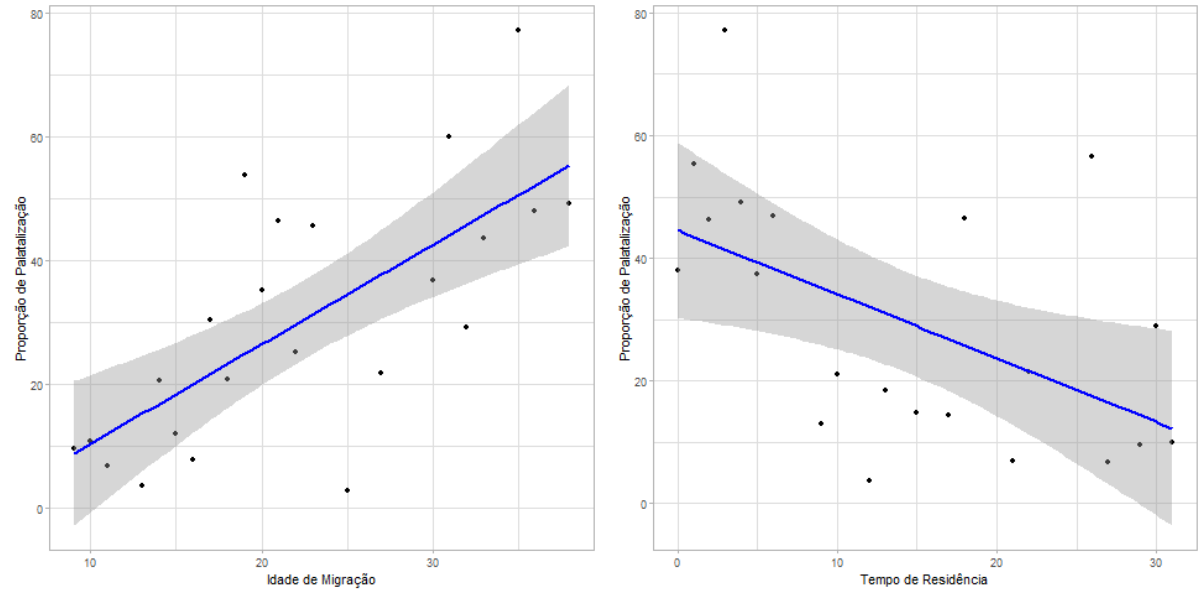
Figura 4.5: Proporção do emprego das variantes palatal e alveolar de acordo com Posição de /s/ na palavra



Como esperado para variáveis fonéticas – a partir das generalizações feitas pelo Projeto Acomodação – a Idade de Migração do falante se correlaciona com a Palatalização. Para essa variável, quanto maior é a idade com que o falante veio para Campinas, maior é o uso da variante palatal (*logodds*: 0,062), o que indica uma menor taxa de acomodação dialetal para os falantes que migraram mais velhos. A Palatalização também demonstra correlação com o Tempo de Residência, sendo a variante palatal desfavorecida (*logodds*: -0,047) quanto mais tempo o migrante está em Campinas, ou seja, mais acomodado está o migrante ao falar da comunidade anfitriã (ver Figura 4.6).

Além das características linguísticas que implicam na Palatalização, as correlações com as variáveis Idade de Migração e Tempo de Residência também demonstraram semelhanças com outros estudos sobre acomodação dialetal. Lima e Lucena (2013) destacam a importância do Tempo de Residência para a acomodação do falar de paraibanos em Recife, destacando que os indivíduos que mais palatalizaram haviam sido os que residiam em Recife há mais de 10 anos. Além do estudo de Lima e Lucena (2013), observa-se também semelhanças entre a realização da palatal com a realização do /r/ em coda, descrita por

Figura 4.6: Proporção do emprego da variante palatal de acordo com Idade de Migração (à esq.) e Tempo de Residência (à dir.)



Oushiro (2020b), já que ambas as variáveis foram as únicas que, até então, demonstraram correlação tanto com Idade e Migração quanto com Tempo de Residência, reforçando o possível papel da saliência da variável no processo de acomodação

Outras análises foram realizadas para investigar possíveis correlações entre as variáveis que integraram o Modelo de Regressão (ver Tabela 4.2) e as demais variáveis que compuseram as análises univariadas (ver Capítulo 3). Para isso, elaboraram-se modelos de Regressão Logística com as variáveis que demonstraram correlação com as análises univariadas (ver Tabela 4.1), as variáveis estratificadoras da amostra, Item Lexical e Participante como variáveis aleatórias e também as variáveis sociais que não analisadas no modelo anterior (ver Tabela 3.2), inseridas uma a uma. A Tabela 4.3 resume os resultados obtidos a partir de cada modelo.

Tabela 4.3: Resumo dos resultados das demais análises do Processo de Palatalização.

Modelo	Correlação	Altera correlação		
		Gênero	Tempo de Residência	Idade de Migração
Índice Socioeconômico	-	-	-	-
Paulistidade	-	-	✓	-
Nordestinidade	-	-	✓	✓
Índice de Rede do NE	*	-	✓	-
Índice de Hábitos	-	-	✓	-

✓ indica que houve alteração de correlação – * indica que houve correlação da variável quando incluída no modelo ($p < 0,05$)

Na tabela, observa-se que os *check marks* indicam que com a inclusão de determinada variável no modelo, altera-se a correlação com Gênero, Tempo de Residência e/ou Idade de Migração. Nessas análises, observa-se que há alteração de correlação da Palatalização

com Tempo de Residência quando incluídas as variáveis Paulistidade, Nordestinidade, Índice de Rede do Nordeste e Índice de Hábitos.

Em relação a Idade de Migração, há alteração de correlação quando se insere a variável Nordestinidade, deixando de ser significativa para o Processo de Palatalização. Além disso, a variável Índice de Rede do Nordeste demonstrou correlação quando inserida no modelo, favorecendo o uso da variante palatal.

As alterações entre correlações, quando essas variáveis são inseridas nos modelos, podem indicar possíveis interações entre as variáveis. Para a variável Tempo de Residência especificamente, deixa-se de ter correlação quando são inseridas variáveis que se relacionam com a identidade e atitude do falante diante, o que aponta para o que Oushiro (no prelo-a) argumentou sobre a atitude dos falantes em relação à comunidade anfitriã e o tempo de exposição não serem variáveis independentes entre si. Entretanto, as variáveis não estão balanceadas, podendo não representar de fato suas implicações no processo de acomodação.

4.1.1 Síntese dos resultados para Palatalização

O resultado observado para a palatalização, em relação às variáveis que demonstraram correlação com o processo, apontaram relações interessantes para entender a acomodação do /s/ em coda na fala de migrantes quanto às suas ocorrências linguísticas e sociais, mas principalmente as relações com as demais variáveis analisadas no Projeto Acomodação (Oushiro, no prelo-b).

Quanto às variáveis linguísticas, em comparação com os estudos de /s/ em coda voltados para o processo de palatalização, como os de Brandão (2008) e Brescancini (1996), observa-se a importância da posição medial para a realização da variante palatal, mesmo em diferentes comunidades de fala.

Quanto às variáveis sociais, os resultados mantiveram a generalização proposta no Projeto Acomodação, pois o /s/ em coda demonstrou correlação com Idade de Migração, assim como se observou para as demais variáveis fonéticas analisadas – com exceção da prosódia, que demonstrou correlação apenas com parâmetros entoacionais na fala de homens.

Em relação ao Tempo de Residência, observou-se o comportamento esperado para a variável, correlação com a Palatalização, de modo que os resultados se assemelham aos obtidos para o /r/ em coda por Oushiro (2020b), sendo essas as únicas variáveis até então a demonstrar tal comportamento, o que leva a se considerar as proposições quanto à saliência do /s/ em coda, assim como a do /r/ em coda, para explicar tal comportamento. Além disso, seguindo a generalização proposta pelo Projeto Acomodação quanto ao Gênero do falante, a palatalização – que caracteriza diferenças regionais e não dos dialetos rural-urbano – não demonstrou correlação. Essas semelhanças direcionaram

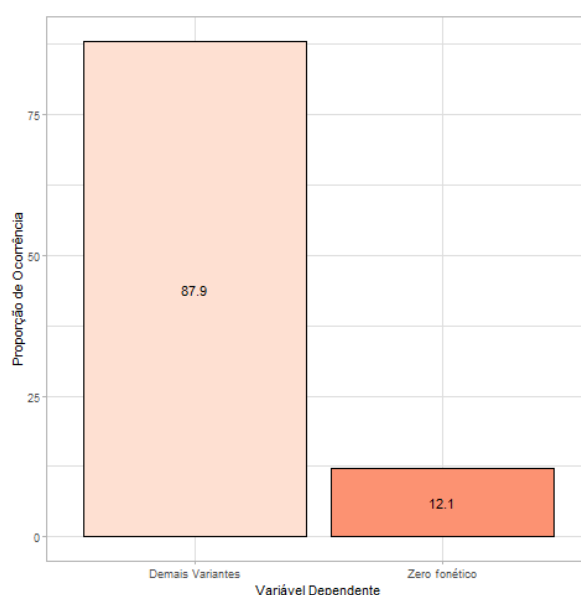
a elaboração de novas hipóteses para as demais variantes do /s/ em coda (aspirada e zero fonético) pautadas no grau saliência das variantes.

4.2 Apagamento

O Processo de Apagamento é analisado a partir da variante de interesse, o zero fonético, em contraste com as demais variantes (aspirada, palatal e alveolar). Considerando o papel da saliência, investiga-se o papel das variáveis linguísticas e sociais (ver Capítulo 3) para entender como o contato dialetal interfere no Processo de Apagamento do /s/ em coda, tendo em vista que o zero fonético também é uma variante comum no falar campineiro e, portanto, menos saliente que a variante palatal e aspirada.

Para análise foram consideradas as ocorrências de zero fonético, exceto em morfemas de plural (como em *condições*, *conversamos*, *iguais*, *irmãos* e *lugares*). A Figura 4.7 mostra a distribuição das variantes, em que se observou 12,1% de ocorrência de zero fonético e 87,9% de ocorrência das demais variantes, em um total de 4.234 dados.

Figura 4.7: Proporção do emprego da variante zero fonético e das demais variantes (N = 4.234)



A análise de Regressão Logística do Processo de Apagamento incluiu as variáveis que demonstraram correlação significativa com o zero fonético em análises univariadas (ver Tabela 4.4), além das três variáveis estratificadoras da amostra (Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência) e duas variáveis aleatórias (Item Lexical e Participante). Os resultados desse modelo se encontram na Tabela 4.5

Tabela 4.4: Variáveis Linguísticas que demonstraram correlação com o Apagamento em análises univariadas

Variável	Correlação
Tonicidade	∅ favorecido em sílabas tônicas
Posição	∅ favorecido em posição final
Estilo	∅ favorecido em conversa
Contexto Fonológico Seguinte	∅ favorecido em sonora
Contexto Fonológico Precedente	∅ favorecido em aberta
Classe Morfológica	∅ favorecido em classes gramaticais

Tabela 4.5: Tendências de emprego da variante zero fonético em análise de regressão logística de efeitos mistos de /s/ em coda (N = 4.234)

<i>Intercept = -4,834.</i>						
Variável	Estimativa	Erro Padrão	Valor-z	p	Apl./N	%
Tonicidade						
Átona (v. referência)					134/1.840	7,1%
Tônica	0,708	0,373	1,895	0,058	377/2.017	15,7%
Posição						
Final (v. referência)					375/1.818	20,6%
Medial	-2,799	0,459	-6,092	<0,001***	136/2.416	5,6%
Estilo						
Conversa (v. referência)					509/4.096	12,4%
Leitura de Lista de Palavras	0,139	1,075	0,129	0,897	2/138	1,4%
Contexto Fonológico Seguinte						
Pausa (v. de referência)					39/449	8,6%
Surda	0,260	0,241	1,079	0,280	80/2.491	3,2%
Sonora	1,687	0,213	7,894	<0,001***	392/1.294	30,3%
Contexto Fonológico Precedente						
Fechada (v. de referência)					165/1.346	12,3%
Meio fechada	0,282	0,423	0,667	0,504	168/1.762	9,5%
Meio aberta	-0,682	0,759	-0,899	0,368	6/255	2,3%
Aberta	0,035	0,464	0,076	0,939	172/871	19,7%
Classe Morfológica						
Lexical (v. referência)					338/3.542	9,5%
Gramatical	0,267	0,331	0,805	0,420	173/692	25%
Gênero						
Masculino (v. de referência)					316/1.837	17,2%
Feminino	-1,389	0,380	-3,656	<0,001***	195/2.397	8,1%
Tempo de Residência	0,034	0,021	1,568	0,116		
Idade de Migração	0,071	0,029	2,433	<0,01**		
Modelo: $VD \sim \text{Tonicidade} + \text{Posição.S} + \text{Estilo} + \text{CFS_Sonoridade} + \text{CFP_Abertura} + \text{Classe.Morfologica} + \text{Genero} + \text{Tempo.SP} + \text{Idade.Migracao} + (1 \text{Participante}) + (1 \text{Item.Lexical})$						

A Tabela 4.5 mostra a falta de correlação entre o apagamento e as variáveis Tonicidade, Estilo, Contexto Fonológico Precedente, Classe Morfológica e Tempo de Residência. Em Tonicidade, observa-se que em sílaba tônica – como em *dois* – há uma taxa de 15,7% de apagamento e em sílaba átona – como em *esposa* – essa taxa é de 7,1% (ver Figura 4.8). Diferente dos resultados obtidos aqui, Guy (1981), em seu estudo sobre a variação linguística no português popular carioca, encontrou correlação com a variável e Apagamento do /s/ em coda, sendo que a variante zero fonético foi favorecida em sílabas átonas em seu estudo.

Em Estilo, observa-se a distribuição de 12,4% de apagamento no contexto de conversa e 1,4% em lista de leitura de palavras (ver Figura 4.8). Para a variável, Guy (1981) observou correlação com o zero fonético e o contexto *casual* favorecendo seu uso em detrimento do contexto, *cuidadoso*, o que não se observou aqui.

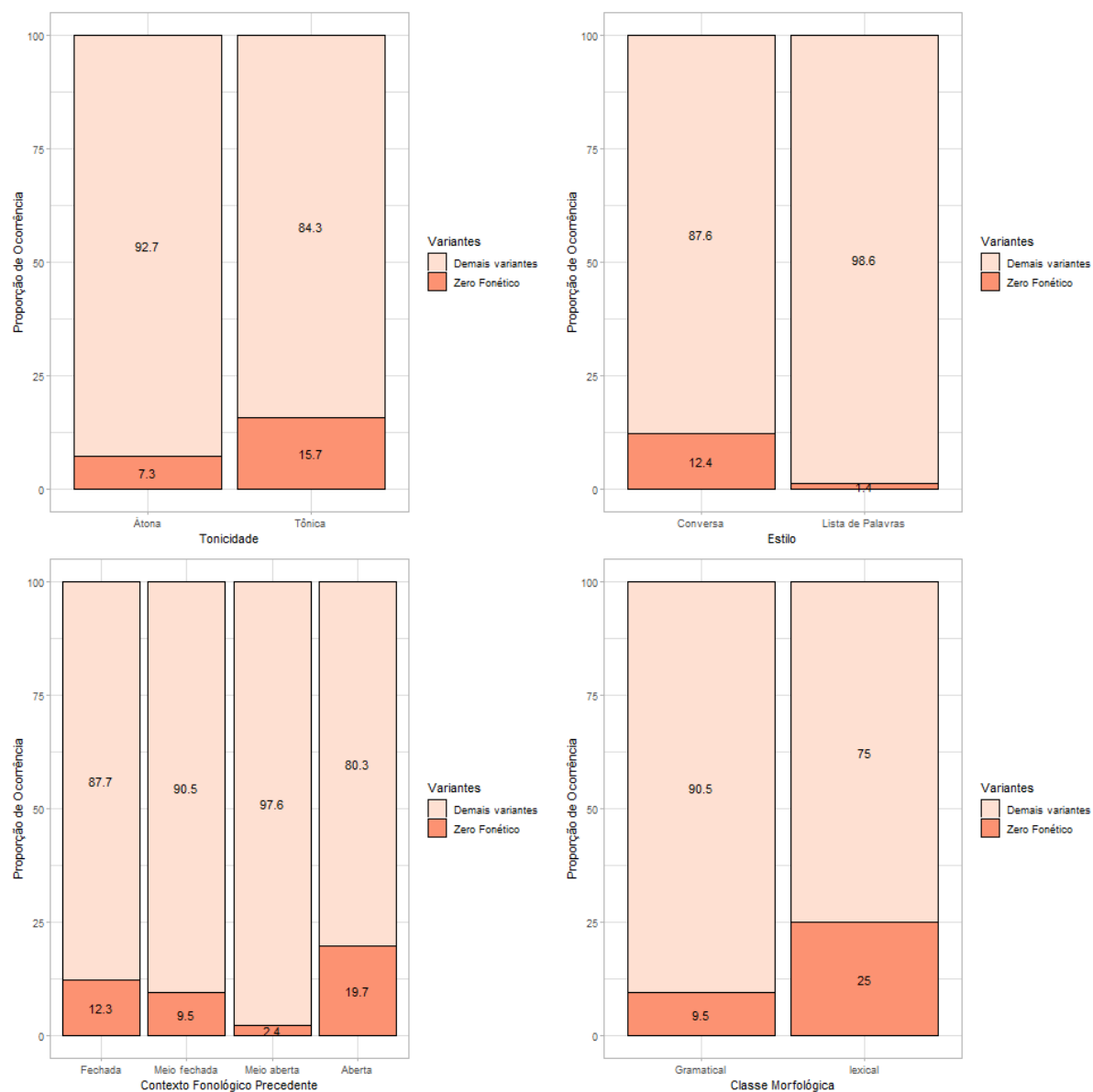
Quanto ao Contexto Fonológico Precedente, a distribuição é de 12,3% de apagamento quando /s/ em coda é precedido por vogal fechada ([i], [j], [u] e [w]) – como em *depois* – 9,5% quando precedido por vogal meio fechada ([e] e [o]) – como em *antes* – 2,3% quando precedido por vogal meio aberta ([ɛ] e [ɔ]) – como em *através* – e 19,7% quando precedido por vogal aberta ([a]) – como em *coisas* (ver Figura 4.8). Da mesma forma, os resultados obtidos por Gryner e Macedo (2000) – em seu estudo sobre o /s/ em coda na região de Cordeiro-RJ – e os obtidos por Carvalho (2000) – em seu estudo sobre o /s/ em coda em Belém-PA – não demonstraram correlação com a variável.

A Classe Morfológica é uma variável que também não demonstra correlação com o Apagamento do /s/ em coda, apresentando uma distribuição de 25% de zero fonético em classes gramaticais (artigo, conjunção, numeral e pronome) – como em *seis* – e 9,5% da mesma variante em classes lexicais (adjetivo, advérbio, substantivo e verbo) – como em *simples* (ver Figura 4.8). O mesmo não ocorre no estudo de Scherre e Macedo (2000), no qual as autoras descrevem a influência de um efeito de natureza gramático-lexical para a variável, com o apagamento correndo em itens lexicais específicos.

Além das variáveis linguísticas que não demonstram correlação com o Apagamento, há também a variável social Tempo de Residência. A falta de correlação com o tempo que o falante reside em Campinas corrobora com as hipóteses que consideraram o zero fonético menos saliente do que a variante palatal e a aspirada, propondo que somente as variantes salientes demonstrariam correlação com a variável Tempo de Residência, como se observou para o Processo de Apagamento. A variável Tempo de Residência será analisada detalhadamente mais à frente em comparação com as demais variáveis estratificadoras da amostra.

Por outro lado, as variáveis que demonstraram correlação com o Processo de Apagamento foram Posição, Contexto Fonológico Seguinte, Gênero e Idade de Migração. Quanto à Posição do /s/ na palavra, o apagamento é desfavorecido em posição medial (*logodds*: -2,799) observando-se uma distribuição de 20,6% de zero fonético em posição final – como

Figura 4.8: Proporção do emprego das variantes zero fonético e das demais variantes de acordo com Tonicidade (top, esq.), Estilo (topo, dir.), Contexto Fonológico Precedente (abaixo, esq.) e Classe Morfológica (abaixo, dir.).

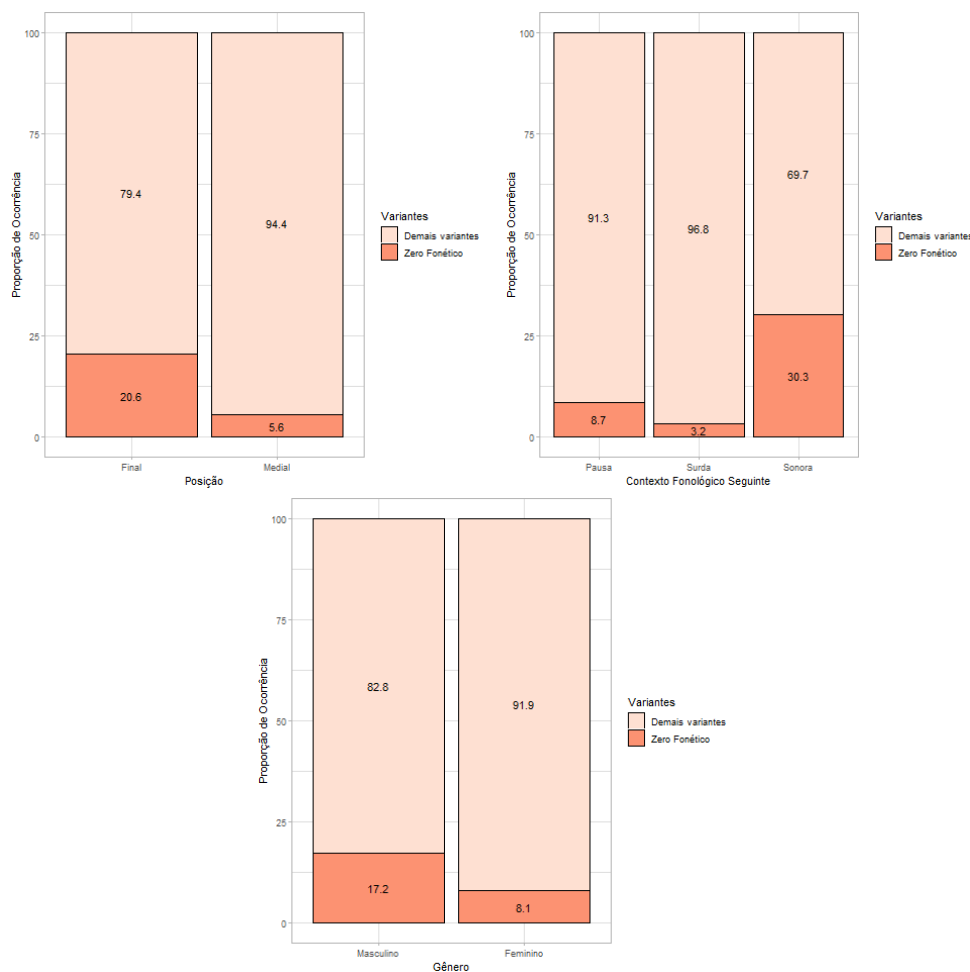


em *arroz* – e 5,6% em posição medial – como em *desde* (ver Figura 4.9). Especificamente sobre a posição das consoantes em coda no português brasileiro, Hora e Pedrosa (2008) destacam a maior taxa de ocorrência do apagamento em posição final, assim como observado aqui. Isso também se observa no Atlas Linguístico da Paraíba, em que Aragão (2020) destaca a frequência desse fenômeno no falar paraibano.

Além da Posição, o Apagamento também tem correlação com o Contexto Fonológico Seguinte, sendo favorecido quando a consoante seguinte é sonora (*logodds*: 1,687). Observaram-se 30,3% de apagamento de /s/ quando seguido por consoante sonora ([b], [d], [g], [l], [m], [n] e [v]) – como em *desde* –, 8,6% quando seguido por pausa e 3,2% quando é seguido por consoante surda ([f], [h], [k], [p] e [t]) – como em *esqueci*. Guy (1981) também estuda o Contexto Fonológico Seguinte a partir da sonoridade e, assim como observado aqui, destaca o favorecimento do Apagamento por consoantes sonoras.

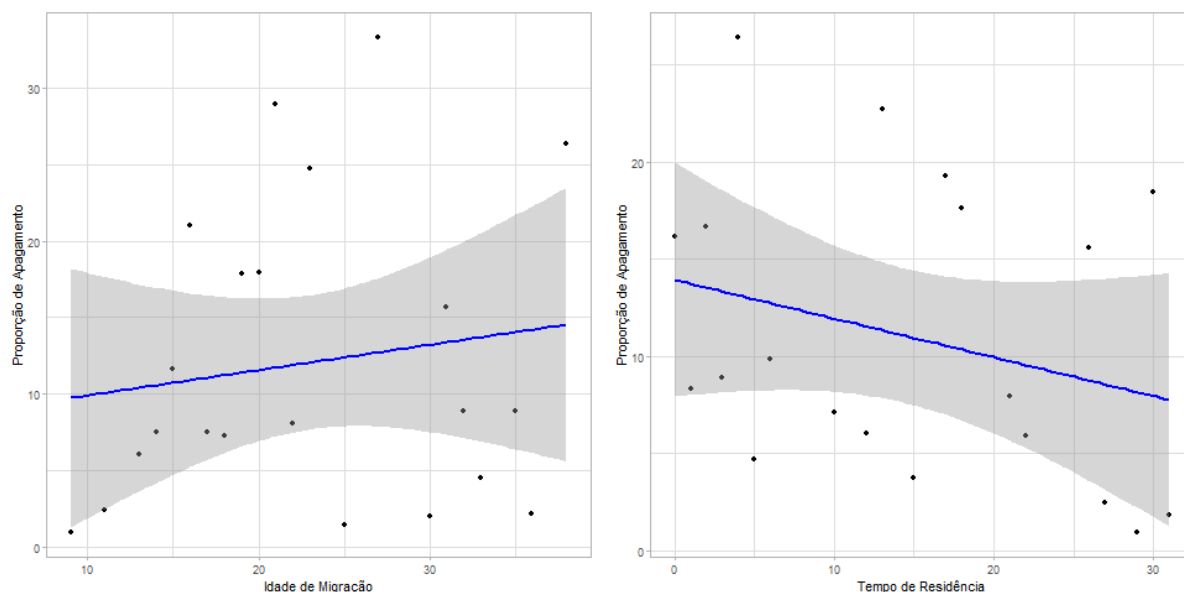
Em Gênero, tem-se que o apagamento é mais favorecido por homens (17,2%) do que por mulheres (8,1%; *logodds*: -1,389) (ver Figura 4.9). Resultado semelhante foi observado por Guy (1981), também com os homens favorecendo o apagamento do /s/.

Figura 4.9: Proporção do emprego da variante zero fonético e das demais variantes de acordo com Posição (à esq.), Contexto Fonológico Seguinte (ao centro) e Gênero (à dir.).



Outra variável que demonstra correlação com o Processo de Apagamento é Idade de Migração: quanto maior é a idade com que o falante veio para Campinas, maiores são as taxas de apagamento (*logodds*: 0,071). Destaca-se aqui também a falta de correlação entre o processo e a variável Tempo de Residência, que foi mencionada acima (ver Figura 4.10)

Figura 4.10: Proporção do emprego da variante zero fonético de acordo com Idade de Migração (à esq.) e Tempo de Residência (à dir.).



Como variável fonética, o Apagamento segue as generalizações propostas por Oushiro (no *prelo-b*), apresentando correlação com a variável Idade de Migração. Além disso, a falta de correlação com Tempo de Residência reforça as hipóteses acerca da saliência das variantes, tendo em vista que, como zero fonético também é característica do falar paulista, possui uma menor saliência, portanto não demonstra correlação com Tempo de Residência, como aconteceu com o /r/ em coda e com o Processo de Palatalização.

Para além dessas variáveis linguísticas que demonstraram estar correlacionadas significativamente com o processo de Apagamento e das variáveis estratificadoras da amostra, buscou-se também investigar possíveis correlações com as variáveis sociais observadas apenas em análises univariadas (ver Capítulo 3). Para isso, assim como para o Processo de Palatalização, elaboraram-se modelos com as variáveis que demonstraram correlação com o apagamento nas análises univariadas, as variáveis estratificadoras da amostra, duas variáveis aleatórias (Item Lexical e Participante) e também as demais variáveis sociais que não foram inseridas no modelo (ver Tabela 4.5), incluindo-as uma a uma em cada modelo.

A Tabela 4.6 resume os resultados obtidos a partir de cada modelo. Nela se observa que as correlações para as variáveis estratificadoras da amostra se mantêm – assim como a direção da correlação, com as mulheres desfavorecendo o uso do zero fonético e com a Idade de Migração favorecendo o uso da mesma variante – e as variáveis Paulistidade,

Nordestinidade, Índice de Rede do Nordeste e de Hábitos não demonstram correlação com o Apagamento.

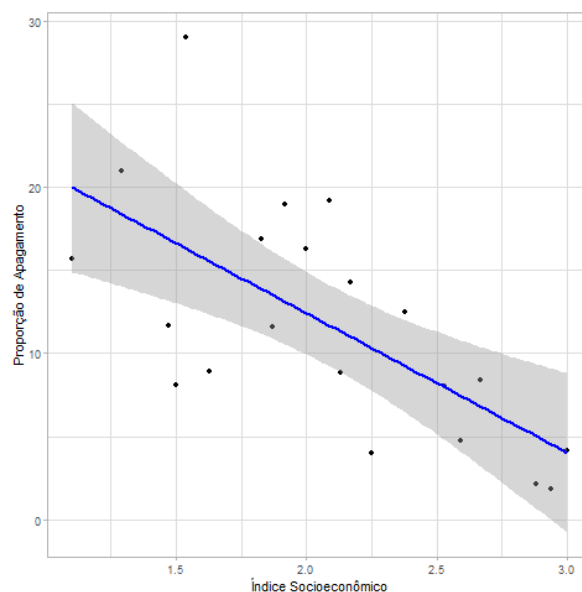
Tabela 4.6: Resumo dos resultados das demais análises do Processo de Apagamento.

Modelo	Correlação	Altera correlação		
		Gênero	Tempo de Residência	Idade de Migração
Índice Socioeconômico	***	-	-	-
Paulistidade	-	-	-	-
Nordestinidade	-	-	-	-
Índice de Rede do NE	-	-	-	-
Índice de Hábitos	-	-	-	-

✓ indica que houve alteração de correlação – *** indica que houve correlação com a variável quando incluída no modelo ($p < 0,001$)

Entretanto, o Índice Socioeconômico tem correlação com o Apagamento, de modo que quanto maior é o índice, menor é o uso da variante zero fonético (ver Figura 4.11).

Figura 4.11: Proporção do emprego da variante zero fonético de acordo com Índice Socioeconômico



Apesar da correlação, o Índice Socioeconômico não foi balanceado na amostra, de modo que o resultado que apresentou pode estar enviesado, tendo em vista que a amostra não conta com falantes de diversos níveis socioeconômicos. Entretanto vale destacar que o mesmo não foi observado para a variante palatal, sendo Índice Socioeconômico a única variável que não alterou as correlações com Tempo de Residência e Idade de Migração, o que levantou hipóteses a respeito das diferenças de status que as duas variantes podem apresentar.

4.2.1 Síntese dos resultados para Apagamento

Os resultados observados para o Processo de Apagamento do /s/ em coda, em relação aos condicionamentos linguísticos e sociais, foram comparados a outros estudos, como o

de Guy (1981), Scherre e Macedo (2000), Hora e Pedrosa (2008) e Carvalho (2000), além dos resultados já obtidos no Projeto Acomodação (Oushiro, no prelo-b).

O apagamento, como variante muito comum do falar paraibano (Aragão, 2020), demonstra correlação com a posição em que ocupa na palavra. Hora e Pedrosa (2008) focaram em analisar a posição em que o zero fonético ocorre, apontando resultados semelhantes aos obtidos aqui, com o favorecimento do apagamento em posição final.

A variável também se correlaciona com o Contexto Fonológico Seguinte, que já havia sido investigada anteriormente no estudo de Guy (1981). O autor aponta resultados semelhantes aos observados aqui, com o favorecimento do zero fonético quando seguido por consoante sonora.

Além da constatação do condicionamento linguístico para a realização do apagamento, observa-se também que há correlação da variável com duas das variáveis estratificadoras da Amostra 2, Gênero e Idade de Migração, e que não há correlação com o Tempo de Residência. Assim como se esperava em relação o menor grau de saliência da variável, o Processo de Apagamento demonstrou comportamento semelhante aos das variáveis do Projeto Acomodação, exceto para aquelas mais salientes (/r/ em coda e Palatalização do /s/ em coda). Além disso, o Apagamento demonstrou correlação com Gênero, o que só tinha sido observado para as variáveis /t/ e /d/ antes de [i] e concordância nominal no Projeto Acomodação.

4.3 Aspiração

O Processo de Aspiração foi analisado a partir da variante aspirada em relação às variantes alveolar e palatal – ou seja, excluindo-se os dados de zero fonético. Esperava-se que a variável demonstrasse correlação com Idade de Migração e Tempo de Residência, assim como observado para o processo de Palatalização, a partir da hipótese de que a saliência da variante aspirada seria um fator de influência para sua ocorrência. As ocorrências se distribuíram de modo que as variantes alveolar e palatal concentram 97,5% das ocorrências e a variante aspirada 2,5% (ver Figura 4.12).

Nas primeiras análises exploratórias, entretanto, observaram-se falantes que não apresentavam nenhuma ocorrência da variante aspirada (ver Figura 4.13). Diante dessa constatação, decidiu-se incluir na análise apenas os 27 falantes que realizaram um caso ou mais de aspiração – o que foi possível fazer mantendo-se a estratificação proposta para a amostra (ver Capítulo 3). As análises preliminares também apontaram restrições quanto ao Contexto Fonológico Seguinte. Para esta variável, observa-se na Figura 4.13 que a variante aspirada praticamente não ocorre quando seguida por pausas (0,5%) ou por consoantes surdas ([f], [h], [k], [p] e [t])(0,2%) – como em *plástico* –, de modo que houve uma maior concentração dos dados de aspiradas quando a variante era seguida por consoante sonora ([b], [d], [g], [l], [m], [n] e [v]) – como em *infelizmente*. A partir dessa distribui-

Figura 4.12: Proporção do emprego das variantes alveolar, palatal e aspirada sem restrições de falantes e Contexto Fonológico Seguinte (N = 5.852)

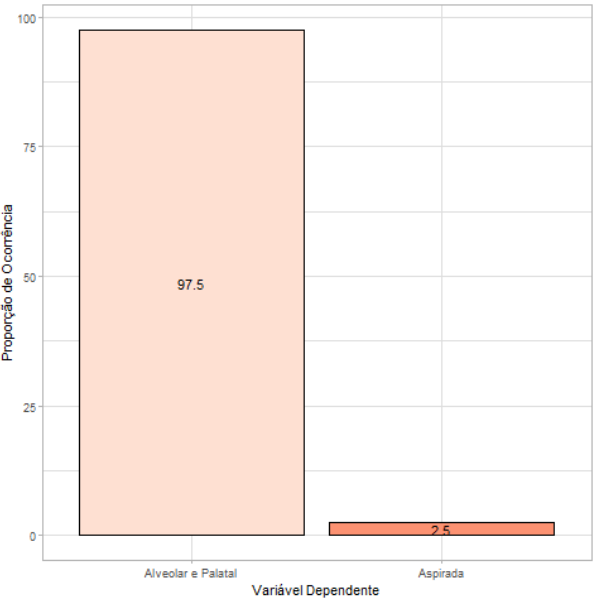
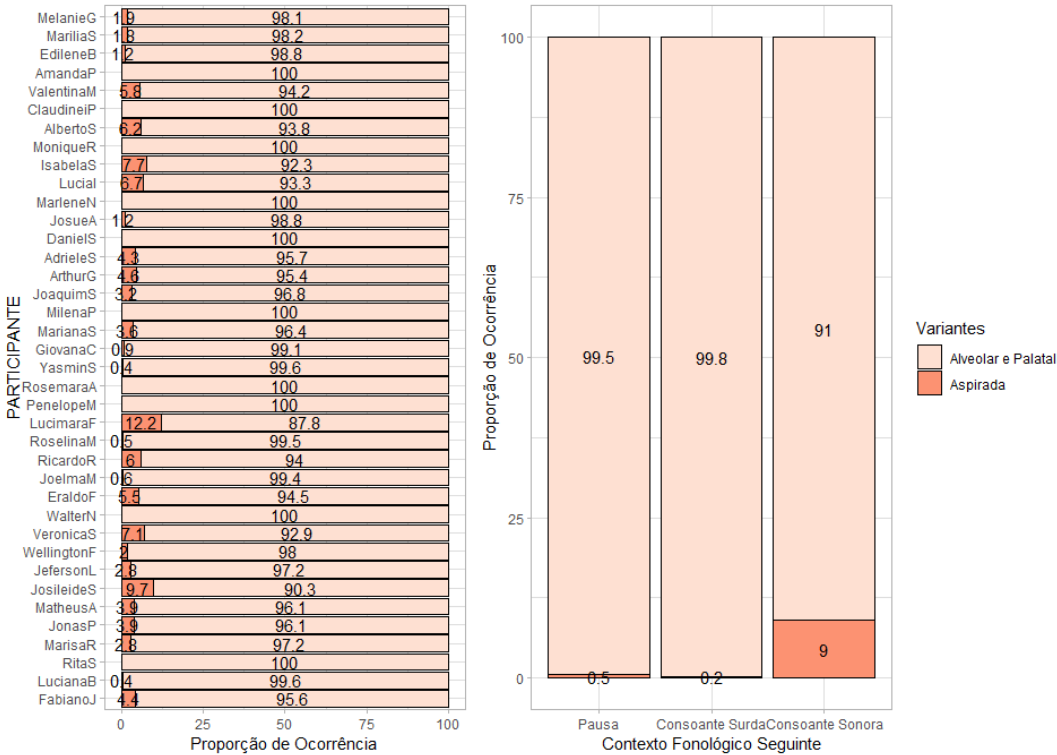


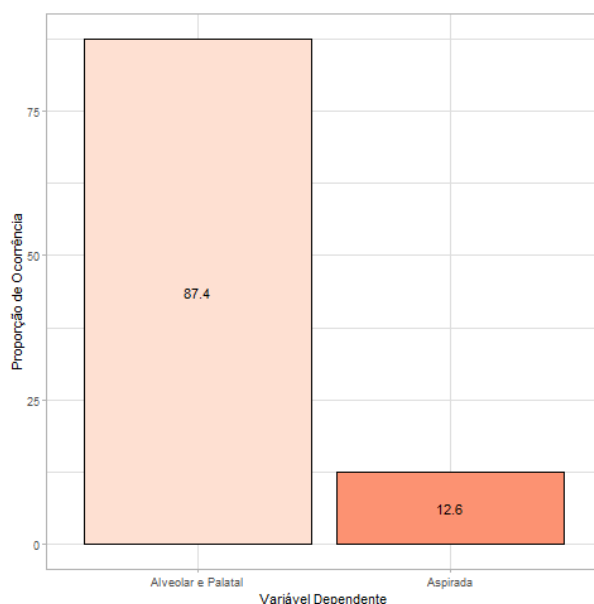
Figura 4.13: Proporção do emprego das variantes alveolar/palatal e aspirada de acordo com Participante (à esq.) e Contexto Fonológico Seguinte (à dir.).



ção, descartaram-se os dados de /s/ em coda nos contextos fonológicos seguintes pausa e consoante surda, mantendo apenas os dados de /s/ em coda seguida por segmentos sonoros.

Desse modo, analisa-se o Processo de Aspiração a partir do envelope de variação que se define pelo contraste entre as variantes alveolar/palatal e aspirada seguidas por consoantes sonoras e dentre os informantes que apresentaram uma ou mais ocorrências da variante aspirada. Para a nova delimitação, observou-se uma distribuição de 87,4% de alveolar/palatal e 12,6% de aspirada (ver Figura 4.14).

Figura 4.14: Proporção do emprego das variantes alveolar/palatal e aspirada entre os falantes que tiveram uma ou mais realizações da variante aspirada e com Contexto Fonológico Seguinte sonoro (N = 1.089)



A análise de Regressão Logística incluiu as variáveis linguísticas que demonstraram correlação com o Processo de Aspiração em análises univariadas (ver Tabela 4.7), além das variáveis estratificadoras da amostra (Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência) e duas variáveis aleatórias (Item Lexical e Participante). Os resultados desse modelo se encontram na Tabela 4.8.

Tabela 4.7: Variáveis Linguísticas que demonstraram correlação com a Aspiração em análises univariadas

Variável	Correlação
Tonicidade	[h] favorecida em sílabas tônicas
Posição	[h] favorecida em posição medial
Classe Morfológica	[h] favorecida em classes lexicais

A Tabela 4.8 mostra que o Processo de Aspiração não se correlaciona com nenhuma das variáveis incluídas no modelo, inclusive Tempo de Residência e Idade de Migração,

Tabela 4.8: Tendências de emprego da variante aspirada em análise de Regressão Logística de efeitos mistos de /s/ em coda (N = 1.089)

<i>Intercept = -4,547</i>						
Variável	Estimativa	Erro Padrão	Valor-z	p	Apl./N	%
Tonicidade						
Átona (v. referência)					40/524	7,6%
Tônica	0,837	0,517	1,619	0,105	97/565	17,2%
Posição						
Final (v. referência)					94/880	10,7%
Medial	1,080	0,706	1,530	0,126	43/209	20,6%
Classe Morfológica						
Lexical (v. referência)					80/533	15%
Gramatical	0,730	0,469	1,557	0,119	57/556	10,3%
Gênero						
Masculino (v. de referência)					60/438	13,7%
Feminino	-0,479	0,473	-1,015	0,310	77/651	11,8%
Tempo de Residência	0,007	0,026	0,265	0,791		
Idade de Migração	0,029	0,037	0,801	0,422		
Modelo: VD ~ tonicidade + posição.s + classe.morfológica + gênero + tempo.sp + idade.migração + (1 participante) + (1 item.lexical)						

ao contrário do que se esperava. Para a variável Tonicidade, observa-se uma distribuição de 17,2% de aspiradas em sílabas tônicas – como em *seis* – e 7,6% em átonas – como em *elas* (ver Figura 4.15). Com resultados diferentes dos observados aqui, a variável também foi analisada no estudo de Melo (2017), sobre a fala de jovens que cumpriram medidas socioeducativas no Rio de Janeiro, no qual o autor observou o favorecimento da aspirada em sílabas tônicas em uma das amostras analisadas; o estudo de Scherre e Macedo (2000) também destaca as sílabas tônicas como favorecedoras da aspiração.

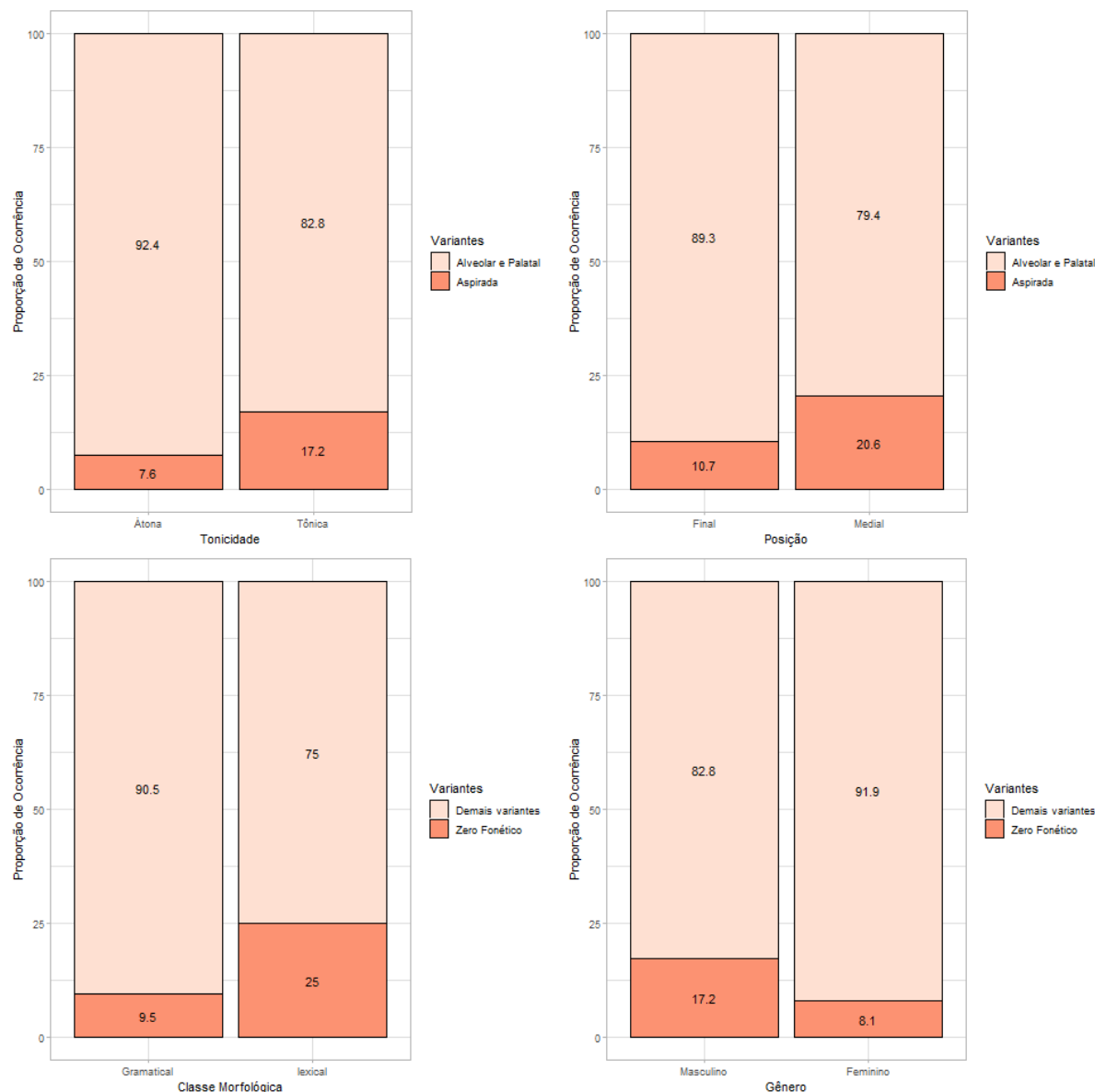
Quanto à Posição do /s/ na palavra, o contexto medial – como em *mesmo* – contou com 20,6% das ocorrências da aspirada, enquanto o contexto final – como em *mais* – contou com 10,7% (ver Figura 4.15). A Posição também foi analisada por Melo (2017) e Scherre e Macedo (2000), que encontraram correlação entre a variável e aspiração, com a posição final favorecendo seu uso, o que não foi observado para a fala dos migrantes no Projeto Acomodação.

A Classe Morfológica conta com uma distribuição de 15% de ocorrências da variante aspirada em classes lexicais – como em *lugares* – e de 10,3% das ocorrências da mesma variante em classes gramaticais – como em *nós* (ver Figura 4.15). Diferentemente do que foi analisado aqui, Scherre e Macedo (2000) apontaram correlações entre a variante e itens lexicais específicos.

Também não se observa correlação com as três variáveis estratificadoras da Amostra 2. Em Gênero, a distribuição da variante aspirada é 13,7% para homens e 11,8% para mu-

lheres (ver Figura 4.15). De modo diferente, estudo de Gryner e Macedo (2000) apontou correlação para esta variável, com os homens favorecendo a aspiração.

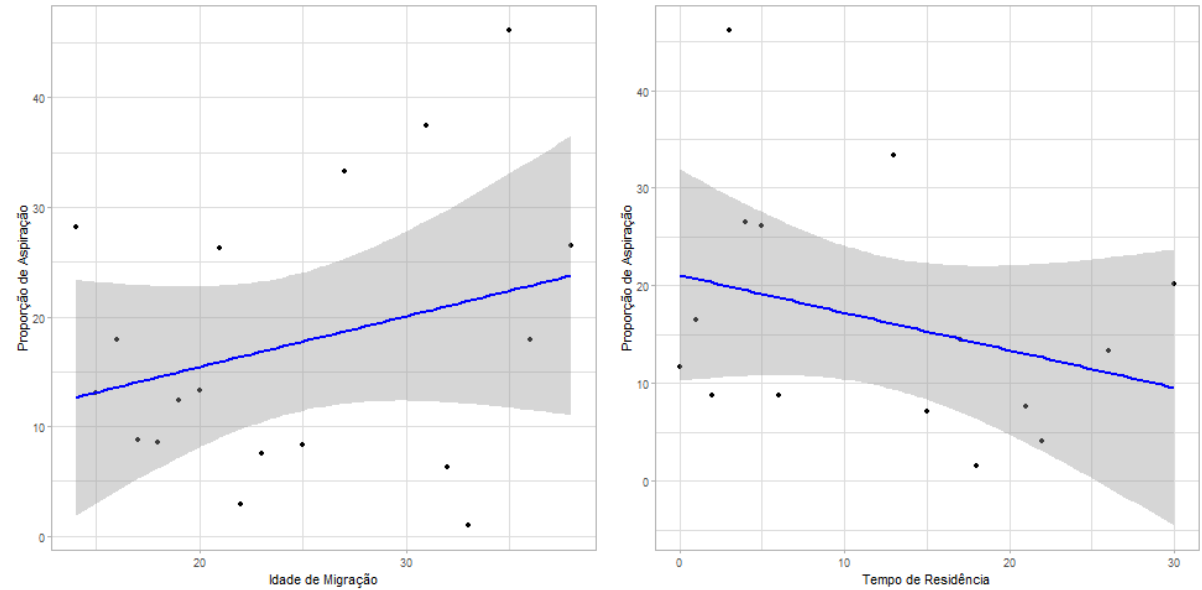
Figura 4.15: Proporção do emprego das variantes alveolar/palatal e aspirada de acordo com Tonicidade (topo, esq.), Posição (topo, dir.), Classe Morfológica (abaixo, esq.) e Gênero (abaixo, dir.).



Idade de Migração e Tempo de Residência também não demonstram ser significativas para o Processo de Aspiração (ver Figura 4.16), refutando as hipóteses iniciais pensadas para a variante aspirada, considerando sua saliência. Além do resultado inesperado para Tempo de Residência, a falta de correlação com Idade de Migração foge às generalizações propostas pelo Projeto Acomodação para as variáveis fonéticas, diferenciando a variante aspirada das demais observadas até então.

Assim como para os Processos de Palatalização e Apagamento, outras análises foram feitas, buscando investigar possíveis correlações entre as variáveis incluídas no modelo de

Figura 4.16: Proporção do emprego da variante aspirada para Idade de Migração (à esq.) e Tempo de Residência (à dir.).



regressão (ver Tabela 4.8) e as demais variáveis sociais que fizeram parte das análises univariadas (ver Capítulo 3). Essas novas análises de regressão logística incluíram as variáveis do modelo de regressão da aspiração, além das demais variáveis sociais, inseridas uma a uma. A Tabela 4.9 resume os resultados obtidos a partir de cada modelo.

Tabela 4.9: Resumo dos resultados das demais análises do Processo de Aspiração.

Modelo	Correlação	Altera correlação		
		Gênero	Tempo de Residência	Idade de Migração
Índice Socioeconômico	***	-	-	✓
Paulistidade	-	-	-	-
Nordestinidade	*	-	-	-
Índice de Rede do NE	-	-	-	-
Índice de Hábitos	-	-	-	-

✓ indica que houve alteração de correlação – * indica que houve correlação com a variável quando incluída no modelo (*** $p < 0,001$; * $p < 0,05$)

Nessas análises, observa-se que há alteração de correlação da variável Idade de Migração, quando há a inclusão da variável Índice Socioeconômico no modelo – a direção observada é que quanto maior a Idade de Migração, maior é a taxa de ocorrência da variante aspirada (*logodds*: 0,072) – além disso, a própria variável Índice Socioeconômico demonstra correlação com a aspiração – a direção observada é que quanto maior o Índice Socioeconômico menor é o uso da variante (*logodds*: -1,513). Outra variável que demonstra correlação quando inserida no modelo – apesar de não alterar as correlações das demais – é Nordestinidade, sendo que quanto maior é o autoidentificação do falante como nordestino, menor é o uso da variante aspirada (*logodds*: -0,263).

4.3.1 Síntese dos resultados para Aspiração

Diferentemente dos estudos que analisaram a Aspiração anteriormente – como Melo (2017) e Scherre e Macedo (2000) – a aspiração não demonstrou correlação com nenhuma variável que apontasse para algum condicionamento linguístico de sua ocorrência.

Além disso, a falta de correlação com as três variáveis estratificadoras da amostra, contrariando as generalizações feitas pelo Projeto Acomodação (Oushiro, no prelo-b), indica que a variável ainda precisa ser melhor analisada quanto às demais variáveis – como Índice Socioeconômico, que demonstrou correlação com a variante quando inserido nas análises secundárias – e também quanto ao encaixamento social que a variante possui, explorando as diferenças com as demais variáveis analisadas no projeto.

4.4 Discussão

Analizando as variáveis linguísticas em comparação com trabalhos anteriores sobre o /s/ em coda na sociolinguística brasileira, percebe-se que diferentes regiões possuem diferentes condicionamentos para um mesmo processo. Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, a variante palatal é muito mais frequente que as variantes alveolar, aspirada e zero fonético, ocorrendo com frequência quando seguida por consoantes sonoras e quando precedida por traços [+alto, +anterior] (Scherre & Macedo, 2000). Outros estudos, como o de Chacon (2012) e Lima e Lucena (2013), sobre paraibanos em Recife e paulistas em João Pessoa, em situação de contato dialetal, analisam o processo de palatalização somente em contextos diferentes de /t/ e /d/, buscando investigar quais são os condicionamentos de realização dessas variáveis em contextos que elas não são comuns para o falar paraibano. Brescancini (1996) ao analisar as três regiões de influência açoriana em Florianópolis, observa a influência do traço [+coronal] para o processo de palatalização, assim como SantosOliveira; Brandão (2008), Chacon (2012) e Lima e Lucena (2013) entre outros.

Nas análises do /s/ em coda na fala dos migrantes da Amostra 2, observaram-se os condicionamentos linguísticos de ocorrência das quatro variantes (alveolar, palatal, aspirada e zero fonético). A Tabela 4.10 resume os resultados para as variáveis linguísticas analisadas nos modelos de regressão logística nos três processos fonético/fonológicos que envolvem as variantes do /s/ em coda.

Assim como nos estudos citados acima, a Palatalização praticamente não acontecia quando o contexto fonológico seguinte era diferente de coronal, de modo que foram descartados os dados de /s/ em coda que aconteciam nos demais contextos (pausa e dorsal/-labial). Além disso, para o mesmo processo, observou-se que a posição medial favorece a palatalização, assim como Brescancini (1996), Cardoso et al. (2018) e Hora e Pedrosa (2008) observaram. Para demais variáveis linguísticas analisadas no processo de Palatalização, observa-se a falta de correlação com Tonicidade, Contexto Fonológico Precedente

Tabela 4.10: Resultados das variáveis linguísticas analisadas nos três processos fonético/-fonológicos do /s/ em coda.

Variável/Processo	Palatalização	Apagamento	Aspiração
Tonicidade		Tônica favorece $\emptyset$ ***	
Posição	Medial favorece [ʃ]/[ʒ]***		
Cont. Fon. Seguinte		Sonora favorece $\emptyset$ ***	
Cont. Fon. Precedente			
Classe Morfológica			
*** $p < 0,001$ ** $p < 0,01$ * $p < 0,05$			

e Classe Morfológica (ver Tabela 4.10), que em outros estudos demonstram correlação, mas que para os falantes aqui analisados não demonstraram ser significativos.

Para o Processo de Apagamento, os condicionamentos linguísticos também apontaram correlações interessantes para entender o comportamento da variável, de modo que não houve restrições de ocorrência, como aconteceu para o Processo de Palatalização em relação ao Contexto Fonológico Seguinte coronal, mas o Apagamento demonstrou ser favorecido em posição final, mesmo desconsiderando os casos em que /s/ era um morfema de plural; também demonstrou correlação com Contexto Fonológico Seguinte, sendo favorecido por consoante sonora (ver Tabela 4.10). Guy (1981) encontrou resultados semelhantes aos obtidos aqui, exceto para Tonicidade e Estilo, já que no estudo do autor há favorecimento do apagamento em sílabas tônicas e no estilo casual.

Em relação ao Processo de Aspiração, a sonoridade do contexto seguinte é determinante para o uso da variante aspirada, o que também foi observado por Melo (2017), entretanto aqui se observou que a variante aspirada praticamente não ocorre em contextos diferentes desse (pausa e consoante surda). Desse modo, delimitaram-se as análises ao contexto seguinte sonoro.

Observados os condicionamentos linguísticos para os três processos fonético/-fonológicos do /s/ em coda, pode-se entender como as variáveis sociais influenciam a acomodação da fala desses indivíduos, tendo em vista demais estudos sobre o /s/ em coda no processo de acomodação dialetal e as demais variáveis analisadas no Projeto Acomodação.

Em relação às variáveis estratificadoras da Amosta 2 no Projeto Acomodação, o Tempo de Residência havia sido observado em estudos anteriores, como o de Chacon (2012) e Lima e Lucena (2013). Com foco no processo de Palatalização, esses estudos apontaram que quanto maior fosse o tempo de exposição do falante a outro dialeto, maior foi o grau de acomodação do falante à comunidade anfitriã. As demais variáveis (Idade de Migração e Gênero) pouco foram abordadas na fala de migrantes na sociolinguística brasileira, sendo que as proposições para explicar o processo de acomodação dialetal se pautavam no Tempo de Residência e em questões identitárias dos falantes, assim como as atitudes em relação aos dialetos em contato.

Tendo em vista a falta de estudos sistemáticos sobre essas variáveis, o Projeto Acomodação se propõem em analisá-las como variáveis ortogonais (Amostra 2) a partir de diversas variáveis sociolinguísticas (ver Capítulos 2 e 3). Com as análises dessas variáveis, chegou-se a duas generalizações: Idade de Migração tem correlação com as variáveis fonéticas – como observado para as variáveis vogais médias pretônicas /e/ e /o/, [t] e [d] antes de [i] e /r/ em coda – mas não com as morfossintáticas – como observado para as variáveis concordância nominal, negação sentencial e artigo definido antes de possessivos; e Gênero tem correlação com as variáveis que diferenciam dialetos urbanos e rurais – como observado para /t/ e /d/ antes de [i] e concordância nominal.

Além das duas generalizações propostas, Oushiro (2020b) destaca o comportamento diferente da variável /r/ em coda ao demonstrar correlação tanto com Idade de Migração quanto com Tempo de Residência, o que não tinha sido observado para nenhuma variável antes, de modo que a autora buscou explicar o comportamento observado através da saliência da variável.

As analisar uma nova variável, como o /s/ em coda, no *corpus* do Projeto Acomodação, busca-se comparar os resultados com os já obtidos e verificar se as generalizações propostas explicam o comportamento dos três processos fonético/fonológicos que a envolvem (Palatalização, Apagamento e Aspiração). Desse modo, esperava-se que para os três processos houvesse correlação com a Idade de Migração, tendo em vista que o /s/ em coda é uma variável fonética. Além disso, era esperado que houvesse correlação também com Tempo de Residência, principalmente para os processos de Palatalização e Aspiração, imaginando que as variantes aspirada e palatal são as mais salientes, já que não caracterizam o falar paulista. A Tabela 4.11 resume os resultados obtidos de /s/ em coda para as variáveis estratificadoras da amostra.

Tabela 4.11: Resultados das variáveis linguísticas analisadas nos três processos fonético/-fonológicos do /s/ em coda.

Variável/Processo	Palatalização	Apagamento	Aspiração
Gênero		Homens favorecem $\emptyset^{***}$	
Tempo de Residência	desfavorece [ʃ]/[ʒ]*		
Idade de Migração	favorece [ʃ]/[ʒ]*	favorece $\emptyset^{**}$	

*** $p < 0,001$ ** $p < 0,01$ * $p < 0,05$

Para o Processo de Palatalização, observou-se que há correlação com Tempo de Residência e com Idade de Migração – na direção que quanto maior é o tempo de exposição ao dialeto paulista, menor é a taxa de palatalização e que quanto maior é a Idade de Migração do falante para Campinas, maior é o uso da variante palatal. Para o Processo de Apagamento, observou-se correlação com a Idade de Migração do falante – quanto maior a idade que o falante migrou para Campinas, maior a taxa de apagamento – e também com Gênero – homens favorecem o zero fonético em relação às mulheres. Para

o Processo de Aspiração, observou-se que não há correlação com nenhuma das variáveis estratificadoras da amostra.

Em relação às generalizações propostas pelo Projeto Acomodação, observa-se que tanto Palatalização quanto o Apagamento demonstram correlação com Idade de Migração. Desse modo, assim como as demais variáveis fonéticas analisadas no Projeto, a Palatalização e o Apagamento do /s/ em coda sustentam a generalização proposta de que Idade de Migração se correlaciona com as variáveis fonéticas, mas não com as morfossintáticas. Além disso, o Apagamento também se correlaciona com o Gênero do falante. Sendo o zero fonético um diferenciador entre o falar rural e o urbano, mantém-se aqui também a generalização proposta em relação às variáveis características do contínuo rural-urbano e a correlação com o Gênero.

Outro ponto importante dos resultados aqui observados foi em relação à correlação entre o Processo de Palatalização e a variável Tempo de Residência. Até a análise do /s/ em coda, o /r/ em coda havia sido a única variável a demonstrar esse comportamento, o que Oushiro (2020b) propôs ocorrer pelo alto grau de saliência da variável. Ao observar o mesmo comportamento para a Palatalização, os resultados corroboram com as hipóteses levantadas e indicam que o grau de saliência entre elas é próximo. Além do grau de saliência, vale ressaltar que ambas, /s/ e /r/ em coda, são diferenciadoras regionais (Nordeste x Sudeste), o que pode explicar as diferenças entre os processos de Palatalização e Apagamento através dos diferentes encaixamentos sociais (Oushiro, no prelo-b) que as suas variantes possuem.

O único processo que se comportou diferentemente do que era esperado foi a Aspiração. Esperando que a saliência da variante pela sua baixa frequência demonstrasse correlação com as variáveis Idade de Migração e Tempo de Residência, observou-se aqui que isso não ocorre, levantando questões sobre possíveis influências de outras variáveis para sua realização.

Para cada processo fonético/fonológico, foram feitas análises separadas das variáveis Índice Socioeconômico, Paulistidade, Nordestinidade, Índice de Rede do Nordeste e Índice de Hábitos – pois não eram ortogonais entre si – para testar possíveis correlações ou interações entre as demais variáveis analisadas. Para o Processo de Palatalização, a inclusão de variáveis que se correlacionavam com questões de identidade a atitude linguísticas (Nordestinidade, Paulistidade) e de variáveis que caracterizavam a manutenção de contato com outros nordestino, ou de hábitos da cultura nordestina, alteravam a correlação com Tempo de Residência, de modo que a variável deixava de ter correlação com o processo. A respeito disso, a consideração de Oushiro (no prelo-a) sobre a interdependência entre a atitude do falante em relação a um dialeto e o tempo de contato com ele pode ser uma explicação para esse resultado.

Para o Processo de Apagamento e Aspiração, a inclusão dessas variáveis não implicou em alteração de correlação com as variáveis que já estavam inseridas no modelo.

Entretanto, a variável Índice Socioeconômico demonstra correlação com os dois processos quando incluída nos modelos – quanto maior é o índice, menores são as taxas de realização das variantes zero fonético e aspirada. Esses resultados podem indicar outros encaixamentos sociais a serem considerados para entender principalmente o comportamento da variante aspirada; entretanto, como o *corpus* não foi elaborado para testar o efeito da classe social dos falantes, tampouco das variáveis Paulistidade, Nordestinidade, Índice de Rede do Nordeste e Índice de Hábitos, esses resultados são aqui tomados apenas como exploratórios, indicando caminhos para estudos futuros.

Considerações Finais

Ao observar o /s/ em coda a partir dos três processos fonético/fonológicos que envolvem a realização das suas variantes – Palatalização, Aspiração e Apagamento – nota-se que há diferentes encaixamentos sociais que influenciam o uso das variantes.

A partir da análise das 40 entrevistas sociolinguísticas de 22 migrantes alagoanos e 18 paraibanos do Projeto Acomodação, foram analisadas variáveis linguísticas e sociais, a fim de traçar os condicionamentos de uso das variantes, comparando com demais estudos que analisam essas restrições (Brandão, 2008; Gryner & Macedo, 2000; Guy, 1981; Hora, 1993; Santos & Oliveira, 2017; Scherre & Macedo, 2000), e com vistas a verificar o comportamento dos migrantes quanto a cada um dos processos e seu encaixamento quanto às variáveis Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência (Oushiro, *no prelo-b*).

Para as análises foram realizados testes de qui-quadrado em análises univariadas e modelos de regressão logística em análises multivariadas. Os modelos de regressão foram compostos para cada processo a partir das variáveis linguísticas que demonstraram correlação nas análises univariadas, além das três variáveis estratificadoras da Amostra 2 e das variáveis Item Lexical e Participante como efeitos aleatórios.

Em relação às variáveis linguísticas nas análises multivariadas, o Processo de Palatalização – analisado a partir das realizações de /s/ em coda quando seguidas por consoantes coronais – demonstrou correlação apenas com a Posição do /s/ na palavra, sendo a palatal favorecida em posição medial, e não demonstrando correlação com as demais variáveis (Tonicidade, Contexto Fonológico Precedente e Classe Morfológica).

O Apagamento, além de demonstrar correlação com a Posição – zero fonético sendo favorecido em posição final –, demonstrou correlação com a variável Contexto Fonológico Seguinte – zero fonético favorecido quando seguido por consoante sonora –, mas não demonstrou correlação com as demais variáveis (Tonicidade, Estilo, Contexto Fonológico Precedente e Classe Morfológica).

Diferentemente dos outros processos, a Aspiração – que foi analisada a partir das realizações de /s/ em coda quando seguidas por consoantes sonoras – não demonstrou

correlação com nenhuma das variáveis inseridas no modelo (Tonicidade, Posição, Contexto Fonológico Precedente e Classe Morfológica).

Além das variáveis linguísticas, foram inseridas também nos modelos de regressão logística as variáveis estratificadoras da amostra (Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência). Essas variáveis foram o principal foco do estudo do /s/ em coda, tendo em vista contribuir para as generalizações propostas a partir das demais variáveis analisadas no Projeto Acomodação. A Tabela 5.1 resume os resultados obtidos para Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência para todas as variáveis analisadas no projeto, incluindo-se agora os resultados aqui obtidos para os três processos fonético/fonológicos do /s/ em coda.

Tabela 5.1: Resumo dos resultados das variáveis analisadas no Projeto Acomodação incluindo os resultados para /s/ em coda.

Variáveis	Gênero	Idade de Migração	Tempo de Residência
/e/ /o/		✓	
/r/		✓	✓
/t/ /d/	✓	✓	
prosódicas		✓*	
concordância nominal	✓		
negação sentencial			
artigo definido			
Palatalização /s/ em coda		✓	✓
Apagamento /s/ em coda	✓	✓	
Aspiração /s/ em coda			

*Seis parâmetros entoacionais na fala de homens

Ao comparar os resultados para os três processos com os demais, observa-se que a Palatalização e o Apagamento seguem as generalizações propostas pelo Projeto Acomodação. Como se esperava, Palatalização e Apagamento demonstraram correlação com Idade de Migração, assim como as demais variáveis fonéticas analisadas, exceto pelas variáveis prosódicas em que só os parâmetros entoacionais na fala de homens demonstraram correlação com a idade com que o falante migrou para Campinas.

Além disso, como esperado, a Palatalização demonstrou correlação com Tempo de Residência, assim como o /r/ em coda, o que não se observou para o Apagamento, corroborando com a hipótese de que variantes mais salientes se correlacionam com Tempo de Residência e variantes menos salientes não – tendo em vista que, para o /s/ em coda, a palatal não faz parte do falar caracteristicamente paulista, diferentemente do zero fonético que é mais comum, portanto menos saliente.

Outro comportamento que se observou para o /s/ em coda foi a correlação com Gênero e o Apagamento que, assim como /t/ e /d/ antes de [i] e concordância nominal, é um

diferenciador do contínuo rural-urbano. O mesmo não se observa para a Palatalização, variante diferenciadora dos dialetos do Sudeste e do Nordeste.

Entretanto, a falta de correlação do Processo de Aspiração com as variáveis analisadas foi inesperado, já que devido à sua baixa taxa de ocorrência e por não ser característico do falar paulista, esperava-se que a variante tivesse um grau de saliência próximo ao da palatalização e do /r/ em coda.

Para testar possíveis influências de outras variáveis no processo de acomodação, principalmente da Aspiração, elaboraram-se análises secundárias que incluíram as variáveis sociais Índice Socioeconômico, Nordestinidade, Paulistidade, Índice de Rede do Nordeste e Índice de Hábitos. Para os três processos, destacou-se a correlação da variável Índice Socioeconômico quando inserida nos modelos dos Processos de Apagamento e Aspiração, indicando que quanto maior a classe social do falante, menores as taxas das variantes não paulistas/urbanas (zero fonético e aspirada).

De maneira geral, observa-se que a proposição de Oushiro (no **prelo-b**) sobre os diferentes encaixamentos sociais das variáveis se verifica para os Processos de Palatalização e Apagamento, sendo eles característicos das diferenças entre os falares do Sudeste/Nordeste e rural/urbano respectivamente. O mesmo não se observa para o Processo de Aspiração; a indicação de possíveis correlações entre a variante aspirada e o índice socioeconômico dos falantes deverá ser objeto de estudos futuros que prevêem a ampliação do *corpus* quanto aos níveis socioeconômicos dos falantes.

Referências Bibliográficas

- Adant, J. (1989). Difusão Lexical: o caso dos alagoanos em Brasília. Em *Fotografias Sociolinguísticas* (pp. 181–197). Editora UNICAMP.
- Alves, M. I. P. M. (1979). *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- Aragão, M. d. S. (2020). Atlás Linguístico da Paraíba. *Acta Semiotica et Linguistica (ASEL)*.
- Brandão, S. (2008). Estudo variacionista sobre a palatalização de /S/ em coda silábica na fala fluminense. *8º encontro do CELSUL*.
- Brescancini, C. (1996). *A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis – uma abordagem não-linear*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- Cardoso, S. A. M., Mota, J. A., Aguilera, V. d. A., Aragão, M. d. S. S. d., Isquerdio, A. N., Razky, A., Margotti, F. W., & Althenhofen, C. V. (2018). *Atlas Linguístico do Brasil*. EDUEL.
- Carvalho, R. S. d. (2000). *Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém*. (Dissertação de Mestrado). Centro de Letras e Artes - Universidade Federal do Pará. Belém.
- Chacon, K. d. A. (2012). *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa* (Dissertação de Mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.
- Core, R. T. (2019-2022). *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing. Recuperado 2021, de <http://www.R-project.org/ELAN> (Versão 6.4). (2022). Nijmegen, Radboud University Nijmegen.
- Gryner, H., & Macedo, A. V. T. (2000). A pronúncia do -s pós-vocálico na região de Cordeiro-RJ. Em *Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. (Pp. 26–51). Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Guedes, S. (2019). Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal: um estudo da fala de migrantes paraibanos em São Paulo. *Domínios da Linguagem*, 13(4), 1401–1432.

- Guirelli, F. d. O. (2018). *O uso variável de artigo definido diante de pronomes possessivos no contato dialetal de migrantes paraibanos em Campinas*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- Guy, G. R. (1981). *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: Aspects of the phonology, syntax, and language history*. (Master Thesis). University of Pennsylvania. Philadelphia.
- Hora, D., & Pedrosa, J. L. R. (2008). Reanálise da consoante em final de palavra: coda ou ataque de núcleo vazio. Em *Portuguê Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. EDUFF.
- Hora, D. d. (1993). Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba.
- Labov, W. (2008 [1972]). *Padrões Sociolinguísticos*. Parábola Editorial.
- Lima, I. d. S., & Lucena, R. M. d. (2013). Influência de variáveis não linguísticas no processo de acomodação dialetal do /s/ em coda silábica por paraibanos em Recife. *Letrônica, Porto Alegre*, 6(1), 161–178.
- Lucena, R. M. (2017). Um olhar quanti-qualitativo sobre o efeito da variável tempo de exposição em fenômenos de acomodação dialetal. *Gragoatá*, 22(42), 62–84.
- Melo, M. A. S. L. d. (2017). *Direcionalidade da mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social*. (tese de dout.). UFRJ. Rio de Janeiro.
- Mendes, R. B., & Oushiro, L. (2012). O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro. *Alfa*, 56(3), 973–1001.
- Oliveira, A. T. R. (2011). Algumas abordagens teóricas a respeito do fenômeno migratório. Em L. A. P. Oliveira & A. T. R. Oliveira (Ed.), *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil* (pp. 11–27). IBGE.
- Oushiro, L. (2015). *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo* (tese de dout.). Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Oushiro, L. (2016). *Processos de acomodação dialetal na fala de nordestinos residentes no estado de São Paulo* (rel. técn.). IEL - Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- Oushiro, L. (2018a). *Projeto Processos de Acomodação Dialetal - Relatório Final* (rel. técn.). Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- Oushiro, L. (2018b). *SILAC: Transcritor fonológico do português* (Versão online (v0.5.1)). <https://oushiro.shinyapps.io/silac/>
- Oushiro, L. (2019a). Linguistic uniformity in the speech of Brazilian internal migrants in a dialect contact situation. Em *Proceedings of the 19th International Congress of Phonetic Sciences, Melbourne, Australia 2019* (pp. 686–690). Australasian Speech Science; Technology Association Inc.

- Oushiro, L. (2019b). Questões e Métodos: vogais médias pretônicas na fala de migrantes nordestinos em situação de contato dialetal. Em *Dimensões e experiências em sociolinguística* (pp. 157–183). Blucher.
- Oushiro, L. (2020a). As variáveis sexo/gênero e indivíduo em situação de contato dialetal. Em *Gênero e Língua(gem)* (pp. 43–65). EDUFBA.
- Oushiro, L. (2020b). Contrasting age of arrival and length of residence in dialect contact. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, 25, 79–88.
- Oushiro, L. (2020c). Múltiplas variáveis na fala de nordestinos residentes em São Paulo. Em *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados* (pp. 53–121). EdPUCRS.
- Oushiro, L. (2022). Non-lexical filled pauses in eh... Brazilian Portuguese dialectal contact.
- Oushiro, L. (no prelo-a). Dialect contact in lusophone communities. Em *The Oxford Handbook of the Portuguese Language*. Oxford University Press.
- Oushiro, L. (no prelo-b). O estudo da fala de migrantes internos: desafios, procedimentos e resultados do Projeto Acomodação. Em *Para o estudo comparativo de variedades do Português: questões teórico-metodológicas e análises de dados*. Mouton de Gruyter.
- Possatti, L., & Lucena, R. M. (2020). Análise do processo de acomodação linguística de falantes cariocas em João Pessoa. *Cuadernos de La ALFAL*, 1(12), 71–86.
- Santos, J. E. G. d., & Oliveira, A. A. d. (2017). Processo de palatalização da fricativa alveolar /s/ na posição de coda silábica na cidade de Palmeira dos Índios-AL. Em *Linguagem Uso e Ensino*. EDUNEAL.
- Scherre, M. M. P., & Macedo, A. V. T. d. (2000). Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o -s pós-vocálico no Rio de Janeiro. Em *Análises Linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo* (pp. 52–64). Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Silva, T. C. (2021 [1998]). *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios* (11^a ed.). Editora Contexto.
- Silveira, G. d. C. P. (2022). *The prosody of speech in a dialect contact situation: a sociophonetic study of the speech of Alagoan migrants in São Paulo* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- Trudgill, P. (1986). *Dialects in Contact*. Basil Blackwell Ltd.

Anexos

Anexo : Roteiro final das gravações de entrevistas sociolinguísticas da Amostra 2

Instruções gerais para documentadores e roteiro da entrevista

(1) Instruções gerais

A coleta de entrevistas sociolinguísticas tem basicamente dois objetivos: (i) obter amostras de fala semiespontânea; e (ii) obter informações sobre o modo/condições de vida e percepções sociolinguísticas dos participantes. Esta amostra selecionará migrantes nordestinos de maneira semialeatória: eles serão contatados a partir de redes sociais (“amigos de amigos”). Para proceder à gravação das entrevistas, os documentadores deverão seguir as seguintes instruções:

Antes da entrevista

- Contatar o participante.
 - Não entrevistar ninguém próximo do convívio diário (parentes, amigos, colegas de trabalho).
 - Entrevistar “amigos de amigo”: procurar, através de seus contatos, outras pessoas que eles conheçam e que sejam participantes potenciais para esta amostra.
 - Entrevistar apenas pessoas que nasceram nos estados do da Paraíba e de Alagoas que se mudaram para o estado de São Paulo após os 10 anos de idade.
- Conversa preliminar
 - Apresentar-se como aluno universitário. Dizer ao participante que está fazendo um estudo sobre as mudanças na vida do migrante para saber um pouco sobre sua vida cotidiana – ou seja, não é nada teórico, nada elaborado. Trata-se de uma conversa sobre as experiências pessoais do participante que ele ou ela esteja disposto a contar.
 - Essa conversa prévia também leva à obtenção de informações gerais (p.ex., se, de fato, o participante corresponde a um dos perfis estabelecidos pelo projeto) e ajuda a “quebrar” um pouco o grau de formalidade.

- Dizer que a entrevista dura cerca de uma hora. Perguntar ao possível participante quando é o melhor dia e horário para ele. É melhor não gravá-lo no mesmo dia se o participante se mostrar pouco disponível. Fazer a entrevista preferencialmente na casa do participante. Caso ele prefira fazer em outro lugar, marque um horário em seu local de trabalho ou em lugar público de fácil acesso a ele.
- Pouco antes da gravação
 - Antes de iniciar a entrevista, escolher um local adequado para desenvolvê-la: evitar locais barulhentos e/ou abertos, sugerir que a TV seja desligada (caso esteja ligada), evitar sentar perto de janelas ou outros locais em que pode haver barulho (p.ex., perto de um ventilador). De preferência, escolher um local acarpetado – a sala normalmente é o melhor lugar para se fazer uma entrevista.
 - Explicar ao participante os objetivos gerais do estudo, apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e obter o seu consentimento para ser gravado. Responder quaisquer dúvidas que o participante possa ter em relação ao estudo. Lembrar o participante que ele tem o direito de se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de penalização ou prejuízo.
 - Pedir que o participante coloque o microfone de lapela em si e, caso seja necessário ajustá-lo, instruir o participante para que ele mesmo o faça ou pedir licença para ajustá-lo. Apesar de o microfone potencialmente aumentar o grau de formalidade da situação, ele é importante para garantir uma boa qualidade de gravação, o que posteriormente facilitará a tarefa de transcrição e possibilitará o desenvolvimento de trabalhos a respeito de fenômenos fonético-fonológicos.

Durante a entrevista

- A regra mais básica é que o documentador fale pouco! O objetivo é proporcionar as condições para que o participante fale, de forma mais natural possível, dentro da situação de entrevista sociolinguística. Para tanto:
 - Escutar o que o seu participante tem a dizer. Mostrar um interesse genuíno pelo que ele está dizendo. Se ele mencionar alguma coisa interessante/pitoresca, pedir que ele fale mais: “Nossa! E como foi isso?”... A sua postura, durante toda a entrevista, deve ser a de alguém que está lá para aprender.
 - Fazer perguntas curtas. Ao mesmo tempo, evitar fazer perguntas cuja resposta é simplesmente “sim” ou “não”; se for fazê-las, ter outra pergunta na ponta da língua para que o participante continue falando? p.ex. “Você gosta de morar aqui? (deixar o participante responder) Por que você escolheu morar nesse bairro?”
 - Evitar interromper o participante enquanto ele está falando e evitar muitas sobreposições de vozes.

- Os tópicos abaixo são apenas para a sua organização, mas a conversa deve fluir. Não falar coisas como: “Agora vamos falar sobre a sua família”. As perguntas da primeira parte do roteiro são sugestões para manter o fluxo da conversa e, por experiência de projetos anteriores, fornecem uma sequência “natural” de tópicos a serem tratados. Ser flexível para explorar temas relacionados que se revelem de interesse para o participante. Por outro lado, as perguntas da segunda parte do roteiro são obrigatórias e devem ser feitas, na medida do possível, na mesma sequência em que são apresentadas.
- As gravações devem durar entre 60 e 70 minutos. Administrar o tempo de forma que dê para cobrir todos os tópicos.

Depois da entrevista

- Após desligar o gravador, pegar informações adicionais da Ficha do Participante e da Gravação que podem não ter surgido durante a entrevista.
- Pedir que o participante preencha o Questionário Socioeconômico, caso se sinta à vontade para isso (ele não é obrigatório).
- Em casa, preencher a Ficha digital do Participante (quanto mais cedo fizer, melhor! As informações vão estar mais fresquinhas!)

(2) Roteiro da entrevista

I. Primeira parte

BAIRRO (aprox. 10 min.)

Objetivos: descobrir o “grau de enraizamento” do participante no bairro onde vive/outras bairros; descobrir padrões de sociabilidade nos diferentes bairros; descobrir o “grau de mobilidade” da pessoa

1. Há quanto tempo você mora nesse bairro?
2. Você gosta de morar aqui?
3. Por que você escolheu morar neste bairro? (manter em mente que o participante pode não ter “escolhido” morar ali: pode ter sido porque a família já morava lá etc.)
 - (a) (Se o participante mora há bastante tempo) Como era o bairro antes/quando você se mudou pra cá? Mudou muito?
 - (b) (Se o participante não mora lá há muito tempo, ou se nem sempre viveu ali) Em que outros lugares você já morou? Como era lá comparado com esse bairro aqui? Onde você preferia morar?
4. Você conhece seus vizinhos?

5. O que esse bairro tem de diferente de outros bairros em Campinas?
6. Aqui costuma haver festas do bairro? Existe algum lugar no bairro em que as pessoas se reúnem?
7. As pessoas se ajudam se por aqui?
 - (a) Se você precisa de ajuda, a quem você recorre? Se você ficar doente, a quem você pode pedir para tomar conta de sua família?
8. Já aconteceu alguma coisa aqui que te fez pensar em se mudar?
9. Hoje, tem algum outro bairro em que você gostaria de morar?

INFÂNCIA (aprox. 5 min.)

Objetivos: falar sobre tópicos menos formais (em geral, as pessoas gostam de falar de sua infância); obter informações sobre grau de mobilidade do participante; obter informações sobre escolaridade

10. E como foi a sua infância em (estado/cidade do participante)? Você pode contar um pouco de como foi, o que você fazia...?
 - (a) brincava na rua/dentro de casa? Do que vocês brincavam?
 - (b) Como eram os seus pais? Eram rígidos...? Você tinha horário para estar em casa?
 - (c) Vocês tinham alguma tradição de família?
11. Você foi pra escola no mesmo bairro? Como era a escola? Você sempre estudou na mesma escola? Você gostava de ir pra escola? Tem algum professor que te marcou? Até que série você estudou?

FAMÍLIA (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do participante, grau de enraizamento no bairro/cidade

12. Você tem irmãos? (é possível que esta informação já tenha aparecido na parte sobre infância; neste caso, falar algo como: “Você disse que tem uma irmã... Você tem outros irmãos?”) Quantos anos eles têm?
13. Onde seus pais nasceram? O que eles acham de sua mudança pra cá?
14. O resto de sua família também vive aqui em Campinas (tios, primos...)? (Se sim, em que bairros? Moram próximo? Se não, onde? Têm contato sempre?)
15. Com quem você mora? / Você mora com alguém?

16. Na sua casa tem criança? / Onde você morava tinha muita criança?
17. Muitas pessoas falam que as crianças hoje são mal-educadas. O que você acha disso?
Você acha que as crianças hoje têm menos respeito pelos adultos?
18. No passado, as pessoas esperavam que as mulheres ficassem em casa para tomar conta das crianças. E hoje, como é isso? Mudou?
 - (a) Na sua casa, os homens ajudam nos afazeres domésticos? O que você acha de um homem ficar em casa e cuidar dos filhos?

TRABALHO/OCUPAÇÃO (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do participante; características socioeconômicas

19. Você trabalha aqui por perto? (se não souber onde a pessoa trabalha)
20. Como você faz para chegar até o seu trabalho? Quais meios de transporte você utiliza?
21. O que você faz? Faz tempo que você trabalha nesse serviço?
22. Você gosta do seu serviço? (Se não, o que a pessoa preferiria fazer?)
23. Você se sente reconhecido no seu trabalho?
24. Você quer alcançar outro cargo? O que você almeja no seu trabalho?
25. Qual seria a profissão dos seus sonhos?
26. Se você ganhasse na mega-sena, o que você faria?

LAZER (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do participante; mobilidade na cidade; características socioeconômicas

27. E nas horas de lazer, o que você e seus amigos gostam de fazer? (Se saem, vão pra que lugares?)
28. Você acha que Campinas tem boas opções de lazer? Quais?
29. A maioria dos seus amigos mora aqui nesse bairro mesmo? (Se não, onde?)
30. Quais são seus amigos mais antigos?
31. Você costuma viajar? Pra que lugares já viajou? Que lugares gostaria de conhecer?
32. Como é (lugar X)?

II. Segunda parte

CAMPINAS (aprox. 15 min.)

33. Você gosta de morar em Campinas? (Se não, em que lugar preferiria morar?) Por quê?
34. O que você acha que caracteriza a cidade (tanto as coisas boas quanto ruins)?
35. O que você acha que caracteriza o paulista (tanto as coisas boas quanto ruins)?
36. Olhando pra mim, você diria que eu sou paulista? Por quê?
37. O que você mais gosta aqui?
38. O que você não gosta aqui? (a depender do tópico mencionado pelo participante - violência, trânsito, poluição etc. - procurar explorar mais o assunto. P.ex.: você já foi assaltado? O que aconteceu? (para obter narrativa pessoal) O que o governo deve fazer pra solucionar esse problema? (para obter uma fala mais distanciada))
39. Pras pessoas que não vivem aqui, como você acha que elas imaginam que seja Campinas? Qual é a imagem que as pessoas de fora têm daqui?
40. Você falou que já foi pra (X, Y, Z). Quando você foi pra esses lugares, as pessoas percebiam que você era (alagoano, sergipano, paraibano... ? a depender do estado de origem)? (Se sim) como elas percebiam?
41. E aqui, as pessoas te reconhecem como (alagoano/paraibano)?
42. O quanto você acha que o nordestino em geral sofre de preconceito aqui em S ao Paulo? Você já sofreu?
43. Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa é (alagoana, sergipana, paraibana... ? a depender do estado de origem)?
 - (a) (Se sim) como você percebe? (Se o participante mencionar o modo de falar, seguir nessa linha e tentar conseguir informações mais precisas. É normal as pessoas não saberem definir o porquê, mas devemos tentar obter descrições mais detalhadas).
 - (b) (Se não) Quando você ouve uma pessoa falando, por exemplo, você percebe que ela é de lá pelo modo de falar?
44. Alguém já falou pra você que você está falando como paulista?

PRODUÇÃO/PERCEPÇÃO/AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA (aprox. 10 min.)

45. Qual o sotaque do Brasil que você mais gosta? E tem algum que te irrita?
46. Como é que (o gaúcho/o carioca/o mineiro/o caipira etc. – perguntar apenas se o participante mencionar outros sotaques que não o nordestino ou paulista (há perguntas específicas pra essas variedades no questionário de identidade)
47. Aqui tem muito migrante, né? De onde vêm a maioria das pessoas? Tem algum bairro específico em que eles se concentram?
48. Dentro de Campinas, você consegue identificar se a pessoa é de alguma região ou bairro específico da cidade? (Se sim) Você poderia dar alguns exemplos?

(Imprimir a lista de palavras para mostrar ao informante.)

LISTA DE PALAVRAS: (somente se o falante não for analfabeto) Apresentar ao informante a lista de palavras e dizer: ?Agora eu queria te pedir pra ler umas palavras. Eu tenho aqui uma lista, e eu queria que voce lesse cada uma delas em voz alta. Voce pode dar uma olhada primeiro, antes de começar a ler.? Esperar que o informante leia a lista de palavras. Depois perguntar:

49. A gente estava falando de sotaques agora há pouco... Como você acha que um campineiro falaria algumas dessas palavras? Tem diferenças?
50. E como um paulistano, alguém da capital, falaria algumas dessas palavras?
51. Tem mais algum sotaque do Brasil que você conhece?

QUESTIONÁRIO DE REDE SOCIAL, HÁBITOS E IDENTIDADE (aprox. 5 min.)

Agora eu queria fazer mais umas perguntinhas mais específicas pra você...

1. Sem contar as pessoas que moram com você, quem são as cinco pessoas com quem você mais convive? De que estado elas são?
2. A maioria dos seus amigos hoje é de (estado)?
 - 1: nenhum amigo é;
 - 2: poucos são;
 - 3: metade é;
 - 4: a maioria é.
3. Você tem vizinhos que são de (estado)?
 - 1: não;
 - 2: sim, alguns;
 - 3: sim, vários.

4. As pessoas com quem você trabalha são de (estado)?
 - 1: não;
 - 2: sim, algumas;
 - 3: sim, várias.
5. As pessoas com quem você trabalha são nordestinas (as que não são do mesmo estado)?
 - 1: não;
 - 2: sim, algumas;
 - 3: sim, várias.
6. Hoje em dia, com que frequência você come comida nordestina?
 - 1: nunca ou quase nunca;
 - 2: pelo menos uma vez por mês;
 - 3: pelo menos uma vez por semana;
 - 4: todo dia ou quase todo dia.
7. Hoje em dia, com que frequência você ouve música nordestina?
 - 1: nunca ou quase nunca;
 - 2: às vezes;
 - 3: quase sempre.
8. Com que frequência você fala com seus parentes e amigos que não migraram?
 - 1: nunca ou quase nunca;
 - 2: às vezes;
 - 3: quase sempre.
9. Com que frequência você volta pra sua cidade/pra visitar parentes no Nordeste?
 - 1: nunca ou quase nunca;
 - 2: com relativa frequência;
 - 3: uma vez por ano.
10. Se você pudesse escolher qualquer lugar para morar, onde moraria?
 - 1: no estado de origem;
 - 2: no Nordeste;
 - 3: no estado de São Paulo;
 - 4: outro lugar.
11. Numa escala de 0 a 10, o quanto você se considera alagoano(a)/paraibano(a) hoje?
(0: nada; 10: muito)
12. Numa escala de 0 a 10, o quanto você já se considera paulista?
(0: nada; 10: muito)

13. Numa escala de 0 a 10, o quanto você se considera nordestino(a)?
(0: nada; 10: muito)
14. Numa escala de 0 a 10, o quanto você acha que o nordestino é diferente do paulista?
(0: nada diferente; 10: muito diferente)
15. Numa escala de 0 a 10, o quanto você acha que o (alagoano/paraibano) é diferente de outros nordestinos
(0: nada diferente; 10: muito diferente)
16. Numa escala de 0 a 10, o quanto você acha que seu jeito de falar é diferente das pessoas que nasceram em São Paulo?
(0: nada diferente; 10: muito diferente)
(a) O que tem de diferente no modo de falar de (estado) e daqui?
(b) E como é que fala o paulista?